

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA  
CONSERVAÇÃO DO RIO POXIM-AÇU NO ENTORNO DO IFS -  
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO: UM ESTUDO COM POPULAÇÃO  
TRADICIONAL RIBEIRINHA**

**LINDAMAR OLIVEIRA DA SILVA**

**2012**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA  
CONSERVAÇÃO DO RIO POXIM-AÇU NO ENTORNO DO IFS -  
CAMPUS SÃO CRISTÓVÃO: UM ESTUDO COM POPULAÇÃO  
TRADICIONAL RIBEIRINHA**

**LINDAMAR OLIVEIRA DA SILVA**

*Sob a Orientação da Professora*  
**Ana Maria Dantas Soares**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ  
Julho de 2012**

363.70098141

S586i

T

Silva, Lindamar Oliveira da, 1960-

A importância da educação ambiental para conservação do Rio Poxim-Açu no entorno do IFS - Campus São Cristóvão: um estudo com população tradicional ribeirinha / Lindamar Oliveira da Silva - 2012.

87 f.: il.

Orientador: Ana Maria Dantas Soares.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 62-69.


1. Educação ambiental - Sergipe - Teses. 2. Ensino agrícola - Sergipe - Teses. 3. Recursos naturais - Conservação - Sergipe - Teses. 4. População - Aspectos ambientais - Sergipe - Teses. 5. Poxim-Açu, Rio (SE) - Teses. I. Soares, Ana Maria Dantas, 1949-. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**Lindamar Oliveira da Silva**


Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/07/2012.



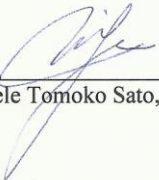
---

Ana Maria Dantas Soares, Dra. UFRRJ



---

Lana Claudia da Fonseca, Dra. UFRRJ

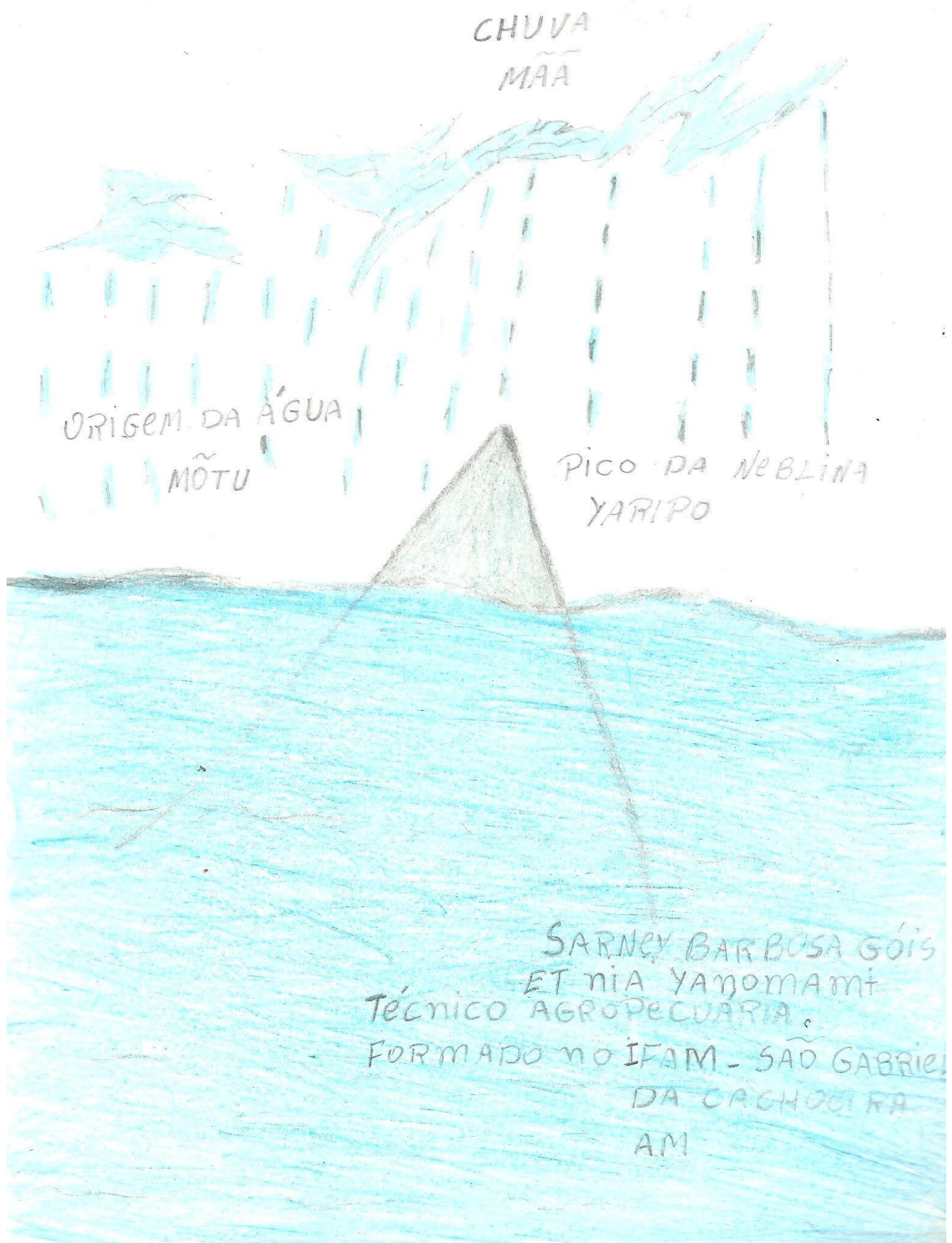


---

Michele Tomoko Sato, Dra. UFMT

*Isso nós sabemos.  
Todas as coisas estão conectadas  
Como o sangue  
Que une uma família...  
O que acontecer com a terra  
Acontecerá com os filhos e filhas da terra.  
O homem não teceu a teia da vida,  
Ele é dela apenas um fio.  
O que ele fizer para a teia  
Estará fazendo a si mesmo*

Ted Perry  
(Inspirado Pelo Chefe Seattle)



CHUVA  
MÃA

ORIGEM DA ÁGUA  
MÔTU

PICO DA NEBLINA  
YARIPO

SARNEY BARBOSA GOIS  
ET NIA YANOMAMI  
TÉCNICO AGROPECUARIA  
FORMADO NO IFAM - SÃO GABRIEL  
DA CACHOEIRA  
AM

## mōtu

xoma omi mōtu uha harinti upē  
parowa kua piēkinarioma, māo axi pata  
ha wāriikuni, yari, kua tiēti wihū ahe  
paowa hitērema, yanomani tēpe xoponopi  
pata tētēwei tēpe no mōtu unti maprarioma,  
koma wihiteri tēpe hēprarioma, pei maki  
tirēwē uprawa ha tararēhēni, ihi maki beha  
tēpe tokurayoma, ihi maki re kua yaripo  
kewaha, ihi tēpe yanomani rē kua hekura  
tēni tēpe kua tokurayoma.

mōtu uhepisipropē, paraurinti  
hekura tē iha wūwē mokomoko a  
nakarema, pēhētini a tēē ha yāprarinti,  
a pausaprat ha hūikiront a xēxēparema,  
kuaat tiēti uhesi pata māu kua  
xwakeherimā, mōtu uhami upē  
parowa kua piē kēraruoma.

SARNEY BARBOSA GOIS

ÉTNIA YANOMAMI

TÉCNICO AGROPECUÁRIA

FORMADO NO IFAM. SÃO GABRIEL DA

CACHOEIRA-AM

## A origem da água

Os velhos assim contam que durante o dia chovia 24 horas, uma chuva grossa ... grossa. No meio da chuva tinha uma tempestade chamada da Temporal. As matas de terra firme, as mentanhas estavam também sendo alagadas e os yanomami que agora em 5 famílias correram para se salvar.

Como a chuva não parava a floresta se alagou toda e muitas pessoas morreram. Muitas pessoas da nossa etnia.

As poucas pessoas que conseguiram se salvar eram da mesma família. Pra se salvar o povo teve que subir a serra mais alta que hoje nosso povo chama Yaripo, (Pico da Neblina).

Pra poder secar tudo o hukura conversou com o espírito da água e ele pediu uma moça bem bonita, a sobrinha do pajé. No dia seguinte o pai começou a pintar a moça com pinturas bem bonitas. Quando ela estava pronta o pai a jogou nas águas e à medida em que ela se afogava as águas iam baixando.

Quando por fim ela se afogou seu espíri-



to se junta ao espírito da água e tudo  
seca.

SARNEY BARBOSA GÓIS  
ETÍMIA YANOMAMI  
TÉCNICO AGROPECUÁRIA  
FORMADO NO IFAM - SÃO GABRIEL DA  
CACHOEIRA - AM

Aos meus eternos tesouros, Francisco (*in memoriam*), Barbra Gabriela e Guilherme Nunes, o meu perdão por tanta ausência, porém com propósito de um futuro comum.

Às Populações Tradicionais Ribeirinhas pela resistência, em especial, às lavadeiras do rio Poxim-Açu do povoado Cajueiro – São Cristóvão/SE.

Às 23 etnias indígenas do rio Negro em São Gabriel da Cachoeira/AM. O meu afeto aos Povos Indígenas Yanomami do rio Cauaboris em Maturacá na Cabeça do Cachorro - São Gabriel da Cachoeira/AM.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo viver, pela maternidade e por mais uma realização neste plano terrestre.

Ao meu anjo da guarda e aos santos de devoção, Senhor dos Passos, São Gonçalo do Amarante, São Francisco, Santos do ciclo junino e natalino. Enfim, a todos os santos, aos Espíritos da Floresta, Entidades e Antepassados.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Dantas Soares, minha querida orientadora, exemplo de determinação no saber e no fazer acadêmico, minha gratidão e respeito, pela confiança, incentivo, atenção, paciência na condução do processo de desconstrução, reconstrução e construção desta pesquisa.

À UFRRJ, universidade do meu coração de estudante, mais uma vez realizando sonhos.

Ao Coordenador do PPGEA, Prof. Dr. Gabriel de Araújo Santos, e à Vice Coordenadora, Prof.<sup>a</sup> Sandra Barros Sanchez, meu respeito pelo incentivo nesta trajetória.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosa Cristina Monteiro, Coordenadora da área de Meio Ambiente, minha admiração e respeito.

Aos componentes da Banca de qualificação, à Prof.<sup>a</sup> Lana, minha gratidão pelo tesourão que me permitiu rever conceitos e metodologia.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michèle Sato pela magnífica oportunidade de tê-la em minha defesa.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Marques, meu carinho pelos ensinamentos e companheirismo.

Aos servidores do PPGEA, pela dedicação durante minha trajetória acadêmica.

Aos colegas de curso que trilharam comigo, em especial, a Silvana Vanessa, Gilberta, Gleicy Regina, Andréia, Tarci e Curumim, meu carinho

Ao prof. Dr. Paulo Sergio Maroti, exemplo de competência e comprometimento, muito obrigada pelos ensinamentos.

Aos componentes do Projeto Sala Verde da UFS, em especial, à professora Dr.<sup>a</sup> Maria Inês, meu respeito.

Ao escritor Antônio Carlos Diegues, pelo encontro e reencontro através de seus escritos com as populações tradicionais.

Ao Dr. Fernando Fleury Curado, pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros - SE.

Ao IFS – Campus São Cristóvão, pela oportunidade que me foi concedida para a realização deste mestrado; aos colegas, amigos e educandos, pela compreensão nos momentos ausentes.

Ao reitor, Prof. MSc. Ailton Ribeiro, pelo apoio concedido.

Ao diretor geral, Prof. Alfredo Cabral, meu apoio pela inserção das lavadeiras, extrativistas e brincantes dos folguedos populares em nossa instituição no Programa Nacional Mulheres Mil.

Ao Prof. MSc. Alberto Acioli Bomfim, ex-diretor geral da EAFSC, pela visão de futuro ao estabelecer o convênio com a UFRRJ – PPGA, para qualificação dos servidores em nível de mestrado.

Ao Prof. MSc. Aelmo, musicista, ex-diretor do IFS - Campus São Cristóvão, pelo apoio incondicional, minha gratidão!

À Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão, Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ruth Sales, pelo incentivo.

A Nara, Gestora Estadual do Programa Nacional Mulheres Mil –Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável /SE, pelo incentivo.

Aos meus irmãos Ruralinos, Prof. Dr. Arão Gomes, Prof. MSc. Augusto Cesar, Prof. MSc. Carmem Lúcia, Prof. Gilmar e Prof. Sergio Filipin e Jussânia Borges, meu eterno carinho.

Às Servidoras, Dona Selma, MSc. Flávia, Mestranda Ana Carla, Rosane, Delma, MSc. Aristela, Vaninha, Rafael, Mestranda Angela e Natalia, pela força, gentileza e atenção às minhas solicitações.

Aos professores Dr Hunaldo, Engenheiro Agrônomo Edilson Ribeiro, MSc. João Bosco, MSc. Zélia, Doutoranda Marinoé, Dr.<sup>a</sup>. Dalmora, MSc. Marize, MSc. Antônio, pelo companheirismo.

Aos educandos do IFS –Campus São Cristóvão, em especial, aos dos curso de Agropecuária.

À População Tradicional Ribeirinha do Quilombo da Mussuca, pela cooperação, reciprocidade, ensinamentos nesta década, especialmente aos brincantes das danças de matriz africana e portuguesa, a todos os ex-educandos e educandos Quilombolas do nosso Campus.

Às minhas amigas, Doutoranda Emilene e MSc. Sheron Joice, meu carinho especial, com quem tive a oportunidade de compartilhar momentos de luta, desejos, curiosidades e materialização de sonho com a pesquisa.

A Deise Rocha, Educadora Ambiental do Projeto TAMAR – Reserva Santa Izabel, brilhante no fazer socioambiental, meu respeito.

Ao diretor do IFAM – São Gabriel da Cachoeira/AM, Prof. Msc. Elias Brasilino, pela maravilhosa oportunidade de vivência de estágio pedagógico, minha eterna gratidão e respeito pelo acolhimento e incentivo na conclusão deste mestrado.

Ao Diretor Presidente da FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Senhor Abrahão, da etnia Baré, e sua equipe, minha eterna gratidão, respeito pelo acolhimento e oportunidade de vivenciar o estágio Profissional.

À Prof.<sup>a</sup> Roberta Enir do IFAM – SGC/AM, por tudo, em especial pelo desprendimento do saber amazônico do povo Yanomami e pela oportunidade da convivência familiar.

À Prof.<sup>a</sup> Letícia, ao Prof. Jocival, de etnia Tucano, parabéns pela presença de povos indígenas na docência na Rede Federal de Educação.

Aos servidores e educandos do IFAM – São Gabriel da Cachoeira – AM, em especial aos de residência interna. Martinho, Graciliano, Eli, Eliezer, Valdemar e o contador de história - o Sarney da etnia Yanomami, pelos ensinamentos e acolhimento meu eterno respeito.

À família Yanomami do Martinho, pela oportunidade de ser madrinha de formatura no IFAM-SGC- AM, pela coragem e determinação para conclusão do ensino formal dos Brancos.

À querida Jeise, servidora do IFAM-Campus Zona Leste-AM, grata por todo apoio.

Aos meus antepassados, em especial meus avós paternos, Dionísio Capistrano e Philomena, pescador e marisqueira das águas sergipanas, com os quais aprendi a conviver em espaços sagrados.

À minha avó paterna, Jacinta Vitorino da Costa, lavadeira do Baixo São Francisco Sergipano.

Aos meus queridos pais, Brazilino e Nedite, por terem me possibilitado a vida, minha gratidão pelo apoio incondicional em minha trajetória familiar, acadêmica e profissional.

Às minhas irmãs, Dansilvia, Maria, Maridélia e Cleones; às minhas sobrinhas, Maria Clara, Débora, Bruna, Maria Luiza e Maria Carollyne, meu incentivo à vida.

Às minhas tias, Zélia e Ivonete, ao meu tio José, e à minha prima Eliane, minha gratidão pelo apoio, acolhimento, abrigo, carinho e confiança nesta luta. Deus proteja seus caminhos.

Ao meu cunhado Edson, o pescador por natureza, pelo apoio nas horas difíceis.

À minha querida amiga e comadre de fogueira, Ana Custódia, pela cooperação de sempre.

Minha memória pede desculpas a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a materialização desta dissertação.

## **BIOGRAFIA**

Nasci em 31/10/1960 em Aracaju/SE, vivi parte da minha infância e adolescência na companhia dos meus avós paternos e maternos, lavadeiras de roupa no Baixo São Francisco Sergipano, pescadores e marisqueiras das águas sergipanas e seus pais, em meio dos manguezais, lagoas, rios e Oceano Atlântico. Acompanhei o desenvolvimento e as transformações socioambiental e cultural ocorridas nas áreas naturais no Brasil e especialmente no estado de Sergipe. Cursei na antiga escola Agrícola Benjamim Constant, em 1978, o curso técnico em Economia Doméstica e, na década de 80, o curso de Licenciatura em Economia Doméstica na UFRRJ. Vivenciei a cultura das águas doces amazônicas do rio Oiapoque, do rio Amazonas, no antigo Território Federal do Amapá e tive convivência com os povos indígenas Galibi Kalina, Galibi Marworno, Palikur e Karipuna, como também com a população quilombola do Curiaú através do Campus Federal do Amapá – UFRRJ – Projeto Rondon.

Ministro a disciplina de Arte e Educação para o ensino médio dos cursos de Agropecuária, Agroindústria, Suporte e Manutenção em Informática e PROEJA no IFS – Campus São Cristóvão, contribuindo nas atividades do curso superior de Agroecologia.

Coordeno o setor de Arte, Saúde e Prevenção do IFS - Campus São Cristóvão, tendo a cultura como ferramenta para prevenção das DST/HIV-AIDS. Hoje sou gestora do Programa Nacional Mulheres Mil, no IFS - Campus São Cristóvão, em fase de implementação, para construção do plano de trabalho para 50 mulheres usuárias das águas doces, lavadeiras de roupa do rio Poxim-Açu e 50 marisqueiras, usuárias de águas salobras, brincantes das manifestações culturais de origem portuguesa e de matriz africana, da cidade histórica de São Cristóvão, tendo a praça São Francisco Patrimônio da Humanidade.

E sou ativista pelas temáticas étnica, socioambiental e cultural com enfoque na arte e cultura popular das populações tradicionais ribeirinhas, dos povos indígenas do Brasil, curiosa com as águas pretas do Rio Negro, e seus povos indígenas, em especial os Yanomami de São Gabriel da Cachoeira, no noroeste do Amazonas. Busquei durante o período de mestrado no IFAM- São Gabriel da Cachoeira e na FOIRN entender a relação dos povos com a “Natureza”, seu sentimento de pertença, sua percepção com as águas, a maior bacia do mundo de águas pretas, suas representações simbólicas, sua identidade, suas formas de extrativismo, seus mitos e sua religiosidade.

## RESUMO

SILVA, Lindamar Oliveira da. **A Importância da educação ambiental para conservação do rio Poxim-Açu no entorno do IFS – Campus São Cristóvão**: Um estudo com População Tradicional Ribeirinha. 2012. 87p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2012.

Buscar a superação de modelos educativos fragmentados, através da utilização de atividades voltadas para a integração dos conteúdos teóricos com a realidade social, foi um dos objetivos dessa pesquisa. O procedimento metodológico escolhido centrou-se numa perspectiva qualitativa, a partir de uma abordagem participativa, possibilitando maior articulação entre os atores envolvidos na problemática socioambiental. Para a pesquisa de campo, numa primeira etapa, foram selecionados estudantes do curso de Agropecuária, em regime de internato e semi-internato, com os quais se desenvolveram caminhadas transversais ao longo do rio Poxim-Açu, trecho que se encontra localizado no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, SE, destinadas à observação da paisagem, realizando o registro fotográfico da dinâmica do rio. Foi caracterizada a problemática ambiental existente, com a presença de lixo, desmatamento, focos de queimadas e a utilização do recurso hídrico de águas doces por mulheres lavadeiras de população tradicional ribeirinha. Essas lavadeiras constituíram o foco do trabalho no momento seguinte da pesquisa, buscando-se a percepção das mesmas sobre a realidade em que se inserem e sobre a importância do rio em suas vidas e na vida da população do entorno. A pesquisa foi relevante pela possibilidade de entendê-las como componente importante para efetiva compreensão da problemática socioambiental, bem como para o reconhecimento da necessidade e das possibilidades de desenvolver ações efetivas de Educação Ambiental, contextualizadas e de forma transversal aos conteúdos das diferentes disciplinas do currículo. Por outro lado, pretendeu-se discutir e reconhecer a importância desse patrimônio natural e o papel da instituição formadora na sua conservação e na sensibilização de sua comunidade sobre as questões socioambientais levantadas, criando um sentimento de pertencimento ao lócus analisado.

**Palavras-chave:** Ambiente, População Tradicional, Educação Agrícola, Água Doce, Patrimônio Natural.

## ABSTRACT

SILVA, Lindamar Oliveira da. **The importance of environmental education in the process of conservation of the river Poxim-Açu surrounding the IFS - Campus São Cristóvão.** 2012. 87p. Dissertation (MSc in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2012.

One of the objectives of this research was to seek the overcoming of fragmented educational models through the use of activities aimed at the integration of theoretical content with social reality. The methodological approach chosen focused on a qualitative perspective, from a participatory approach, allowing greater coordination among the actors involved in the socio-environmental problem. For field research in a first step, we selected boarding and semi-boarding students of Agriculture, with whom we performed walkings along the river Poxim-Açu, stretch that is located in the vicinity of the IFS - Campus São Cristóvão, SE, for the observation of the landscape, making the photographic record of the dynamics of the river. Existing environmental problems were characterized, such as the presence of garbage, deforestation, outbreaks of fires and use of water resources by washerwomen from the traditional riverside population. These washerwomen became the focus of the research in its next step, seeking their perception of the reality in which they live and the importance of the river in their lives and in the life of the surrounding population. The research was relevant because of the possibility of understanding them as an important component for effective comprehension of the socio-environmental problem as well as recognition of the needs and possibilities to develop effective actions for Environmental Education, contextualized and transversely to the contents of different subjects in the curriculum. On the other hand, it was intended to discuss and recognize the importance of natural heritage and the role of the educational institution in its preservation and awareness of its community on environmental issues, creating a sense of belonging to the analyzed locus.

**Key words:** Environment, Education, Agriculture, Water Resources, Natural Heritage.



## **LISTA DE SIGLAS**

ASA – Associação do Semiárido Brasileiro

CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba

EA – Educação Ambiental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAO – Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (Food and Agriculture Organization of the United Nations)

IF – Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

IFS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

MOC – Movimento de Organização Comunitária

PPGEA – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola

REP – Reforma da Educação Profissional

SEMARH – Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Palmeira <i>Syagrus coronata</i> .....	20
<b>Figura 2</b> - Pássaro vulgarmente conhecido por lavadeira.....	30
<b>Figura 3</b> - Lavadeiras do rio Poxim-Açu no entorno do IFS - Campus São Cristóvão.....	31
<b>Figura 4</b> - Mapa mental representando o elemento da natureza, tendo a pedra como espaço para lavar, ensaboar e esfregar as roupas, retirando assim as impurezas impregnadas do cotidiano familiar.....	33
<b>Figura 5</b> - Vista do prédio central do IFS - Campus São Cristóvão ou Colégio Agrícola, como as lavadeiras chamam, dos povoados Cajueiro e Feijão.....	34
<b>Figura 6</b> - Mapa mental de lavadeira tendo a ponte como símbolo de passagem para o direito de fazer parte da educação profissional .....	34
<b>Figura 7</b> - Crianças acompanhando a mãe durante a lavagem das roupas na lagoa Maria Angu nas proximidades do rio Poxim-Açu .....	35
<b>Figura 8</b> - Mulheres jovens, adolescentes e crianças utilizando as águas da bica, águas doces oriundas de uma das nascentes do Rio Poxim-Açu.....	37
<b>Figura 9</b> - Lavadeira em atividade laboral na “presa” ou represa do rio Poxim-Açu .....	37
<b>Figura 10</b> - Mapa mental simbolizando as pedras dentro do rio, utilizadas na lavagem das roupas, e a ausência de vegetação em sua margem, representando a degradação do ambiente.....	38
<b>Figura 11</b> - Mapa mental mostrando o cotidiano das lavadeiras e sua interação com meio ambiente .....	39
<b>Figura 13</b> - Vassouras, bem material e imaterial, confeccionadas por lavadeira artesã, com palhas da palmeira Ouricuri.....	41
<b>Figura 14</b> - Mapa mental mostrando a relação que as lavadeiras possuem com a atividade extrativista da palha do licurizeiro.....	42
<b>Figura 15</b> - Mapa mental representando a vassoura artesanal feita da palha do licuri e sua relação com a natureza .....	43
<b>Figura 16</b> - Igreja de religião católica São José, do povoado Cajueiro .....	44
<b>Figura 17</b> - Resquícios de oferendas para entidades de religiões de matriz africana às margens do rio Poxim-Açu .....	44
<b>Figura 18</b> - Mapa representando a interação da lavadeira com o rio Poxim-Açu .....	46

<b>Figura 19</b> - Mapa mental retratando a interação das lavadeiras com o rio e os produtos oriundos deste que são utilizados para a sua subsistência .....	47
<b>Figura 20</b> - Mapa mental demonstrando a relação de mulheres com os frutos da mata ciliar do rio Poxim-Açu .....	48
<b>Figura 21</b> - Mapa mental representando a relação do rio com a casa das lavadeiras .....	49
<b>Figura 22</b> - Bacia hidrográfica do rio Poxim. Fonte: Moreira, 2006.....	51
<b>Figura 23</b> - Modificações do curso d'água do rio Poxim-Açu. a - Para utilização das águas para a lavagem das roupas; b - barragem para captação de água .....	52
<b>Figura 24</b> - Área desmatada para acesso ao rio Poxim-Açu.....	52
<b>Figura 25</b> - Entulhos encontrados nas proximidades do rio Poxim-Açu.....	53
<b>Figura 26</b> - Educandos do IFS - Campus São Cristóvão que participaram da pesquisa .....	54
<b>Figura 27</b> - Educando em contato com a área degradada do rio Poxim-Açu.....	56
<b>Figura 28</b> - Lixo visualizado durante a caminhada ao povoado Cajueiro, nas proximidades do Rio Poxim-Açu.....	56
<b>Figura 29</b> - Chegada dos educandos com os alimentos arrecadados na comunidade Cajueiro e distribuição desses alimentos a esta comunidade .....	57
<b>Figura 30</b> - Alunos (vestindo o uniforme do IFS) classificados na V Olimpíada Ambiental. 58	
<b>Figura 31</b> - Professora do IFS - Campus São Cristóvão, recebendo a premiação pela classificação em 3º lugar na categoria projeto.....	59

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
1.1	Objetivos.....	3
1.1.1	Objetivo geral .....	3
1.1.2	Objetivos específicos .....	3
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>4</b>
2.1	Educação Profissional no Brasil .....	4
2.2	Instituto Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão .....	9
2.3	A Relação do Homem com a Problemática Ambiental .....	9
2.4	Educação Ambiental.....	11
2.5	Sustentabilidade e Conservação Ambiental .....	12
2.6	Sociedade, Cultura e Pertencimento .....	13
2.7	Percepção Ambiental.....	16
2.8	O Rio Poxim .....	17
2.9	O Rio Poxim-Açu .....	18
2.10	A Arte e a Cultura do Rio Poxim-Açu .....	20
2.11	Populações Tradicionais Extrativistas .....	21
2.11.1	Caiçara .....	21
2.11.2	Os jangadeiros .....	21
2.11.3	Os caipiras .....	22
2.11.4	Varjeiros (ribeirinhos não amazônicos).....	22
2.11.5	Os quilombolas .....	22
2.11.6	Os pescadores .....	22
2.11.7	Os sitiantes.....	23
2.12	Gênero e Formas de Cooperação entre População Usuária de Água Doce.....	23
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>26</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS .....</b>	<b>30</b>
4.1	Caracterização da realidade sociocultural e ambiental das lavadeiras que utilizam o rio Poxim-Açu no trecho do entorno do IFS - Campus São Cristóvão .....	30
4.2	Relatório sobre o nível de degradação do trecho do rio, no entorno do IFS - Campus São Cristóvão .....	50
4.3	O Conhecimento dos Educandos sobre Educação Ambiental e a Importância do Rio para as suas Vidas .....	53

4.4	Ações de Educação Ambiental Visando Subsidiar Debates e Ações Ecológicas, Juntos aos Ribeirinhos, a partir de Dados e Levantamentos Perceptivos. ....	57
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>62</b>
<b>7</b>	<b>ANEXOS</b> .....	<b>70</b>
	<b>Anexo A</b> – Inscrição do IF - Campus São Cristóvão na VI Olimpíada Ambiental Sergipe na Rio + 20: Rumo ao desenvolvimento sustentável - Educação ambiental e população tradicional ribeirinha “Águas do rio Poxim Açú Mirim no entorno do IFS - Campus São Cristóvão”.....	71
	<b>Anexo B</b> – Poema do Educando do IF - Campus São Cristóvão, inscrito na VI Olimpíada Ambiental Sergipe na Rio + 20: Rumo ao desenvolvimento sustentável - Educação ambiental e população tradicional ribeirinha “Águas do rio Poxim Açú Mirim no entorno do IFS Campus São Cristóvão”.....	72
	<b>Anexo C</b> – Textos dos educandos durante as aulas de preparação para a caminhada transversal.....	73
	<b>Anexo D</b> – Mapas mentais - Criação das Lavadeiras de roupa do Rio Poxim-Açu do entorno do IFS - Campus São Cristóvão-SE .....	81
	<b>Anexo E</b> – CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC – 01/2012 Projeto Mulheres Mil ...	83
	<b>Anexo F</b> – Convite para oficina de formação do programa nacional “Mulheres Mil” ..	84
	<b>Anexo G</b> – Certificado de participação da oficina de formação do programa nacional “Mulheres Mil” .....	85
	<b>Anexo H</b> – Termo de cooperação do projeto “Mulheres Mil” .....	87

## 1 INTRODUÇÃO

“... A gente é rico. Rico de água, eu vi na televisão como o povo do sertão vive sem água, é um sofrimento. Essa barragem faz medo, nossa vida vai mudar, tenho medo de morrer se ela quebrar.”  
(Dona Caçula, 75 anos)

Em nossa trajetória de vida, como estudante da então Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, hoje Instituto Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão, a seguir como estudante da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no curso de Economia Doméstica, e depois de várias andanças pelo interior do Brasil, chegando a ser docente da mesma escola onde me formei, voltando, portanto, às raízes, uma questão sempre teve centralidade: a da arte e cultura como possibilitadora de um olhar mais acurado sobre a realidade, de uma aproximação maior entre os sujeitos. Com esse olhar e com as experiências vivenciadas ao longo de nossa trajetória de vida, é que chegamos ao PPGEA, numa significativa volta à Instituição que sempre nos apaixonou e que deixou marcas profundas em nossa formação como pessoa, profissional e cidadã, ansiosa por aprofundar conhecimentos e entrelaçá-los com os anteriormente adquiridos, de forma a poder contribuir efetivamente com a pesquisa a ser realizada, não só para a melhoria da qualidade do ensino no IFS – Campus São Cristóvão, mas para aproximá-lo da comunidade do seu entorno. Comunidade esta da qual faz parte uma população tradicional ribeirinha que precisa estar unida pela força histórica, por seus saberes e fazeres acumulados em seu imaginário, por simbologias das religiosidades, por produzir comidas tradicionais, por produzir artesanato utilitário em fibras naturais, por seus cantos e danças que refletem a alma de seu povo, apresentando sua identidade cultural, inúmeras vezes materializada na praça São Francisco, patrimônio da humanidade.

No decorrer do curso, fomos percebendo a necessidade de aprofundamento em algumas temáticas fundamentais para o conhecimento da realidade da educação profissional no Brasil, compreendendo a sua história e a sua trajetória e verificando as possibilidades que hoje se descortinam; sentimos também a importância de melhor conhecermos as diferentes dimensões que a questão ambiental apresenta nos dias atuais, uma vez que verificamos que o nosso estudo, envolvendo a comunidade do entorno do IFS – Campus São Cristóvão, estudantes e docentes desse estabelecimento, cumpririam um papel de sensibilização e conscientização sobre as problemáticas que ali se estabelecem, de buscar e verificar as possibilidades de uma maior interrelação na direção da superação dessas mesmas problemáticas.

Ao longo das leituras realizadas, pudemos perceber que a discussão sobre a questão ambiental extrapola a simples e mecânica percepção da natureza, enquanto objeto de fascínio pelo homem. No meio científico, consolida-se uma nova percepção de natureza, que é vista não mais como instrumento de dominação, mas na busca de relações de interdependência e de valorização da vida, sugerindo uma conduta mais harmônica com os espaços sagrados, respeitando seus limites e, evidentemente, atentando para as consequências da degradação ambiental (CUNHA, 2006).

A degradação ambiental e o avanço da pobreza no mundo têm sido convertidas em signos mais claros da maior crise social do nosso tempo. A relação das populações, da pobreza e seu ambiente se caracterizam pelo fato de que sua sobrevivência se dá pela como a satisfação de suas necessidades básicas, que dependem exclusivamente da harmonia entre suas práticas produtivas do extrativismo, do manejo, das condições ecológicas e de seus

valores culturais, daí que o conceito de desenvolvimento sustentável adquire seu sentido amplo (LEFF, 2006).

Esse autor, acima referido, afirma que as teorias econômico-sociais que investigam as causas da marginalização e da polarização social na dependência tecnológica, no intercâmbio desigual, na exploração do capital e no colonialismo interno, não adentram as causas ambientais da pobreza: a destruição da base dos recursos naturais, o desenraizamento da população de seu entorno natural, a dissolução de suas identidades coletivas, suas solidariedades sociais, a cooperação mútua e suas práticas tradicionais. Observa ainda que vários projetos na América Latina para tirar os povos de seu atraso, pela capitalização do campo e pelo processo independente de industrialização, não conquistaram apenas fracassos econômicos, mas possibilitaram processos de destruição ecológica e degradação ambiental por terem sepultado os potenciais dos recursos naturais e culturais que durante séculos sustentaram as civilizações dos trópicos americanos, asiáticos e africanos; desorganização que trouxe, como consequência, o empobrecimento das comunidades indígenas e camponesas.

Observamos que lavagem de roupas em rios é sinônimo de construção e reconstrução, de doação, de participação, de divisão de trabalho, de cooperação, de saberes e fazeres, é a sedimentação do patrimônio material e imaterial que vem mantendo-se ao longo do tempo, sendo símbolo vivo de tradições, mitos, tecnologias patrimoniais e sociais, viabilizando negócios relacionados com os ciclos da natureza, elaborados na culminância da relação com o meio natural onde vivem essas pessoas, por meio de ações de interação com a natureza, incorporadas às concepções, percepções, pertencimentos e referências, que servem também de estratégia para conservação da natureza no Brasil, por populações indígenas, ribeirinhas, extrativistas, pescadores artesanais e lavadeiras de rios.

As variadas formas de organização extrativista por populações tradicionais, semitradicionais e contemporâneas são formas de expressões significativas da criatividade e pluralidade cultural da população no Brasil, em especial no Rio Poxim-Açu, no povoado Cajueiro e Feijão, no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, em busca de conquistas pela sobrevivência nos agroecossistemas em que residem, através do amplo e complexo conhecimento sobre a utilização dos recursos naturais atendendo às demandas de suas necessidades.

Na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais existe uma simbiose entre o homem e a natureza, esta unidade é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, em que existe o tempo para pescar, caçar e plantar, marcado, por exemplo, por metas ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições. Aparecendo também em culturas caiçaras, em ribeirinhos de forma menos clara talvez, mas nem por isso menos importante (DIEGUES, 1996).

Os aspectos ambientais que promovem e evocam as questões ecológicas são ferramentas importantes na construção do conhecimento em agroecologia e sustentabilidade.

Podemos constatar que o desenvolvimento sustentável tem como um dos seus significados atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações, como foi compreendido pelo Relatório Bruntland – Nosso Futuro Comum, publicado pela UNESCO em 1987. Nesse sentido, ele pode ter como base a educação ambiental, na perspectiva de contribuir para que as pessoas percebam a natureza em suas múltiplas relações, sensibilizando e conscientizando-as da necessidade de conservação e preservação, possibilitando condições para a participação individual e coletiva nos processos decisórios sobre o acesso e uso dos recursos ambientais. Cumpre destacar que, nas últimas décadas, a terminologia desenvolvimento sustentável tem sido utilizada de forma indiscriminada e em atendimento a variados interesses, a serviço de distintas ideologias. Por ser um termo polissêmico, é sempre importante estarmos atentos ao seu uso e aos significados que lhe são atribuídos, uma vez que tanto pode servir para indicar uma preocupação com as

questões socioambientais que configuram uma determinada realidade, quanto pode estar vinculado a estratégias desenvolvimentistas, ou servir de pano de fundo para *marketing* publicitário, sem qualquer compromisso efetivo com a melhoria da qualidade de vida das populações, sobretudo das excluídas.

Neste trabalho, procuramos verificar as possibilidades de novos olhares sobre o entorno de um campus de Instituto Federal, numa perspectiva de integração dos conteúdos apreendidos em sua relação com a realidade circundante, buscando aproximar os atores dessa mesma realidade e, nessa troca, buscar percepções, saberes e fazeres, outros modos de conhecer e de intervir para a melhoria da qualidade de vida, sobretudo resgatando a história ambiental e a trajetória do rio Poxim-Açu e a sua relevância para as comunidades ribeirinhas ali envolvidas.

O resgate do rio pode significar o resgate da cultura local, o resgate das identidades e sentidos de pertencimento que podem também, caso assim assumidos, revitalizar o ensino, a pesquisa e a extensão, dando também outro sentido à própria formação profissional dos educandos. Um sentido que pode advir do entendimento de uma escola unitária, fundamentada na noção de trabalho como princípio educativo, como atividade teórico-prática, responsável pela transformação da ordem natural em ordem social, enquanto expressão da unidade entre cultura e vida produtiva (KUENZER, 1988).

Um dos recursos naturais de grande importância para o IFS - Campus São Cristóvão e para o Estado de Sergipe é o Rio Poxim-Açu, que tem apresentado fragilidade devido à grande ação antrópica. Sendo uma das mais importantes fontes de água doce do Estado e por seu sistema integrado de valores, crenças e regras de condutas adquiridas pelo convívio social, foram criando uma identidade entre seu povo (os ribeirinhos) e por meio do seu potencial, as lavadeiras.

Partindo deste pressuposto, a participação das comunidades ribeirinhas e escolar pode significar uma perspectiva de resgate e de conservação de valores da cultura socioambiental, tendo como base os recursos naturais locais, sendo um dos principais a água doce.

## **1.1 Objetivos**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Avaliar ações de educação ambiental desenvolvidas em conjunto com educandos e professores que podem auxiliar no desenvolvimento de ações conservacionistas e restauradoras, promovendo a construção do conhecimento com uma visão interdisciplinar.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- Caracterizar a realidade sociocultural e ambiental dos usuários do rio Poxim-Açu no trecho do entorno do IFS - Campus São Cristóvão;
- Elaborar, juntamente com os educandos, um relatório sobre o nível de degradação do trecho do rio, no entorno do IFS - Campus São Cristóvão;
- Estudar o conhecimento dos educandos sobre educação ambiental e a importância do rio para as suas vidas;
- Promover proposta de educação ambiental visando subsidiar debates e ações ecológicas, juntos aos ribeirinhos, a partir de dados e levantamentos perceptivos.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Educação Profissional no Brasil

Para melhor compreendermos a realidade em que estamos inseridos, é importante conhecermos um pouco da história que forjou as bases de uma modalidade da educação considerada nos discursos oficiais como fundamental ao desenvolvimento da nação, mas que ainda hoje sofre os reflexos da discriminação que, ao longo do século, configurou um caráter dual à educação brasileira.

A história da educação profissional no Brasil, de forma mais sistematizada, registra experiências desde 1800, com a adoção do modelo de aprendizagem dos ofícios manufatureiros que se destinava ao “amparo” da camada menos privilegiada da sociedade brasileira. Crianças e jovens eram encaminhados para casas onde recebiam instrução primária e aprendiam ofícios de tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, entre outros (BRASIL, 2009). Segundo Garcia (2000), com a chegada da família real portuguesa em 1808, foi criado o Colégio das Fábricas, sendo considerado o primeiro estabelecimento instalado pelo poder público, objetivando atender à educação formal dos artistas e aprendizes oriundos de Portugal.

A educação profissional no Brasil está marcada historicamente pela dualidade entre educação básica (propedêutica) e profissional. Até o século XIX, não ocorrem registros de ações sistemáticas que possam ser caracterizadas como pertencentes à área da educação profissional. De fato, existia a educação propedêutica para as elites, voltada para a formação de futuros dirigentes (BRASIL, 2007). O que se observa, conforme destaca Soares (2003), é que “no período colonial, não houve qualquer sistematização pedagógica ou estruturação curricular fixada, sendo os ofícios então existentes repassados de “pai para filho”, sempre nas camadas mais pobres da sociedade”. Trabalho manual era sinônimo de trabalho escravo, tendo, portanto, um caráter segregacionista, que depois vai assumir aspectos correccionais/assistencialistas. Na agricultura colonial, predominava o latifúndio e o trabalho escravo.

Segundo Bomfim (2008), a educação profissional brasileira originou-se parcialmente da magnitude das demandas sociais e das políticas relacionadas com o universo do trabalho, mediante a sua atuação que sempre esteve interligada com a formação do capital humano, utilizando-se sempre das classes menos favorecidas. A história indica que o sistema educacional brasileiro apresenta suas principais características relacionadas à separação entre concepção e execução, havendo claramente uma divisão das classes sociais; a educação para a burguesia e a educação para os trabalhadores.

Souza (2010) cita que, no Brasil, esta dualidade consistia na seleção para o acesso às oportunidades educacionais, onde uma parte da população era atendida pelo sistema educacional alcançando os mais elevados níveis de escolaridade, outra parcela era formada para o trabalho técnico especializado e uma terceira parte era direcionada a exercer o trabalho simples, excluída do sistema escolar, até antes da conclusão dos primeiros anos do ensino fundamental.

Na atualidade, com o avanço das forças produtivas e a complexidade política, as possibilidades de acesso à escolarização foram ampliadas: universalizou-se o ensino fundamental, iniciou-se o processo de universalização do ensino médio e a educação profissional é ampliada em todos os níveis e modalidades, embora ainda exista um expressivo contingente das classes populares fora da escola, sobretudo pela dificuldade de permanência.

Momentos históricos de reformas estruturais do país foram marcados pela necessidade de criação de uma força de trabalho nova, preparada para lidar com processos produtivos, como a implantação da indústria de bens de capital a partir da década de quarenta e a indústria de bens de consumo duráveis a partir dos meados dos anos cinquenta. A educação profissional aparecia como o objeto por excelência das iniciativas de reforma promovidas pelo Estado na medida em que prevalecia o padrão de produção taylorista-fordista (ANDRADE, 2010).

Vários autores, inclusive documentos do próprio Ministério da Educação (BRASIL, 2007), referenciam que a origem da educação profissional no Brasil estado brasileiro vem de uma perspectiva assistencialista, objetivando “amparar os órfãos e os demais desvalidos da sorte”, ou seja, de atender a população que não tinha condições sociais satisfatórias, para não continuarem a praticar atos que estavam na contra-ordem dos bons costumes. Wittaczik (2008) afirma a existência de um panorama histórico da educação profissional, desde os tempos remotos da história até o surgimento de novas tecnologias no setor produtivo nas décadas mais recentes. Tratando-se especialmente do Brasil, a formação profissional é realizada por instituições de ensino formal dos setores público, privado e do Sistema S<sup>1</sup>, mantendo íntima relação com os segmentos tecnológicos contemporâneos.

No Brasil, a Educação Profissional foi oficializada em 1909 e sua trajetória histórica encontra-se sintetizada na Tabela 1.

**Tabela 1 - Síntese do histórico da educação profissional no Brasil.**

<i>Ano</i>	<i>Educação Profissional no Brasil</i>
1909	O Decreto-Lei nº 7.5662, de 23 de setembro de 1909, sancionado pelo então Presidente da República Nilo Peçanha, instituiu oficialmente a educação profissional brasileira que, vista como instrumento de capacitação ou adiestramento para atender ao crescente desenvolvimento industrial e ao ciclo de urbanização, tinha caráter assistencialista em relação à massa trabalhadora. Criação de 19 Escolas de Aprendizes Artífices, difundidas com o intuito de preparar gerações vindouras para a continuidade dos ofícios, suprimindo, assim, o mercado produtivo, dominado pela burguesia emergente, formando profissionais advindos das camadas pobres da população. O ensino profissional foi delegado ao Ministério de Indústria e Comércio.
1910	Foram ofertados cursos de tornearia, mecânica e eletricidade, além das oficinas de carpintaria e artes decorativas ministradas nas 19 Escolas de Aprendizes Artífices. Decreto 8.319, de 20 de outubro de 1910 - regulamenta o ensino agrícola em todos os seus graus e modalidades, além de criar a Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária – ESAMV, vinculada ao Ministério da Agricultura.
1930	Instalação de novas escolas superiores para formação de recursos humanos necessários ao processo produtivo (início da Industrialização do Brasil). A partir da década de 1930, o ensino profissional se expandiu no Brasil, incluindo em seu público-alvo, estudantes oriundos de diferentes classes sociais. É um momento histórico repleto de discussões no cenário da educação brasileira, com questionamentos e indicativos sobre um sistema educacional voltado para a maioria da população.
1937	A Constituição de 1937 fez menção às escolas vocacionais e pré-vocacionais como dever do Estado, a quem competia, com a colaboração das indústrias e dos sindicatos econômicos, criar, na esfera de sua especialidade, escolas de aprendizes,

<sup>1</sup>Sistema S é o nome pelo qual ficou convencionado de se chamar ao conjunto de onze contribuições de interesse de categorias profissionais, estabelecidas pela Constituição Federal, dentre elas; SENAC, SENAI, SESI, SESC e SENAR e SENAT.

	destinadas aos filhos de seus operários e associados.
1940	Amplitude de atendimento: criação das instituições responsáveis pela formação de mão-de-obra para os dois principais pilares da economia: a Indústria e o Comércio. Surgimento do chamado Sistema S.
1942	Criação do SENAI (S pioneiro). Lei Orgânica do Ensino Secundário.
1943	Lei Orgânica do Ensino Comercial.
1946	Criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), do Serviço Social do Comércio (SESC) e Serviço Social da Indústria (SESI). Criação da Lei Orgânica da Educação Nacional do Ensino Primário, Normal e Agrícola.
1961	Promulgação da Primeira lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, englobando todos os níveis e modalidades de ensino.
1967	Implementação do Sistema Escola – Fazenda, moldado na perspectiva da “revolução verde” e ancorado na Teoria do Capital Humano.
1968	Criação do Programa de Expansão de Melhoria do Ensino Médio (PREMEM), vinculado ao MEC, cujas atribuições seriam: o planejamento, a execução e o controle de programas elaborados pela Equipe de Planejamento do Ensino Médio - EPEM. Foi responsável por uma série de cursos emergenciais de formação de professores para o ensino técnico, em cooperação com universidades.
1971	Lei 5.692 – Obriga a profissionalização, com caráter de terminalidade no 2º Grau.
1982	Lei 7.044 - de 18 de outubro de 1982, que faz a reforma da reforma do ensino profissionalizante no 2º grau. Ao invés da qualificação para o trabalho, contida no objetivo geral da Lei 5.692/71, passa a ser determinada a preparação para o trabalho como elemento de formação integral do aluno, obrigatória no 1º e 2º graus.
1988	Promulgação da Constituição Federal após longa discussão, sobretudo no interior do fórum em defesa da escola pública.
1990	Criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), do Serviço Nacional do Transporte (SENAT), do Serviço Nacional de Apoio ao Cooperativismo (SESCOOP) e do Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa (SEBRAE).
1996	Lei nº 9394 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional – separa formalmente a Educação Profissional dos Níveis da Educação, contrapondo-se ao projeto elaborado pela sociedade civil organizada que foi discutido desde a promulgação da Constituição Federal. A lei aprovada retratou a primazia do projeto governamental.
1997	Reforma da Educação Profissional – Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997- introdução da modularização e da noção de Competências. O Decreto correspondeu à política neoliberal instalada no país e as exigências dos órgãos internacionais de fomentos.
2000	Edição dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico
2003	Seminário Nacional de Educação Profissional: concepções, experiências, problemas e propostas, convocado pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica - SEMTEC/MEC. A discussão buscou resgatar as propostas do Fórum em defesa da escola pública na LDB, na perspectiva da educação politécnica.

2004	Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, Regulamenta a Educação Profissional que deverá ser desenvolvida por meio de cursos e programas de: Formação inicial e continuada de trabalhadores. Educação profissional técnica de nível médio e Educação tecnológica de graduação e pós-graduação. Embora existam alterações significativas não apresentando grandes avanços na perspectiva do que era defendido pelos educadores.
2008	Lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008 - Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Inicia-se um amplo processo de expansão da rede.

Fonte: WITTACZIK, 2008, p. 79-80.

Desse sintético apanhado histórico, podem-se destacar alguns momentos que traduzem a marca dual já explicitada desde o surgimento dos primeiros esforços de sistematização da educação profissional, ainda no período imperial. Os anos que sucederam à promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, sobretudo em relação à educação Profissional Agrícola, onde estamos situados ao empreender a presente pesquisa, trazem a institucionalização do Sistema Escola-Fazenda, que foi implantado definitivamente em 1967, trazendo uma proposta ideológica calcada na Teoria do Capital Humano, que vincula linearmente a educação ao desenvolvimento econômico, à distribuição de renda, o que acaba por configurá-la como uma teoria do desenvolvimento (SOARES, 2010).

Desde 1966, os Colégios Agrícolas passaram, para atender ao modelo desenvolvimentista, a adotar o modelo de *Escola Fazenda*, que se baseava no princípio: “aprender a fazer, e fazer para aprender” (BRASIL, 1985).

Era fundamental que os alunos aprendessem a nova racionalidade técnica da produção e para tal todo um aparato pedagógico, em termos de base física e metodologia, começa a ser implementado e vai atingir a sua plena consecução após a LDB de 1971. Toda essa estruturação do ensino alinha-se aos postulados defendidos pelas agências e organismos internacionais que vinham financiando programas e projetos no setor educacional, desde os anos 40, bem como atende aos interesses urbanos-industriais associados aos legitimadores do golpe militar de 64. (SOARES, 2010, p. 49).

Outro destaque merece a implantação em 1997 da Reforma da Educação Profissional (REP), a partir da edição do Decreto 2.208, que se seguiu à promulgação da Lei 9394, de 1996, de Diretrizes e bases da Educação Nacional e que representa a volta à dualidade estrutural e ao ideário da Teoria do Capital Humano, agora revisitada em outros delineamentos e que introduz na estrutura curricular a noção de competências e de modularização, fragilizando ainda mais a formação a ser oferecida e reativando de forma bastante enfática a dualidade formação geral – formação profissional.

Nas últimas décadas, vivenciamos grandes mudanças na formação para o trabalho em todo o mundo. Tais mudanças ocorreram com a hegemonia do receituário neoliberal como paradigma regulatório da ordem capitalista de produção e reprodução social da vida material no mundo globalizado (SOUZA, 2010).

De acordo com as fontes oficiais, no início do século XX surge uma novidade para a educação profissional do país, quando houve um esforço público de sua organização, modificando a preocupação mais nitidamente assistencialista de atendimento a menores abandonados e órfãos, para a da preparação de operários para o exercício profissional (BRASIL, 2007).

Com base na legislação educacional brasileira vigente e diante do compromisso das instituições de ensino em gerar saberes coletivos e flexíveis, sintonizados com as novas bases

e novas formas de organização produtiva, fundadas na produção e difusão de inovações de cunho tecnológico, a educação por competência é considerada como uma metodologia adequada à educação profissional (WITTACZIK, 2008). Mesmo com toda a discussão que gerou a implantação da REP, com contribuições teóricas importantes questionando o modelo de competências e o sistema de modularização proposto por aquela reforma, (destacando-se intelectuais como: Frigotto, Maria Ciavatta, Acácia Kuenzer, Lucia Neves, Marise Ramos, Helena Hirata, Domingos Lima Filho, dentre outros), a legislação que se sucede à REP ainda guarda um forte direcionamento de formação para o mercado e a marca das competências ainda se faz notar, conforme constata os intelectuais citados e ainda e outros que vem se debruçando sobre esta temática. Entretanto, cumpre destacar que houve avanços substantivos com a rearticulação da formação profissional ao ensino médio regular, com uma oferta integrada.

As políticas de educação profissional do Governo Lula apresentaram uma trajetória controversa entre as lutas da sociedade, as propostas de governo e as ações e omissões no exercício do poder. Partindo-se da revogação do Decreto n. 2.208/97, principal regulamentação da educação profissional no governo anterior, cujo processo expressa a disputa por hegemonia nesse campo, observa-se a contradição da proposta de lei para a educação profissional, ao invés de retomar o debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases na direção de uma reformulação profunda e orgânica (FRIGOTTO *et al.*, 2005).

Observe-se que a Educação Profissional na última década tem sido temática de discussão no meio científico e bastante difundida no Brasil, a partir da grande expansão por que passou o sistema, a partir da segunda metade dos anos 2000. Torna-se importante que os profissionais atuantes na área aprofundem seus conhecimentos sobre a temática, de grande relevância, para que possam compreender o processo histórico dessa modalidade, bem como para a melhor compreensão dos fatores internos e externos que levam o Estado e a sociedade privada a repensarem políticas, projetos e programas voltados para o ensino profissionalizante (BELONI *et al.*, 2009).

Ao trilharmos a história das políticas públicas para a educação profissionalizante no Brasil, afirmamos que o direcionamento que tem sido aplicado ao ensino técnico tem apresentado uma tensão entre o entendimento do papel do técnico e da educação técnica registrada na legislação em vigor e a compreensão que vem sendo desenvolvida sobre o papel da ciência, da técnica e da formação profissional, conforme destaca Soares (2010). A autora menciona ainda que não aconteceu mudança paradigmática no campo da ciência, nem no campo da política. De fato, ocorreu no campo político/legislativo uma “revolução passiva” que não permitiu a participação popular na definição das diretrizes e bases da educação nacional, tornando-se assim uma “transformação pelo alto” (COUTINHO, 1990 apud SOARES, *id*, *ibid*). Essas categorias utilizadas por Gramsci demonstram que mesmo dentro do capitalismo instalado e já no seu esgotamento, continuam a se dar esses processos de revolução passiva, na tentativa de manter a hegemonia do bloco de poder dominante (SOARES, 2003).

Em 2008 é editada a Lei n. 11.892, de 29 de dezembro, que cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia no contexto de expansão e valorização da educação profissional que vinha sendo apresentada pelo Governo Lula no Brasil, desde 2003, por meio de um plano estrutural de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. A meta era que, em 2010, teriam passado de 140 para 354 instituições de ensino. Nesse contexto, aparece a proposta de constituição de 38 Institutos Federais para integrar a maior parte dessas unidades de ensino, a partir do exercício de 2009, quando a Rede chegaria ao seu centenário (FERNANDES, 2009).

Os desafios que estão colocados com o estabelecimento dos Institutos Federais (IF), com uma expansão nunca vista no país, e a criação de campus em todos os Estados e em

idades muitas vezes com condições precárias, mas ávidas por possuir estabelecimentos públicos que ofereçam todos os níveis de educação, inclusive o superior, são imensos. Destaque-se a necessidade de planejar-se para tratar de forma articulada seus projetos de cursos, nos diferentes níveis; qualificar seu corpo docente (técnica e pedagogicamente), desenvolver ensino, pesquisa e extensão, na perspectiva da melhoria da qualidade de vida da população e do desenvolvimento científico e tecnológico necessário para o país.

Nesse contexto e na perspectiva de superar a dualidade histórica que marcou o ensino profissional desde os seus primórdios, a comunidade dos IFs estará com a responsabilidade de superar a lógica do mercado e construir coletivamente uma lógica emancipatória, através de uma formação integral que privilegie não só a formação intelectual, mas os aspectos estéticos, físicos, sociais, morais e afetivos.

## **2.2 Instituto Federal de Sergipe - Campus São Cristóvão**

O Instituto Federal de Sergipe (IFS) – Campus São Cristóvão é a única instituição de ensino do Estado que possui cursos técnicos na área agrícola, seu campus localiza-se no município de São Cristóvão (BOMFIM, 2008). Começou suas atividades em 1924, oferecendo cursos de aprendizes e artífices para crianças e adolescentes com problemas de ajustamento emocional, sendo chamado nessa época de Patronato São Maurício. Teve o nome alterado em 1926 para Patronato de Menores Francisco de Sá, em homenagem ao ministro da viação do governo da época. Em 1931 passou a ser Patronato de Menores Cyro de Azevedo. Foi federalizado em 1941, transformando-se em Aprendizado Agrícola de Sergipe, passando em 1939 para Aprendizado Agrícola Benjamim Constant, oferecendo cursos de ensino rural com duração média de 03 anos, a partir de 1943 (NASCIMENTO, 2004).

Sofreu modificações novamente em 1946, com a implementação da Lei Orgânica do Ensino Agrícola, em 1946, passando a ser chamado de Escola de Iniciação Agrícola Benjamin Constant, oferecendo cursos de Iniciação Agrícola, com duração de dois anos e Mestria Agrícola, que durava três anos. Em 1952, passa a ser a Escola Agrícola Benjamin Constant, e com essa mudança têm início os cursos em nível técnico de ensino na modalidade agrícola, mantendo os cursos técnicos em Agropecuária e Economia Doméstica. Sofreu nova alteração no nome em 1964, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1961, passando a ser chamado de Colégio Agrícola Benjamim Constant. Em 1979 passa a ser chamado de Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (BOMFIM, 2008). Com a modificação para atender a legislação de 2007, o IFS possui cursos da área agrária nos Campi de Nossa Senhora da Glória, Itabaiana e São Cristóvão.

## **2.3 A Relação do Homem com a Problemática Ambiental**

Ao nos dedicarmos a compreender a formação de um Técnico em Agropecuária, observamos que especial importância deve ser dada às questões relativas à inserção desse profissional em sua relação com o ambiente. O trabalho a ser desenvolvido por um profissional que atua especialmente no meio rural não pode estar descolado de uma visão sobre as relações ser humano-natureza-sociedade.

Durante os milhões de anos em que se deu o processo de formação do planeta ocorreram significativas mudanças ambientais e climáticas. Ao longo desse processo várias espécies de animais e vegetais foram extintas, novas espécies surgiram e o homem, ao longo de seu processo evolutivo tornou-se um ser dominador e predador, sendo responsável, principalmente nos tempos atuais pela extinção da biodiversidade (conf. SOARES. 2005).

O fato de pensarmos na natureza como sendo a morada da espécie humana nos ajuda a entender o meio ambiente como um espaço comum, habitado por diferentes indivíduos, diferentes grupos sociais e diferentes culturas. Como todos nós compartilhamos o ar e as águas, esses elementos da natureza são coletivos e pertencem a todos. Desse modo as agressões ao meio ambiente afetam às pessoas que dele dependem para viver e trabalhar. (SCOTTO, 1997).

A água está presente em toda a biosfera e uma das hipóteses mais prováveis para o surgimento da água em nosso planeta está fundamentada no fato de que a terra era uma grande bola incandescente. Durante seu resfriamento formaram-se grandes quantidades de vapor de água que subiram à atmosfera. Estes vapores, ao se resfriarem na própria atmosfera, transformaram-se em água no estado líquido, com formação das chuvas que originaram toda essa massa de água em nosso planeta (IBAMA, 1998).

O Brasil detém um dos maiores volumes de água doce da terra, representando em média 57% do potencial hídrico da América do Sul e 12% do total mundial. Em linhas gerais, 80% do volume total está localizado na região amazônica. Os 20% do restante se dividem desigualmente, atendendo a 95% da população (REBOUÇAS, 1991; BRASIL, 1997 apud ANDRADE, 1998). Sabemos que é muito relevante a quantidade de água potencialmente utilizável no Brasil e no mundo. Os dados revelam um quadro avassalador e preocupante no tocante ao manejo necessário à conservação e à racionalização deste patrimônio, um bem comum (VASCONCELOS, 2003).

Segundo Dias (2005), nosso maior desafio para a sustentabilidade dos humanos na terra é a prática da ética e dos valores humanos; não estabelecemos a menor possibilidade de desenvolvimento de sociedades sustentáveis, sem assumirmos o compromisso com a nossa evolução espiritual. A tecnologia e os valores econômicos não adquirem resposta para linguagem da natureza, portanto a possibilidade de soluções para a maioria de nossos problemas e desafios estabelecem, antes de tudo, ferramentas espirituais.

Assim, para pensar soluções para os problemas e os conflitos ambientais, é importante discutir o próprio modo como nossa sociedade se organiza; para que a “crise” do meio ambiente seja superada, é preciso que haja a restauração e consolidação dos direitos a um meio ambiente saudável e equilibrado (SCOTTO, 1997). Observa-se que esta é uma crise civilizatória, portanto com amplitude e desdobramentos significativos para toda humanidade.

Para Carvalho (2004), a promoção de um olhar mais atento sobre sociedade-natureza e sobre a arena de conflitos socioambientais, possibilita a percepção de uma teia emaranhada de grupos sociais no campo e na cidade a exemplo de pescadores artesanais, ribeirinhos, catadores de coco babaçu, seringueiros, povos indígenas, trabalhadores afetados por condições insalubres de trabalho, associações de moradores em defesa de espaços verdes de lazer e convivência em seus bairros, catadores e recicladores, grupos de mulheres que resgatam conhecimentos populares sobre plantas medicinais, entre tantos outros grupos que lutam por legitimar formas de usos dos bens ambientais, de acesso a eles e de convivência e interação com o ambiente, assim com os saberes correspondentes.

Castello (1994) afirma que a percepção ambiental pode auxiliar em projetos de restauração ambiental, sendo para tanto importante identificar o significado do ambiente para a população do local de estudo.

Além da percepção ambiental, é necessário que exista uma relação de pertencimento do homem com o ambiente. Para Mourão (2005, p. 2):

A degradação socioambiental se traduz na perda dos saberes práticos que sustentavam as relações de mútuo pertencimento entre o humano e o seu meio. A noção de pertencimento que aparece nos discursos e práticas de EA não é um conceito que já se encontre formal e racionalmente definido, do qual seja possível identificar uma nítida trajetória. Pelo contrário, trata-se de

uma noção fluida e escorregadia, utilizada quase sempre de modo superficial e ingênuo.

Para Jacobi (2003), os problemas ambientais podem ser atribuídos às instituições sociais, aos sistemas de informação e comunicação e aos valores adotados pela sociedade, sendo necessário estimular a participação da sociedade de forma mais ativa nas questões ambientais, de forma a estabelecer um conjunto socialmente identificado de problemas, objetivos e soluções.

Sabemos que o meio ambiente disponibiliza aos seres vivos as condições primordiais para a sua sobrevivência e evolução, a sociedade humana não se sustenta sem água potável, ar puro, solo fértil e sem clima ameno, e também sabemos que não há economia sem um ambiente estável. Os humanos ainda não compreenderam que, ao desenvolver suas atividades socioeconômicas, destroem de forma irracional as bases de sua própria sustentação na terra. Não percebem que dependem de uma base ecológica para sua vida e de seus descendentes e vivem como se fossem a última geração no planeta (DIAS, 2004).

## 2.4 Educação Ambiental

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, nascido na Jornada Internacional de Educação Ambiental, que ocorreu no Fórum paralelo à Eco-92, a partir de uma consulta internacional, apresenta uma série de princípios, dentre os quais destacamos aqueles que consideramos possuírem maior relação com a nossa proposta de trabalho, uma vez que nos identificamos e inspiramos ao realizar o trabalho de pesquisa. São eles:

- A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social;
- A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar;
- A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas;
- A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente tais como população, saúde, democracia, fome, degradação da flora e fauna devem ser abordados dessa maneira;
- A educação ambiental deve estimular e potencializar o poder das diversas populações, promover oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isto implica que as comunidades devem retomar a condução de seus próprios destinos;
- A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimentos. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado;
- A educação ambiental deve promover a cooperação e o diálogo entre indivíduos e instituições, com finalidade de criar novos modos de vida, baseados em atender as necessidades básicas de todos, sem distinções étnicas, físicas, de gênero, idade, religião ou classe social;

Esses princípios acima destacados nos permitem entender a Educação Ambiental, em suas múltiplas facetas e optar por uma reflexão-ação crítica e emancipatória, uma vez que concordamos com Michele Sato quando, em entrevista realizada em 2007<sup>2</sup>, afirmou que:

---

<sup>2</sup> Entrevista concedida ao Blog de Fabio Deboni, em 15 de junho de 2007, publicada em: <http://fabiodeboni.blogs.sapo.pt/10343.html>.



A Educação Ambiental não é uma ilha isolada do sistema e não pode ser vitoriosa isoladamente, do contrário, estaremos sendo cegos em promovê-la sem diálogos abertos com as sociedades sustentáveis que desejamos construir.

De acordo com Jacobi (2005, p.243):

As premissas teóricas em torno do diálogo de saberes entre educação e meio ambiente, nas suas múltiplas dimensões e como campo teórico em construção, têm sido apropriadas de formas diferentes pelos educadores ambientais, que buscam uma nova transversalidade de saberes, um novo modo de pensar, pesquisar e elaborar conhecimento, que possibilite integrar teoria e prática.

Sato (2004) entende que a EA possibilita o dever de buscar sua eterna recriação, avaliando seu próprio caminho no encontro da convivência coletiva e da relação da sociedade diante do mundo com indivíduos atentos, num olhar fenomenológico, significando avaliação de si próprio no encontro da identidade individual (ser humano), buscando a aprendizagem coletiva da alteridade (sociedade) e, desta justaposição, construir a interação de fato com o mundo (oikos), significando que os humanos devem observar na EA, um conjunto de relações sociais que possibilita a dinâmica do mundo ou planetária.

É necessário refletir sobre as práticas sociais, suas ações sobre a degradação ambiental e como a educação ambiental está envolvida nesse cenário. As temáticas ambientais tornaram-se uma questão que envolve um conjunto de atores do universo educativo, potencializando o engajamento dos diversos sistemas de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações que ocorrem entre o homem e a natureza, buscando analisar os determinantes do processo, o papel de todos os envolvidos, buscando sempre a sustentabilidade (JACOBI, 2003).

E trazendo a poética contribuição de Sato (id 2007), quando, na entrevista já referida, lhe é perguntado como espera ver a educação Ambiental daqui a dez anos, ou seja, no hoje em que esta pesquisa se apresenta, ela sabiamente responde que *“qualquer que seja a temporalidade, que ela supere a tirania do calendário imposto por Chronos e roube o mito de Kairos, igualmente senhor do tempo, mas que falava em tempo pelo ritmo dos corações e não de relógios”*.

## **2.5 Sustentabilidade e Conservação Ambiental**

As questões ambientais e, em especial, as relacionadas à conservação da natureza, estão entre as mais críticas para a humanidade neste milênio, estão afetando drasticamente as condições de sobrevivência da vida planetária e as relações entre grupos sociais e sociedades (DIEGUES, 2000).

O desenvolvimento sustentável (por muitos denominado atualmente como economia verde) é mais que uma simples relação ecológica e econômica, abrange outros conhecimentos, onde o saber ambiental passa pela diversidade no conhecimento da realidade e saberes dentro de diferentes ordens culturais e étnicas (LEFF, 2001). Como já destacado na introdução desta dissertação, o termo desenvolvimento sustentável envolve diferenciadas interpretações/conceituações, a depender da concepção de mundo e de sociedade adotada por intelectuais, governos e instituições. Em nosso entendimento, optamos, numa perspectiva crítica, no sentido de que:

Pensar em desenvolvimento sustentável é pensar no *atendimento* às necessidades dos grupos sociais, reconhecendo as diferentes formas de organização e sua articulação com as demandas maiores do conjunto da sociedade, bem como o *entendimento* de que os problemas sócio-ambientais estão situados para além das questões da técnica e apesar dela, e que para enfrentá-los é primordial a formação de atitudes críticas frente ao modelo de sociedade sustentado pelo *império da técnica*. (SOARES *et al.*, 2004, p.9).

São visíveis as tensões entre desenvolvimento e conservação do meio ambiente, e o crescimento econômico é um dos fatores de questionamento do conceito pelas organizações ambientalistas (JACOBI, 2005).

O mesmo autor, acima referido, em outra obra, menciona que:

Trata-se de promover o crescimento da consciência ambiental, expandindo a possibilidade de a população participar em um nível mais alto no processo decisório, como uma forma de fortalecer sua co-responsabilidade na fiscalização e no controle dos agentes de degradação ambiental (JACOBI, 2003, p.192).

O desenvolvimento sustentável prevê ações de educação ambiental como instrumento de melhoria da qualidade de vida, a partir da formação de cidadãos conscientes de sua participação local no contexto de conservação ambiental global, relacionando-se com a salvaguarda das gerações futuras, para garantir-lhes a perpetuação de recursos e condições favoráveis de sobrevivência, segundo medidas ecologicamente corretas, economicamente viáveis e socialmente justas. Sendo assim, o termo sustentável deve ser visto como a capacidade da humanidade continuar existindo (HAMMES, 2002).

As questões ambientais forçam os seres humanos a discutir e contabilizar as agressões que está causando ao meio ambiente, com a utilização dos recursos naturais para a produção de bens e serviços à sociedade, sendo necessária para a manutenção dos recursos a implantação de programas que objetivem a sustentabilidade (CUNHA, 2006).

Para Ferrero (2004), a humanidade é parte de um universo mais amplo em processo de rápida evolução. A terra, casa nossa, repleta de vida, que abriga uma comunidade e a natureza, com suas forças, fazem da existência uma aventura transcendental e incerta, mas esta terra fornece condições para a evolução da vida. A capacidade de recuperação da comunidade dos seres vivos e o bem-estar da humanidade dependem da preservação da saúde da biosfera, de seus sistemas ecológicos, da rica variedade vegetal e animal, da fertilidade do solo, da pureza do ar e das águas. Este meio ambiente global, com seus recursos limitados, pertence a todos os povos. A preservação da vitalidade, diversidade e magnitude do planeta terra é compromisso sagrado.

## **2.6 Sociedade, Cultura e Pertencimento**

Para Ismerim (2005), a ciência moderna se caracteriza em torno de três eixos: a oposição homem e natureza, a oposição sujeito e objeto e o paradigma atomístico individualista. É necessário romper com a oposição marcante existente no pensamento ocidental entre o homem, a cultura, a história de um lado e a natureza do outro. A dicotomia entre as ciências humanas e da natureza leva ao isolamento das descobertas feitas em qualquer um dos lados. Essa concepção de mundo das diferenças sempre presente no pensamento ocidental tende a justificar a dominação do homem sobre a natureza e de alguns homens sobre outros homens. A ciência, a sociedade e a cultura contemporânea necessitam de um novo conceito de natureza e conseqüentemente de homem.

Na sociedade atual vivemos uma crise ética pela forma como o homem tem se relacionado com a natureza, degradando o meio ambiente fundamentado na lógica utilitarista que permite visão fragmentada da realidade (SILVA e CONDURRU, 2005).

A cultura pode ser definida como a capacidade de atribuir significados a uma realidade, quer seja natural ou construída por uma comunidade e as ações que a mesma pratica. Esses conhecimentos são repassados através das diversas gerações, sendo específicos de um povo, ou de um grupo, por isso podem ser imensamente diversificados e modificam-se de acordo com as transformações que as comunidades sofrem ou podem sofrer em cada geração, podendo absorver novos conhecimentos e ocorrer perda de outros.

Para Marconi (1992), os antropólogos vêm elaborando inúmeros conceitos sobre a cultura, mais de 160 definições, assim não chegando a um consenso sobre o significado exato da terminologia. Para alguns, cultura é comportamento aprendido; para outros, não é comportamento, mas abstração do comportamento, bens materiais e imateriais. Ainda na interpretação de Marconi (1992), a cultura tem a arte como uma característica universal, encontrando-se presente em todos os agrupamentos humanos, nos mais simples e isolados, em todas as épocas e todos os tempos, nos quais o homem empenhou-se na busca da beleza, usando sua imaginação criadora, sendo capaz de simbolizar os próprios humanos e conferir significados e sentidos às palavras e aos fenômenos do cotidiano. São culturalmente determinados e fazem parte do mundo de idéias, as quais levam a simbolizar, ou seja, a adotar valores e sistemas de símbolos, utilizados para aquisição e transmissão de conhecimentos.

Em nosso entendimento, cultura é o modo de ser, de viver, imbuído de saberes e fazeres, conhecimentos estes passado de geração para geração, com a presença constante da arte que lhe dá sentido e forma em constante processo de transformação.

Devemos levar em consideração a dinâmica cultural que está permanentemente em processo de construção e reconstrução. O entendimento da diversidade cultural ajuda a situar comunidades tradicionais e semitradicionais e a entendê-las no passado e no presente (DANTAS, 1999).

Segundo Pinho (2004), os estudos culturais têm mostrado que a cultura não é simplesmente um “acervo”, um conjunto de valores, práticas, modos de ser, de pensar e de agir; muito mais que isso, ela é um sistema indefinido, em permanente atualização; conflitos negociados nas relações sociais que se estabelecem entre grupos, sujeitos e subjetividades. Isso implica que os sentidos das coisas não estão prontos, acabados, terminados, permanentes; eles são constantemente negociados (afirmados, silenciados, reelaborados), nas indefinidas redes de significações a que são submetidos. Dessa forma, as ideias não são apenas formas de expressar os significados do mundo; elas podem ser vistas como sistemas que demarcam e moldam como se deve ver o mundo, que possibilidades são disponíveis.

O termo “cultura”, no clássico texto *Culture*, o historiador Raymond Williams, vai buscar o sentido da palavra no uso que tinha na antiguidade, quando era um substantivo que denotava um processo, ou seja, a cultura (significando o cultivo) de cereais, ou a cultura (significando a criação) de animais. No século XIV, esse sentido recebeu uma extensão metafórica e a palavra passou a designar o cultivo da mente humana. E no fim do século XVIII, quando os alemães emprestaram dos franceses essa palavra (grafando-a inicialmente como *Cultura*, e depois como *Kultur*), ela adquiriu o sentido do modo de vida particular de um povo. No século XIX, o plural, culturas, tornou-se especialmente importante com o desenvolvimento da antropologia comparada, disciplina na qual a palavra continua a designar modos de vida específicos (CAPRA, 2002).

Cada vez mais vem sendo demonstrada a importância dos grupos culturais na definição da identidade. O fato de participarmos, na vida contemporânea de variados e diferentes grupos, entretanto, complexifica essa questão, pois nos coloca novos desafios na

construção do processo de identificação. A identidade, assim, passa a ser síntese do processo eu-sociedade, num jogo de influências e pressões diversas. O sujeito não se torna consciente de si, sem a identificação do que os outros dizem a seu respeito. Assim, identidade é também representação (PINHO, 2004).

O estudo dos remanescentes culturais é de fundamental importância para que se tenha um conhecimento real de como viveram ou mesmo pensaram nossos antepassados. Partindo do pressuposto de que estes remanescentes culturais, de certo modo, foram responsáveis pela transmissão e preservação do conhecimento e mesmo da orientação das pessoas dentro de seus ambientes, social, natural e construído, em uma sociedade onde a escrita ainda não existia, muitas hipóteses podem ser levantadas sobre a cultura e modos de vida dessas populações no passado (VERGNE *et al.*, 2006).

A construção do “eu” acontece em relação com o “outro”, mediada pelos valores, pela história e pela cultura; são as semelhanças e as diferenças que determinam o pertencimento (LUCA, 2002).

Pensar em identidade nos leva a refletir sobre a relação indivíduo-sociedade para definir “quem sou eu?”. A resposta a essa questão, evidentemente, não é a única e nem sempre foi a mesma. Ao longo da história, os homens deram a ela diferentes respostas. A identidade é entendida como uma representação de si, que não é fixa, que se move na relação com os outros e o mundo. Para entender a identidade é preciso entender o psiquismo humano. A identidade não se faz sem o outro. A identidade se refere ao psiquismo humano e a capacidade de se representar e representar o outro, já que a identidade não se faz sem o outro, sem a alteridade (PINHO, 2004).

Do ponto de vista antropológico, a identidade é construída, principalmente, a partir de dois elementos básicos: as características presentes no espaço territorial ocupado e o conjunto de símbolos e signos linguísticos, códigos, normas (moral e ética), objetos, artefatos, costumes, ritos e mitos (religião, folclore, música, culinária, vestimentas etc.) aceitos e praticados coletivamente, capazes de distinguir um determinado grupo social dos demais. O desenvolvimento de produtos artesanais de referência cultural significa valer-se de elementos que reportem o produto ao seu lugar de origem, seja através do uso de certos materiais e insumos ou técnicas de produção típicas da região, seja pelo uso de elementos simbólicos que focam menção as origens de seus produtores ou de seus antepassados. A utilização de cores da paisagem, suas imagens prediletas, sua fauna e flora, retrata os tipos humanos e seus costumes mais singulares, assim como a utilização de matérias-primas disponíveis na região e as técnicas que foram passadas de geração em geração. A estas diferenças dá-se o nome de identidade cultural. Conhecer suas origens, seu passado e sua história é o ponto de partida para construção da identidade (SEBRAE, 2004).

Ao trazermos essas questões para o âmbito do chamado mundo rural, os dados são reconhecidos oficialmente e apontam para um importante campo de reflexão, à medida que provocam questionamento a respeito do viver da população rural. Tais números estão a exigir um estudo sobre o homem do campo levando-se em conta o caráter polivalente e pluriativo do seu modo de produção, o resguardo dos seus valores, a valorização das práticas familiares, o sentimento de pertencimento e as sociabilidades, bem como as formas de associativismo e a valorização da educação como meio de ascensão pessoal. Tais expressões ignoradas são a lógica das políticas econômicas que permeiam o Brasil. Descaso com relação à educação em geral e em especial à educação ambiental e do meio rural, cuja população se encontra violentada dos seus direitos, sabendo o que assegura a participação do homem nos bens simbólicos de pertencimento comum, elaborados no decorrer da história pela coletividade humana (PINHO, 2004).

Mourão (2005) afirma que os humanos perderam a capacidade de pertencimento. As ideologias contemporâneas sobre o desenvolvimento econômico ancoram-se numa crença

irracional que inverte radicalmente a afirmação do sábio chefe indígena *Seattle*, ou seja, elas parecem acreditar que “nada que acontecer à terra afetará os filhos da terra”.

Consideramos como verdadeiro que a visão humana de mundo é estritamente uma visão cultural, cujos limites jamais poderemos distanciar (seja místico, ideológico, filosófico ou científico), e que o padrão cultural é aberto e transforma-se exatamente na práxis dos indivíduos, interconectados na relação de pertencimento entre os ecossistemas e as sociedades humanas (MOURÃO, 2005).

## 2.7 Percepção Ambiental

Davidoff (1983) define percepção como um processo de organizar e interpretar dados sensoriais recebidos (sensações) para desenvolvermos a consciência ambiental que nos cerca de nós mesmos. A percepção implica interpretação, devendo ser considerados nossos sentidos, como janelas abertas para o mundo, sendo um processo individualizado, variando de acordo com cada indivíduo, quanto à maneira de ver as cores, diferenciar tons, cheiros e sabores.

Ferrara (1996) entende que as nossas respostas referentes às intervenções sobre o meio ambiente certamente são resultados das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada ser humano. Muitas vezes as manifestações psicológicas são evidentes, sendo constantes, afetando nossa conduta, na maioria das vezes sem consciência.

De qualquer modo, porém, no campo da percepção, os objetos, os fatos, os acontecimentos não são presença isoladas. Na percepção da presença de um fato está incluída a percepção. Por isso, a forma de perceber os fatos não é diferente da maneira de relacioná-los com os outros, encontrando-se condicionados pela realidade concreta e cultural, em que se encontram os homens (FREIRE, 1982).

Para Macedo (2003), percepção ambiental define-se como sendo as diferentes maneiras sensitivas (percebidas através dos sentidos) que os homens captam, percebem e sensibilizam-se através das realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados *in loco*.

Del Rio (1996) afirma que a percepção é um real processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos e de fatos cognitivos; os sentimentos de percepção são ordenados por estímulos externos, através dos sentidos.

Segundo Diegues (1997), a percepção ambiental das sociedades primitivas e tradicionais atribui-se à existência de uma simbiose entre o homem e a natureza, que se manifesta tanto no campo das atividades de lazer, do conhecer, e das técnicas patrimoniais, quanto do campo simbólico, sendo evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, em que o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, pelo aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições.

Pacheco e Silva (2002) suscitam a pergunta sobre até que ponto os estudos de percepção ambiental são instrumentos válidos para escuta das comunidades e como a adoção de determinadas perspectivas metodológicas podem expressar os compromissos ideológicos dos agentes envolvidos na administração de áreas naturais.

As considerações feitas até o momento buscaram situar o leitor naquilo que nos deu a base teórica para entender, compreender e, sobretudo, perceber, juntamente com os demais sujeitos que vivenciaram esta pesquisa, o principal recorte que fizemos ao nos propormos a estudar a importância da Educação Ambiental para a formação dos futuros profissionais formados pelo IFS - Campus São Cristóvão e para as populações que vivem em seu entorno –

qual seja o rio Poxim-Açu, fonte de vida, que se encontra ameaçada e combalida, tal qual destacaremos a seguir em nossa análise.

## 2.8 O Rio Poxim

A sub-bacia do Rio Poxim faz parte da bacia do Rio Sergipe, que sofre com a degradação ambiental, principalmente com relação ao destruição das matas ciliares. O Rio Poxim é de grande importância para Sergipe, pois suas águas abastecem a capital do Estado, Aracaju (FERREIRA *et al.*, 2006), já tendo abastecido 70% da necessidade de água da cidade para consumo humano, tendo caído para 40%, devido a ausência de planejamento urbano. O rio Poxim é resultado da união dos rios Poxim-Açu e Poxim Mirim, iniciando nas proximidades da BR-101 Sul, no povoado Pai André, em São Cristóvão, atravessando este município, além de Nossa Senhora do Socorro e a capital Aracaju. Estes municípios se assemelham muito com relação aos problemas ambientais observados associados a este rio.

O crescente aumento das cidades do Brasil de forma desordenada tem possibilitado, como efeito mais direto, a degradação dos recursos naturais, especialmente os hídricos, reduzindo a qualidade e quantidade dos mananciais disponibilizados, provocando conflitos no uso da água, ocasionando consequências graves, afetando as dimensões ambiental, econômica, cultural e social. Em Sergipe, o cenário não é diferente do contexto mundial, suas bacias hidrográficas apresentam uma variedade de problemas decorrentes de ação antrópica, conforme estudo realizado sobre a avaliação da qualidade da água do Rio Poxim-Açu em área do Instituto Federal de Sergipe Campus São Cristóvão (SILVA *et al.*, 2009).

A sub-bacia do rio Poxim apresenta impactos ambientais devido à lixiviação do solo, principalmente pela atividade agrícola e extração de minerais, culminando em assoreamento. O acúmulo de problemas ambientais ao longo de todo o rio é grande, os quais estão intrinsecamente relacionados ao homem, como a produção de afluentes urbanos e acúmulo de lixo, devido ao crescimento populacional desordenado (NETTO *et al.*, 2007).

De acordo com Freitas (2004), a desigualdade socioambiental exacerbada apresenta uma das principais questões que tencionam os fundamentos dos sistemas de pensamento e dos processos da civilização, embasando-se nos princípios de que a água fresca é finita e essencial para vida do planeta, de que o manejo e o uso da água devem ser operacionalizados de forma coletiva, e que a água é um bem da humanidade que ela tem um papel insubstituível nas dimensões econômicas, sociais e ambientais. Constituiu-se, portanto, uma agenda sócio-ecológica mundial estabelecendo a necessidade de:

- rever o modelo de consumo e rever a percepção do mundo;
- viabilizar o acesso à água, comida e condições sanitárias adequadas a mais de ¼ da humanidade que ainda não dispõe desses serviços;
- garantir a proteção de amplo segmento da população mundial que se encontra sujeito aos desastres naturais, envolvendo a dinâmica do ciclo da água;
- construir as condições técnicas que possibilitem a promoção do desenvolvimento sustentável em ambientes urbanos e rurais;
- proteger os sistemas aquáticos e garantir o suprimento ao meio rural e às produções agrícolas;
- treinar o capital humano especializado, em todos os níveis, necessários para o desenvolvimento de estudos e pesquisas teóricas e empíricas sobre o uso adequado, conservação e manejo da água pelas diferentes comunidades e sociedades.

## 2.9 O Rio Poxim-Açu

O rio, nosso longo caminho d'água, já de início começa pulando pelos grotões de suas nascentes, embaralhando imagens nas primeiras investidas de águas mais abertas. Pelo contorno das margens, as árvores mais resistentes estendem os galhos sobre os barrancos (LOPES, 1978).

O rio constitui uma paisagem natural e cultural, que serve de referência para a humanidade ao longo de toda a sua existência, sendo ele fonte de água, elemento vital e indispensável como meio de comunicação e circulação, como territorial que percorre a estrutura e o espaço, como inspiração de poetas e de pintores. Múltiplas são as dimensões que representam para a sociedade, esses elementos comuns e singulares que percorrem as paisagens do mundo (SARAIVA, 1999).

Carlos Drummond de Andrade, em seus poemas, já revela uma grande preocupação com o rio, explicitada em seu poema “Águas e Mágoas do Rio São Francisco”, em consequência da ação depredadora por meio da humanidade com o ecossistema, demonstrando como a visão profética de um poeta pode antecipar-se à dos humanos comuns, desacostumados ainda a entender que o desenvolvimento e o progresso não merecem o preço da degradação ambiental (MAIA e SOARES, 2004). O trecho a seguir, do poema de Drummond, demonstra com clareza a tristeza pelo silenciamento do rio em função da degradação a que a sociedade se submeteu:

Não vem resposta de Chico,  
e vai sumindo seu rastro  
como rastro da viola  
se esgarça no vão do vento.  
E na secura da terra  
e no barro que ele deixa  
onde Martius viu seu reino,  
na carranca dos remeiros  
(memória de outras carrancas,  
há muito peças de living),  
nas tortas margens que o homem  
não soube retificar  
(não soube ou não quis? paciência),  
de pontes sobre o vazio,  
na negra ausência de verde,  
no sacrifício das árvores  
cortadas, carbonizadas,  
no azul, que virou fumaça,  
nas araras capturadas  
que não mandam mais seus guinchos  
à paisagem de seca  
(onde o tapete de finas gramíneas,  
dos viajantes antigos?),  
no chão deserto, na fome  
dos subnutridos nus,  
não colho qualquer resposta,  
nada fala, nada conta  
das tristuras e renúncias,  
dos desencantos, dos males,  
das ofensas, das rapinas  
que no giro de três séculos  
fazem secar e morrer  
a flor de água de um rio.

O Brasil é um país mega diverso e privilegiado em termos de disponibilidade hídrica, abrigando aproximadamente 12% das reservas mundiais de água doce. No entanto, apresenta situações contrastantes de abundância e de escassez de água, o que exige de toda população, governos, usuários e sociedade civil, especial cuidado, organização e planejamento na gestão dos recursos hídricos (COSTA e PESSOA, 2006).

A erosão marginal é um dos problemas resultantes das intervenções em rios, implementadas por um modelo de desenvolvimento adotado para a região, que priorizou a construção e operação de barramentos, que vem produzindo impactos ambientais negativos sobre os meios físicos, biótico e sócio-econômico. O fator determinante da degradação ambiental é a mudança brusca do regime hídrico de rios e os efeitos decorrentes do problema ambiental relacionado com a redução da disponibilidade de água doce, se refletindo em: modificação da vazão, poluição das fontes de abastecimento existentes e mudança no nível do lençol freático. Este problema ambiental está acelerando o processo erosivo nos taludes marginais, implicando perda, cada vez maior, de áreas agricultáveis, limitando os níveis satisfatórios de produção, comprometendo a sustentabilidade dos agrossistemas e a própria manutenção da população do campo. As consequências destes desequilíbrios têm levado à redução da área produtiva, à diminuição da renda, ao aumento dos custos de produção e ao êxodo rural (SANTOS, 2002). Aragão (2006) cita que o acelerado quadro de desmatamento verificado ocasiona vários impactos negativos como: supressão da mata ciliar, perdas das terras produtivas, erosão das margens e assoreamento do rio, perda da biodiversidade local, redução de pescado e conseqüentemente redução da qualidade de vida e empobrecimento das comunidades ribeirinhas.

Carvalho e Diniz (2005) afirmam que para o controle da erosão podemos adaptar medidas de prevenção, para evitar que a mesma aconteça, e a correção, para diminuir a erosão e seus efeitos, recuperando as áreas afetadas.

Com a expansão populacional e econômica da humanidade nos últimos séculos, estamos transformando o que antes eram grandes áreas contínuas de florestas em paisagens de mosaico, formadas por manchas remanescentes das florestas originais, cercadas por áreas alteradas pelos humanos de várias formas; plantações, pastagens, assentamentos urbanos etc. Este é um processo ao qual chamamos de fragmentação florestal, acelerado intensamente no século XX, resultando em uma coleção de ilhas de matas cada vez menores, mais isoladas, cercadas por áreas abertas. Continuando as taxas de desmatamento, em pouco tempo as florestas originais do mundo terão paisagens bem similares à trágica situação que observamos na mata atlântica, afetando drasticamente nossa produção de água. (FERNANDEZ, 2009.)

O aumento populacional acelerado das cidades ao longo dos anos tem sido responsável pela degradação dos recursos naturais. A demanda por matéria-prima para produção de bens torna-se cada vez maior. O desenvolvimento gerado retorna capital para o sistema produtivo que por sua vez devolve ao meio ambiente rejeitos e efluentes. Além disso, deve-se encontrar na parcela da população mais pobre a pressão sobre os recursos naturais e ainda devido à desinformação e à falta de recursos, aliados às péssimas condições de vida, nestas áreas observam-se os mananciais transformarem-se em locais de despejo de esgoto a céu aberto e depósito de lixo, resultando em ambiente degradado e propício à veiculação de inúmeras doenças. Sendo assim, a qualidade dos corpos d'água é um dos principais, se não o maior, referenciais da qualidade de vida da comunidade (COSTA e PESSOA, 2006).



## 2.10A Arte e a Cultura do Rio Poxim-Açu

Ao estudar o cotidiano do Rio Poxim – Açu não se pode deixar de destacar os aspectos artísticos-culturais que envolvem as comunidades que nele buscam o seu sustento e seu lazer.

Cientificamente denominado *Syagrus coronata*, o licuri pertence à família Arecaceae e subfamília Arecoideae e se desenvolve em regiões semiáridas (NOBLICK, 1991). É conhecido por diversos nomes, aricurí, coqueiro cabeçudo, coqueiro dicorí, licuri, licurizeiro, nicurí, ouricurí e urucurí, mais popularmente é chamado de licuri. É uma palmeira frutífera que pode atingir até dez metros de altura; possui folhas grandes espiralmente distribuídas ao longo das hastes; têm folhas agrupadas, pequenas e de cor amarela e seu fruto é comestível, carnoso e têm forma oval (DRUMOND, 2007).

Essa planta é característica de locais secos e áridos, como as caatingas, abrangendo o norte de Minas Gerais, apossando-se da região central e oriental do estado da Bahia até o sul de Pernambuco, onde os estados de Sergipe e Alagoas também estão inclusos (NOBLICK, 1986).

Da sua semente pode-se extrair o óleo vegetal e as folhas são utilizadas como matéria-prima para confecção de produtos artesanais, como chapéus, bolsas ou balaios, esteiras e abanadores. A fruta pode ser utilizada na confecção de utensílios e objetos de decoração para o lar como fruteiras, abajures, dentre outros (BRASIL, 2006).

O fruto do licurizeiro é um rico suprimento alimentar para a espécie em extinção de araras-azuis-de-lear. Sendo assim, toda área de alimentação é monitorada, para avaliar o constante uso de manchas de licurizeiros pelas araras no município de Jeremoabo, localizado no estado da Bahia e divisa com o estado de Sergipe (JESUS, 2007).

Além de ser uma planta altamente frutífera, o licuri se destaca por ser uma palmeira bastante aproveitável, que é explorada desde o tempo colonial (KILL, 2002), sendo de suma importância nos municípios onde se desenvolve, pelo fato de ser uma fonte de renda para a população. A exploração da planta é de forma extrativista (RAMALHO, 2009).



**Figura 1** - Palmeira *Syagrus coronata*

Concordamos que a população possui os saberes tradicionais, e estes, não sendo estáticos, estando poeticamente entrelaçados nas tranças identitárias, no ritmo da invenção e reinvenção cotidiana, provocando uma práxis educativa no viver e sobreviver, como também

na ecologia de resistência, nas batalhas por uma sustentabilidade local e regional (KWAHARA *et al.*, 2011).

Por sua vez, compreender a dinâmica da natureza e do mundo vivido extrativista não é tarefa fácil, pois ela é constituída de elementos distintos e complexos por natureza. Contudo, é fundamental que sejam consideradas as dimensões simbólicas das relações entre estes elementos, sendo ponto de partida para o entendimento, norteando assim as políticas públicas, que precisam considerar o conhecimento local (OLIVEIRA, 2006).

## **2.11 Populações Tradicionais Extrativistas**

As atividades extrativistas são, em grande parte, exercidas pelos pequenos produtores rurais e comunidades conhecidas como tradicionais, pois têm seu modo de vida, em grande parte, associado ao uso e manejo dos recursos naturais exercidos ao longo de sua permanência histórica.

De acordo com a dinâmica das populações tradicionais, suas características simbólicas identitárias, os conflitos existentes frente a valorização dos produtos e sub-produtos regionais e da comercialização, hoje globalizados, nativos e intermediários, vêm disputando o controle dos recursos naturais, a exemplo do junco, taboa, mangaba, licori e frutos do mar, provocando insustentabilidade neste espaços. O uso dos recursos extrativistas não se limita exclusivamente às populações tradicionais que ao longo da história ocupam essas áreas (SANTOS, 2007).

### **2.11.1 Caiçara**

Entende-se por caiçaras aquelas comunidades formadas pela mescla da contribuição étnica e cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam uma forma de vida baseada em atividades de agricultura itinerante, da pequena pesca, do extrativismo vegetal e do artesanato. As comunidades caiçaras passaram a chamar a atenção de pesquisadores e de órgãos governamentais mais recentemente em virtude das ameaças cada vez maiores à sua sobrevivência material e cultural e pela contribuição histórica que essas populações têm dado à conservação da biodiversidade, por meio do conhecimento sobre a fauna e a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem (DIEGUES, 2002).

### **2.11.2 Os jangadeiros**

Os jangadeiros são, essencialmente, pescadores marítimos que habitam a faixa costeira, situada entre o Ceará e o sul da Bahia, pescando com jangadas. Apesar de a jangada ser utilizada pelos índios brasileiros (chamada peri-peri), a embarcação que hoje conhecemos, utilizando vela e leme para a pesca em alto-mar, foi fruto de várias adaptações introduzidas pelos europeus e pelos africanos. As atividades em terra são menos importantes que a pesca para comunidades de pescadores marítimos. No entanto, extraem dos coqueiros uma fonte complementar de renda, realizando também, algumas vezes, roças de mandioca, das quais extraem a farinha. O extrativismo baseia-se primeiramente nas espécies de palmeiras das quais se retiram fibras para confecção de instrumentos de lida, tanto para pesca quanto para a vida doméstica. O artesanato voltado para a venda é uma atividade principalmente feminina, baseado não só em cesteira, mas também em bordados (DIEGUES, 2002).

### **2.11.3 Os caipiras**

Os caipiras são hoje, em grande parte, sitiantes, meeiros e parceiros que sobrevivem precariamente em nichos entre as monoculturas do sudeste e Centro-Oeste, em pequenas propriedades em que desenvolvem atividades agrícolas e de pequena pecuária, cuja produção se dirige para a subsistência familiar e para o mercado. Essas populações desenvolvem formas de convívio e ajuda mútua nas atividades agrícolas, bem como formas de religiosidade peculiares, em torno de capelas e igrejas, onde em domingos e feriados é reverenciado o santo padroeiro. Aproximadamente 62% das publicações pesquisadas sobre caipiras revelam a existência do extrativismo, ao lado das atividades agrícolas e artesanais, apesar da redução constante da área florestada nas pequenas propriedades rurais. Cerca de 31% desses trabalhadores falam do uso de ervas medicinais por essa comunidade (DIEGUES, 2002).

### **2.11.4 Varzeiros (ribeirinhos não amazônicos)**

Varzeiros ou varzeiros são considerados aquelas populações tradicionais que vivem às margens dos rios e várzeas, sobretudo às margens do rio São Francisco. Essa denominação é também aplicada a ribeirinhos e caboclos de outros rios, como o Paraná. Essas comunidades combinavam as atividades agrícolas (principalmente o plantio do arroz), extrativistas da mata (de onde retiravam mel, ervas medicinais e madeira para as célebres canoas – ubás – e barcas, movidas a remo e a vela) e também as atividades de pesca, pecuária e cerâmica (DIEGUES, 2002).

### **2.11.5 Os quilombolas**

Os quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários. Apesar de existirem, sobretudo após o fim da escravatura, no final do século XIX, sua visibilidade social é recente em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, ao artesanato, ao extrativismo e à pesca, segundo as várias regiões em que se situam (DIEGUES, 2002).

Para Barbosa (2008), é importante ressaltar que no Brasil, de acordo com os critérios coloniais, para que um espaço fosse considerado quilombo, era preciso que este reunisse, minimamente, cinco escravos fugidos, entendendo os significados de quilombo. Faz-se necessário compreender a história dos africanos antes de sua travessia pelo Atlântico. Descobrimos que, na África, quilombo era o nome dado a uma sociedade guerreira, quilombos, mocambos ou calhamos, palavra que teria origem na língua banta e representaria fortaleza ou acampamento, de suma importância para a história e cultura da população escravizada e do país, sobretudo porque constituíram-se como significativos núcleos de resistência negra humana, sociocultural e ambiental.

### **2.11.6 Os pescadores**

Essa categoria de população tradicional está espalhada pelo litoral, pelos rios e lagos e tem um modo de vida baseado principalmente na pesca, ainda que exerça outras atividades

econômicas complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura, apesar de, sob alguns aspectos, poderem os pescadores ser considerados uma categoria ocupacional, particularmente os chamados artesanais (DIEGUES, 2002).

Narrativas de pescadores artesanais podem ir muito além dos mitos que povoam as águas de mares, de rios, de marés e lagoas. Pesquisas que venham ter na temática o universo dos seres humanos que vivem da pesca são alimentadas de possibilidades ímpares dada a proximidade com o caráter mítico que o ambiente permite. O fascínio precede e invoca a fantasia, dos romances contemporâneos, dos contos infantis às histórias de assombração. Vastos são os lendários personagens que habitam, sucumbem, emergem, se perdem, se reencontram e encontram no espaço aquático, do mito e do sobrenatural. No campo da oralidade, a materialização do imaginário passa ser integrante do mundo das águas (FONSECA, 2005). A pescaria artesanal é chamada assim por ela ser considerada uma arte do conhecimento tradicional, que faz uma leitura dos sinais da natureza sobre os rios, os peixes, o clima, as estrelas, a lua, o sol e o vento. Nesta arte, incluem-se também os apetrechos, com conhecimento de sua fabricação e uso, passado por gerações de pais para filhos e filhas. A pesca artesanal requer uma majestosa riqueza de conhecimentos sobre a região onde ela é praticada (SOBRAL *et al.*, 2010).

### **2.11.7 Os sitiantes**

À semelhança da categoria dos pescadores, a dos sitiantes é bastante ampla, cobrindo aquelas populações que, apesar de basearem seu modo de vida na agricultura, desempenham também outras atividades complementares, como a pesca, o artesanato e o trabalho assalariado. Podem ser considerados pequenos produtores rurais, morando em pequenas propriedades rurais (os sítios), nos interstícios da grande propriedade ou em bairros rurais (DIEGUES, 2002).

Observe-se que em Sergipe podem ser encontrados representantes de cada uma dessas populações denominadas tradicionais, constituindo uma riqueza patrimonial para seu povo.

## **2.12 Gênero e Formas de Cooperação entre População Usuária de Água Doce**

O movimento de mulheres, em sua longa história de avanços e de amadurecimento, tornou-se muito rico, diversificado e multidisciplinar. Algumas vêm trabalhando a questão do gênero na ótica da equidade, de igualdade de direitos, para superar as tradicionais iniquidades existentes entre homens e mulheres, a conquista de mais igualdade na distribuição de poder e a superação de outras desigualdades como: classe, raça, etnia, idade, região; outras trabalham na questão da identidade, da diferença e da diversidade. Sabemos que o modelo dominante de desenvolvimento capitalista, globalizado e concentrador de poder e recursos, fomenta as desigualdades de toda ordem e destrói o meio ambiente. Inserir a perspectiva relacional de gênero no debate e decisões em um novo modelo de desenvolvimento permeia a amplitude dos direitos humanos e da cidadania, contribuição importante que as mulheres estão dando para chegar ao almejado desenvolvimento sustentável (CASTRO e ABROMOVAY, 2005).

Segundo Buarque (2004), desde o final da década de 80, sustentabilidade tornou-se palavra-chave para a sobrevivência dos seres humanos das demais espécies do planeta, tornando-se um princípio norteador para todas as áreas da vida dos seres humanos, não havendo uma separação entre o viver e o produzir, vida pública e vida humana. A sociedade atual enfrenta problemas já que não podem ser analisados e resolvidos separadamente, pois se manifestam entrelaçados numa complexa rede de informações sociais e econômicas. A

produção, por exemplo, a partir de um olhar socioeconômico e ambiental é diretamente dependente da relação entre homens, mulheres e crianças e, conseqüentemente, destes como todos os outros elementos da natureza.

Os programas governamentais voltados para o segmento agrário não contemplam a mulher como integrante desse processo de produção, desconsiderando o seu trabalho. Dessa forma, o sistema social de equidade entre o homem produtor e a mulher produtora nega à mulher o direito de igualdade na participação. Desconsiderar o trabalho da mulher rural é deixá-lo invisível, é ignorar a sua contribuição econômica na produção agrícola.

Sena (1991) afirma que o programa de desenvolvimento para ser eficaz na inserção dos movimentos das mulheres teria que levar em conta a complexidade com que se reveste a sua atuação, considerando os seus múltiplos papéis, dentre os quais destacou os de produtora e reprodutora.

A valorização do trabalho das mulheres como condição imprescindível ao alcance do desenvolvimento é indispensável e vários aportes já foram agregados a essa discussão sem que ações concretas relevantes tivessem sido postas em prática. Organismos internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (*Food and Agriculture Organization of the United Nations* – FAO) e do Banco Mundial, têm incorporado aos seus programas a questão de gênero (SENA, 2003). Também os movimentos sócias do campo e a própria sociedade civil organizada denunciam a falta de políticas públicas efetivas que de fato privilegiem o trabalho da mulher.

As mulheres representam 51% da população brasileira. Deste total, 45% são afrodescendentes. As trabalhadoras rurais por sua vez representam 16,14% da população e dessas últimas 24,43% são chefes de família, chegando essa porcentagem a mais de 30% em algumas regiões do país (PINHEIRO, 2004). As histórias das relações de gênero no Brasil fornecem elementos suficientes para construirmos o quadro de desigualdade entre homens e mulheres, no limite do desenvolvimento rural. Qualquer pessoa de bom senso afirmaria que, entre o ano de 1500 e a década de 1980, as mulheres rurais, ricas ou pobres, brancas, negras ou índias, viveram na mais cruel invisibilidade, seja com relação às atividades produtivas ou em lutas sociais (BUARQUE, 2004).

As práticas tradicionais de cooperação formam um campo fértil de contribuição para atender às manifestações socioambientais, culturais e econômicas de um povo, uma vez que elas retratam ao longo de sua história as transformações sociais e as mudanças de uma dada comunidade por quem também é influenciada (AZEVEDO, 2006).

Para Sato (2002), a dimensão política apresenta que os diferentes povos têm em seus referidos sistemas de valores conceitos de liberdade, democracia e direitos, porém a educação ambiental deve considerar que, para o nascimento de uma sociedade cidadã, modificações são fundamentais, não só no plano ecológico da manutenção dos ecossistemas, mas também na avaliação dos valores políticos e culturais que determinam a relação do humano com a natureza, sabedores de nossas responsabilidades, pertencentes a todos, ao encontro da plena cidadania, que possibilita um país ecológica e socialmente mais equilibrado.

A comunidade rural é um espaço cultural social mais que econômico, onde residem formas tradicionais de cooperação que são utilizadas mediante as necessidades dos indivíduos (MAIA e SOARES, 2004). A comunidade recebe influências das transformações sociais, dos costumes, das crenças e dos comportamentos vigentes em uma dada sociedade, perspectiva essa que pode compreender as práticas tradicionais de cooperação entre agricultores, sendo eles permeados por diversos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, religiosos ou políticos (AZEVEDO, 2006).

Leff (1998) afirma que toda organização cultural é um complexo sistema de valores, ideologias, significados, práticas produtivas e estilos de vida, que se desenvolveram ao longo da história e se especificam em diferentes contextos geográficos e ecológicos.

A transformação cultural inevitavelmente irá sendo processada com a transformação latifundista e da qual resultará uma nova estrutura, exigindo ações no setor da “cultura popular”, que interferem deliberadamente no campo da percepção, ajudando a acelerar a própria transformação cultural (FREIRE, 1982).

As formas de cooperação entre agricultores eram: batalhão, pisada, taipa de casa, pega e ferro de boi. Todas elas reguladas pelo princípio da reciprocidade, para qual a retribuição era obrigatória, seja de forma imediata ou em outro momento. A dádiva é um sistema de intercâmbio de bens e serviços, em que a importância do troco não está no que circula, mas nos vínculos estabelecidos através da relação gerada. Nesta relação, não há a preponderância de elementos como o poder ou a valorização monetária, pois tudo que circula está em prol da construção e manutenção de laços sociais. O lado lúdico de formas de cooperação ajudava, no passado, a transformar o árduo trabalho em uma grande festa. Era comum durante as atividades do batalhão em cantorias, em ritmo de aboios toados e samba de roda. Os agricultores desenvolviam as mais penosas tarefas sem percebê-las, já que estavam entretidos com os cantos (AZEVEDO, 2006).

A feitura de canoas no pantanal do Mato Grosso revela a não fragmentação dos saberes ancestrais e a formação identitária de humanos com um modo singular de ser e estar no planeta, materializando a sustentabilidade solidária, versátil e apaixonada. É visível a arte e a criatividade de gerar uma canoa pantaneira, é perceptível no produto final, possibilitando testemunhar a presença da formação integral do sujeito, a integração da aprendizagem do saber, do fazer, conhecer, ser e conviver com práticas solidárias, em permanente diálogo com os serviços ecossistêmicos, revelando uma educação tão sonhada por educadores nesta era contemporânea, pedagogia pantaneira no trançado da identidade dos canoeiros, pela linguagem dupla da arte- educação ambiental (KAWAHARA *et al.*, 2010).

Os Juruna, Kaiabie e Xavante são povos em que a atitude de dividir é realizada com frequência em atividades cotidianas. É no amor também que a matemática é cooperação, porque se faz necessário repartir os bens com os outros. A divisão de alimentos é feita de acordo com vários critérios e com as relações de parentesco. A divisão da vida cotidiana Xavante é vista através das crianças da área indígena de Pimentel Barbosa no Mato Grosso, que imitam os pais dividindo a caça, brincando com ossinhos de animais. Os meninos brincam que chegam da mata carregando a caça, mas estão trazendo cestas com ossos. A chegada da caçada é esperada na aldeia pelos meninos que, como as mulheres, cortam, distribuem e preparam a carne, no caso os ossinhos. As casas da aldeia, para onde é levada a carne, são representadas por círculos desenhados no chão. As melhores partes da “caça”, simbolizadas pelos ossos maiores, são distribuídas primeiro, e cada casa Xavante ganha a própria cota. Em seguida repartem-se os ossos médios e pequenos. As meninas cuidam para que a divisão seja feita de maneira equitativa, garantindo “carne” para todos os moradores da casa (FERREIRA, 1998).

Segundo Azevedo (2006), a partir da década de 70, manifestações de cooperação vão desaparecendo à medida que novas formas de organização são implantadas, a exemplo das associações de desenvolvimento comunitário, que têm contribuído para a adoção de novas tecnologias pelos agricultores familiares, através da implantação de um conjunto de políticas públicas. Sendo assim, várias formas de cooperação entre os agricultores são: batalhão, pisada, taipa de casa, pega, e ferra de boi, todas elas reguladas pelo princípio da reciprocidade para qual a retribuição era obrigatória, seja de forma imediata ou em outro momento. Se para as comunidades indígenas a divisão igualitária de bens e serviços é essencial para garantir o bem-estar de todos, para as sociedades capitalistas (do homem branco), o que importa é o acúmulo de riquezas. No Brasil, 10% da população controla 50% da riqueza do país; e os 50% mais pobres ficam com apenas 10% do que é produzido pelo conjunto da sociedade. Em sociedades basicamente igualitárias como as indígenas, prevalece o princípio da reciprocidade, ou seja, a obrigação de dar, receber e retribuir (FERREIRA, 1998).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho baseou-se numa perspectiva de pesquisa qualitativa, por permitir uma maior interação entre a pesquisadora e a realidade pesquisada, sobretudo porque acreditamos, como Minayo (2008), que a metodologia é muito mais que um conjunto de técnicas, mas é a articulação da teoria, da realidade e dos pensamentos sobre a realidade. Para essa autora, a pesquisa qualitativa responde a questões que não podem ou não devem ser quantificadas, tanto que o objeto desse tipo de pesquisa raramente pode ser expresso em números. No âmbito da pesquisa qualitativa, optamos por um enfoque da chamada pesquisa participante que, segundo Brandão (1984), é um enfoque de investigação social por meio do qual se busca plena participação da comunidade na análise de sua própria realidade, com o objetivo de promover a participação social para o benefício dos participantes da investigação. Estes participantes em sua maioria vivenciam um processo de invisibilidade, de opressão, são marginalizados e explorados pelo modelo de desenvolvimento. Portanto, esta pesquisa se trata de uma atividade educativa de investigação e ação social.

A pesquisa de campo ocorreu às margens do rio Poxim-Açu, trecho no entorno do IFS - Campus São Cristóvão. A escolha deu-se pelo problema socioambiental, a degradação do rio, que vem ocorrendo por um processo de erosão cultural, pela constatação da utilização de um modelo de gestão insustentável por seus usuários, a partir de construções de barragens ao longo de seu curso, promovendo assim um avanço progressivo da degradação ambiental.

A humanidade historicamente promove em seu cotidiano processos erosivos. Dentre eles, a erosão ambiental e a erosão cultural, sendo consequência da aceleração do modelo contemporâneo de desenvolvimento, a exemplo dos modelos agricultáveis, da industrialização, da urbanização acelerada, determinados em sua maioria por grandes empreendimentos estatais, bem como por empresas privadas e também por indivíduos comuns com grau de escolaridade diferenciada, que desrespeitam o ambiente, estabelecendo o desamor por seu território, produzindo impactos para os recursos naturais - água, terra, ar, fauna, flora e para a humanidade.

A comunidade escolhida como foco da pesquisa foi a de mulheres lavadeiras de roupas do rio Poxim-Açu, devido à interação direta com a água, com as pedras, a mata ciliar deste espaço natural e por meio de informação obtida a partir de estudante do IFS - Campus São Cristóvão, de que as lavadeiras descartavam no rio as garrafas vazias de água sanitária. Ao passar pelo longo trecho do rio, limítrofe à escola, o estudante muito sensibilizado com tal atitude fazia a coleta das garrafas deixadas pela ação direta dessas mulheres com o rio em seu cotidiano. Observe-se que grande parte desses vasilhames eram utilizados para armazenar água sanitária para ser usada na lavagem da roupa, aumentando a poluição do rio.

Participaram do trabalho 26 mulheres que atuam nessa atividade e que residem nos povoados Cajueiro e Feijão, no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, e utilizam o rio como fonte parcial de subsistência. As mesmas pescam, coletam frutos, utilizam as águas para lazer, trabalho e extrativismo, partilhando da dinâmica do rio, o que chamou a atenção para esse grupo de mulheres, atores desta pesquisa, buscando perceber a sua interferência, positiva ou não, nessa dinâmica.

Foram selecionados os educandos que cursavam a disciplina de “Arte e Educação” oferecida ao curso Técnicos em Agropecuária, sendo 77 educandos da modalidade em Agropecuária; 48 estudantes de Agroindústria e 40 educandos de Manutenção e Suporte em Informática.

Os educandos participam do sistema de residência estudantil semi-interna e interna proporcionado pela instituição. O sistema de residência estudantil semi-interna possibilita uma relação contínua com o espaço escolar, faz parte de convênio com a Secretaria Estadual de Educação, onde os educandos passam o dia na escola e residem em seus domicílios nas

idades próximas à escola, na grande Aracaju e na capital. Os educandos do sistema internato passam a semana na escola, sendo domiciliados geralmente em cidades de outros estados como Bahia, Alagoas e cidades sergipanas mais distantes da capital.

Buscando-se caracterizar a realidade sociocultural e ambiental das lavadeiras que utilizam o rio Poxim-Açu, no trecho do entorno do IFS – Campus São Cristóvão, utilizou-se observação participativa, técnica prevista na pesquisa participante. Tal procedimento necessita que o pesquisador saia da sua realidade para a realidade do estudo, minimizando as diferenças entre objeto e sujeito de estudo, possibilitando dessa forma uma maior compreensão das articulações, etnoconhecimentos, identidade e cultura do pesquisado, observando como ele interage, para a proteção de seus interesses e para a preservação de valores essenciais (BRANDÃO, 2006). Para este autor, pode-se vislumbrar por meio da pesquisa participante:

[...] uma nova ciência capaz de pensar-se, de pensar o mundo social e de pensar as transformações sociais de uma maneira dialética realizada a partir da presença, da posição e dos interesses das classes populares. Nesta perspectiva, afinam-se outros atributos como a reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. (BRANDÃO, 2006, p. 36).

Para viabilizar essa aproximação pesquisador - sujeitos pesquisados, foram realizadas atividades de campo, embasadas na bibliografia escolhida, em que se destacou a importância dos recursos naturais para a vida planetária, assumindo os conceitos de populações tradicionais para aprofundamento de debates em sala de aula.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cujo roteiro foi elaborado a partir de entrevistas abertas (exploratórias), composto de perguntas que abordavam aspectos sobre a temática, correlacionado com as ações desenvolvimentistas no contexto da paisagem local. Maroti (2007), ao desenvolver suas pesquisas utilizando a criação de mapas mentais, teve como objetivo identificar percepções e o cotidiano dos participantes. A utilização de mapas mentais se fez necessária, pois é um tipo de diagrama, voltado para a gestão de informações, de conhecimento, para a nossa compreensão, e possível solução de problemas. O mapa mental é um desenho representativo do espaço, onde a comunidade apresenta suas dificuldades, potencialidades e necessidades. Após a realização do desenho, cada representante explicou o seu mapa, contextualizando a sua visão de mundo com relação à temática abordada. Através desta ferramenta, a comunidade reconstituiu o histórico comunitário, identificou peculiaridades locais, manifestações culturais e recursos naturais, registrando sua percepção em relação ao ambiente vivido (GOMES 2006)

Tedesco (1999) afirma que comunidade é um espaço territorial de inúmeros significados e funções onde são realizadas as trocas, espaço de acordos e conflitos, local onde são trançados conhecimentos, laços afetivos, relações de direitos e deveres, partilha de dores e sabores, espaço de convivência de integração, de participação de experimentar a natureza, o coletivo, o individual, o familiar, da amizade, das discordâncias, de delimitação de espaços, de criação e afirmação de símbolos de identidade de gênero.

Os educandos, para registro de cada uma das atividades realizadas, utilizaram celular, câmera fotográfica profissional e semiprofissional, na perspectiva de uso de imagens como denúncia de impactos ambientais. Todo o processo foi fotodocumentado como forma de registro do cotidiano da comunidade das lavadeiras de roupas dos povoados Cajueiro e Feijão.

Após sensibilização em sala de aula, foram realizadas caminhadas transversais com os educandos pelo trecho do rio no entorno do campus do IFS, com foto-documentação dos trechos percorridos. Anteriormente a cada caminhada, realizaram-se debates em sala de aula e, após as mesmas, foram analisadas as imagens obtidas.

Todo material construído foi reunido para realização do relatório e exposição fotográfica sobre o nível de degradação do rio e o modo de viver da comunidade ribeirinha.



Foi solicitada aos educandos participantes uma pesquisa em mídias diversas (revistas, jornais impressos, reportagem televisiva, livros) e a elaboração de uma redação sobre “A importância do rio para as suas vidas”. A partir daí, realizou-se um estudo dos textos elaborados, buscando identificar a relação destes com o tema proposto, tendo sido feito ainda uma entrevista com os mesmos, em que foram abordados os seguintes temas: A água doce; o rio Poxim-Açu; a relação da escola com o rio; a questão socioambiental do rio em nosso entorno; a erosão cultural do rio e a invisibilidade da população em estudo.

Foi realizada em parceria com os educandos, a participação na “Olimpíada Ambiental 2011 do estado de Sergipe”, na qual, dentre 4300 inscritos, dois educandos foram classificados. Esta participação permitiu que os estudantes focassem sua atenção nos problemas socioambientais das comunidades do entorno do IFS - Campus São Cristóvão e na busca por soluções para a manutenção e sustentabilidade das comunidades e dos recursos naturais em foco no rio Poxim-Açu. Além disso, ela viabilizou uma produção de exposição fotográfica com os resultados das fotodocumentações realizadas e produção de documentários. Considera-se que esta foi uma atividade bastante estimuladora para os estudantes que puderam apresentar o resultado do trabalho fotográfico realizado ao longo das Caminhadas Transversais, realçando a importância da temática e de uma atuação proativa nas comunidades, tendo como objetivo a conscientização/sensibilização sobre os problemas ambientais e o indicativo de ações efetivas para minimizá-los. Observe-se que tal procedimento permitiu aproximar de maneira mais dinâmica o olhar da instituição sobre a comunidade, bem como viabilizou uma integração da atividade de pesquisa com as atividades de ensino e extensão.

Foram coletadas informações em órgãos governamentais e não governamentais que desenvolvem atividades na área estudada. A coleta de informações visou o levantamento da atual situação do rio Poxim-Açu, mais precisamente no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, onde os danos causados pela erosão marginal e pela erosão sociocultural para o meio ambiente devem ser avaliados, constatados, estudados por meio das esferas Federal, Estadual e Municipal, necessitando passar por mudanças significativas, propiciando um modelo de gestão socioambiental significativa.

A coleta de dados teve como objetivo observar os aspectos socioambientais e os impactos associados ao longo do curso do rio, o modo de ser, de viver, os saberes e fazeres das lavadeiras de roupa, sua interação com o meio, a relação do IFS-Campus São Cristóvão com os recursos naturais e com a comunidade do seu entorno.

A dinâmica da pesquisa com os educandos ocorreu pela curiosidade dos mesmos com o entorno, pois muitas vezes buscam este espaço como atrativo, poucas vezes ou nunca como objeto de estudo. Pôde-se trabalhar os conteúdos disciplinares de Arte e Educação de forma a atrair o interesse dos estudantes, e ainda relacionar com as temáticas de várias outras disciplinas do currículo de seus cursos.

As entrevistas e os relatos foram registrados em caderno de campo, posteriormente analisados; foram anotadas todas as observações no decorrer das visitas e caminhadas transversais, realizadas, quando necessário, com o acompanhamento de um dos entrevistados, onde foi observada a paisagem, incidência de animais, degradação ambiental, processo de coleta da matéria-prima, lavagem de roupa e horário dessas atividades. Observou-se que a utilização de ferramentas metodológicas pode aproximar os conhecimentos escolares da realidade local e despertar nos estudantes e nos docentes uma nova forma de encarar o ensino, a prática pedagógica e os próprios objetivos e missão da instituição escolar.

Os encontros com as lavadeiras inicialmente foram em suas residências, logo após na margem do rio e na mata ciliar, com amigas, vizinhas, crianças, adolescentes e familiares, nas idas e vindas para lavagem de roupas, em quatro pontos de lavagem, a bica, a presa, o rio e a lagoa Maria Angu, dialogando sobre a existência no mundo repleto de complexidade e

transformações, compartilhando saberes e fazeres, interpretando as relações, os conflitos presentes, as condições em que vivemos e nos propomos a viver em um mundo repleto de significados, em especial o universo de lavagem de roupa em águas do rio Poxim-Açu nos povoados Cajueiro e Feijão.

Entendemos que a metodologia utilizada propiciou uma melhor integração entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, permitindo à pesquisadora uma maior aproximação com a realidade e uma interação bastante efetiva com a população tradicional, extrativistas e lavadeiras de roupas nas águas doces do rio Poxim-Açu, num enriquecedor diálogo de mútuo aprendizado.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Caracterização da realidade sociocultural e ambiental das lavadeiras que utilizam o rio Poxim-Açu no trecho do entorno do IFS - Campus São Cristóvão

As lavadeiras possuem um estilo de vida peculiar, em volta do rio, materializando experiência humana imbuída de valores simbólicos, fortalecendo processos identitários por meio da natureza e o imaginário, desenvolvendo suas atividades em diferentes trechos do território aquático, fortalecendo o imaginário socioambiental que faz parte das memórias do cotidiano das lavadeiras de roupa em água de rio. Lavadeira também é o nome utilizado vulgarmente para o pássaro *Fluvicola nengeta* (Figura 2), que vive às margens de cursos d'águas, popularmente conhecido como “lavadeira das roupas de Jesus”, muito apreciado e respeitado pela mulher.



**Figura 2** - Pássaro vulgarmente conhecido por lavadeira.

Foto: [http://cirinodesign.com.br/passarinhando/index.php?option=com\\_content&view=article&id=343:lavadeira-mascarada-fluvicola-nengeta&catid=82:ordem-alfabetica&Itemid=301](http://cirinodesign.com.br/passarinhando/index.php?option=com_content&view=article&id=343:lavadeira-mascarada-fluvicola-nengeta&catid=82:ordem-alfabetica&Itemid=301)

Segundo Neto (2005), a profissão de lavagem de roupas está atrelada a um período histórico brasileiro, semelhante ao vivido em Paris no século XIX, onde a roupa funcionava como um dos elementos que sintetizavam o discurso científico-industrial, uma vez que o ideal de limpeza inerente ao discurso modernizador e higienizador atingiu não apenas os espaços públicos e a casa, mas os moradores da casa, os arredores dela, seus hábitos e consequentemente suas roupas.

As lavadeiras (Figura 3) que utilizam as águas do rio Poxim-Açu no entorno do IFS - Campus São Cristóvão são mulheres em sua maioria de outras regiões que buscaram no rio, principalmente no povoado denominado Cajueiro, espaço de riqueza pela presença de águas,

um território para criar seus filhos e netos, para viver e conviver em grupos familiares. Em Franca, São Paulo, grupo de mulheres também buscaram nas águas do rio um meio de subsistência, pois saindo do campo com suas famílias ainda adolescentes, sem qualquer qualificação profissional e baixo nível escolar, restou apenas a opção de trabalhos como o de empregada, lavadeira e passadeira, buscando nessas profissões um meio de dar sentido às suas vidas (PASSAURA, 2007).



**Figura 3** - Lavadeiras do rio Poxim-Açu no entorno do IFS - Campus São Cristóvão

Pannunzio (2004) dedica para todos os que amam os rios e para os que ajudaram a encontrar este menino e este rio. Em seu poema o Rio, versa as curvas, as pedras e o lodo:

“Estou só curioso. Curiosidade mata. Sabia gulinho?

Mata nada. Se soubesse o caminho eu ia sozinho.

O caminho eu não sei.

Vamos pelo rio?

Pelo rio não dá.

E não dá por quê?

Porque tem uma curva atrás desta curva.

Agente vai pela margem, pelo raso.

Tem horas que é fundo.

E depois?

Tem curva e mais curva...

tem cachoeirinha...

tem barra de córrego... tem mata fechada...

tem pedra com lodo...

tem banco de areia, traiçoeiro escondido debaixo d água...  
tem correnteza...  
tem tronco caído, estou voando o caminho...”

O momento da lavagem de roupas faz parte do processo de construção da paisagem aquática, revelando sua dimensão cultural seus motivos e criação de simbologias que foram passados de geração em geração, por mulheres que entre a velhice, a maturidade e a adolescência, em sua maioria tinha de um a cinco filhos. Crianças que saltitam entre uma planta e outra nesta margem de rio, entre pedras de vários tamanhos e formas, de cores fortes que fazem parte do ambiente, envolvendo pessoas, influenciando suas condutas em uma perspectiva da percepção ambiental, em uma realidade interpretada e vivenciada por meio de interação mulher-meio, fortalecida de contribuições humanitárias, construindo sua imagem de mundo, sendo ela a mulher, o centro de sua cultura.

Suas crianças, geralmente da faixa etária entre quatro e dez anos de ambos os sexos, acompanham suas avós, mães e tias, brincam com as águas, se banhando, se espevitando, mas ensaiam o ofício, ajudando a comprar o lanche, cooperando na organização da viagem ao encontro e reencontro das águas do Poxim-Açu. Elas fazem parte de uma paisagem portadora de sentidos, representados por uma organização social contemplada de mistérios, de mitos, ritos e superstições, parte de uma natureza mágica revelando o processo de construção da paisagem aquática pelo imaginário e sua dinâmica social (Figura 4).

ANITA LUIZA DE JESUS

(36 ANOS)



Figura 4 - Mapa mental representando o elemento da natureza, tendo a pedra como espaço para lavar, ensaboar e esfregar as roupas, retirando assim as impurezas impregnadas do cotidiano familiar

No Recife, o gosto é mais que comprovado pelos banhos de rio, especialmente tomados por ocasião da temporada de festa, costume enraizado, os banhos de rios, tomados como medida profilática, por higiene ou por prazer, banhos que podiam ser tomados ao ar livre, em uma imensidão de água que permitia ao banhista dar possibilidades ao movimento do corpo, mergulhar, nadar, desenvolver atividades lúdicas se assim o desejassem (ARAÚJO, 2007).

Nas águas morenas do rio Poxim-Açu, as mulheres mais jovens são incentivadas a falar e escrever dentro da formalidade, sonhando em um dia fazer parte do cotidiano da antiga Escola Agrícola (IFS - Campus São Cristóvão) (Figura 5), algo considerado inatingível por elas. É lá no rio que o patrimônio imaterial deságua, seus usos e costumes aquáticos são memorizados. Saberes tradicionais materializados através da convivência com os recursos

naturais entrelaçando à vida material e imaterial construindo o universo simbólico ribeirinho (Figura 6).



**Figura 5** - Vista do prédio central do IFS - Campus São Cristóvão ou Colégio Agrícola, como as lavadeiras chamam, dos povoados Cajueiro e Feijão



**Figura 6** - Mapa mental de lavadeira tendo a ponte como símbolo de passagem para o direito de fazer parte da educação profissional

O sonho, a ladeira de piçarra e de paralelepípedo apresentado pela imagem, representa o divisor de águas entre a escola e o sonho dessas mulheres, sendo que o IFS - Campus São Cristóvão continua fazendo parte do imaginário da comunidade. O desejo de fazer parte dessa comunidade científica é sonho, sonho antigo e ou centenário, que desde o tempo da escola Tebaia (local que abrigava os menores abandonados, delinquentes e infratores), era tempo de memórias oprimidas, tempo do aprendizado. Foram tantos tempos vividos: de letramento, diplomas, festas, sabores, desfiles cívicos, jogos internos, tempos de conflitos internos e externos, de visitas técnicas, tempos de plantar, de colher, comer, comercializar, rezar e de dançar; tempo de cultura, do esporte e lazer, tempo de desobedecer, tempo de punição, tempo de disciplina, tempo de professores, servidores e diretores; tempo de amar e de ser amado, de adolecer, de envelhecer. Tempo de tantos e tantos desafios, foram tantas mudanças e espera. No entanto, a comunidade do entorno do IFS continua sonhando, muitas vezes pressionando, na tentativa de visibilidade, de fazer parte desta paisagem; a paisagem distante, de gente importante, rica, com sabedoria, letradas e com tecnologia.

A lagoa Maria Angu esta localizada à margem direita da BR 101, sentido município de São Cristóvão, local de lavagem de roupa por grupo definido de mulheres, grupo familiar, de amigos e vizinhas (Figura 7), as mesmas escolhem este espaço aquático por entender que é mais tranquilo, quando a água não está *bungada* (barrenta e/ou suja). Segundo o dito popular lendário, pessoas morreram nesta lagoa: “faz muitos anos, muitos anos mesmo, não morava ninguém ali, a alagoa abriu e engoliu uma família que passava, até hoje ninguém sabe como aconteceu...” explica Dona Dilma, 51 anos. A mesma afirma que o outro mistério é que sumiu uma criança. Sua mãe morava em uma casa dentro da mata e lavava roupa nesta lagoa. Diz que, certa vez, uma mulher chamou o menino, era uma mulher muito bonita, o menino chamou a mãe e pegou na mão dela atendendo o chamado da mulher, ele tinha 10 anos. “Outro dia, pela tarde, ele foi à lagoa, até hoje ele desapareceu, tem parente dele aí, uma pessoa... depois ele apareceu morto lá no mato”.



**Figura 7** - Crianças acompanhando a mãe durante a lavagem das roupas na lagoa Maria Angu nas proximidades do rio Poxim-Açu



Lagoas são espaços aquáticos imbuídos de mistérios segundo a tradição oral, a presença do invisível faz parte desta natureza. Vozes permanecem amedrontando aqueles que se aproximam, pondo em risco a vida de possíveis degradadores, possibilitando que a Lagoa Maria Angu seja conservada por muitos e muitos tempos.

Fenômeno idêntico ocorre com as lavadeiras do Ceará, que encontram o rio como o parceiro para auxiliar na criação dos filhos. Algumas não possuem maridos e nem emprego fixo, e utilizam as águas do Rio Acaraú como fonte de subsistência para alimentar e ajudar a família a sobreviver. Muitas vezes, para complementar a renda, além de lavarem roupas para outras pessoas por encomenda, executam serviços de passadeiras de roupa, vendem produtos de beleza oferecidos por meio de revistas e fazem faxinas. Algumas são viúvas, outras foram “deixadas” pelos seus maridos e há, ainda, as casadas que complementam a renda familiar (SALES, 2011).

“O minadouro da Lagoa Maria Angu suga pessoas”. Dona Nete, outra entrevistada, afirma não ter medo de lavar roupa lá. Geralmente vizinhos e familiares frequentam este espaço para realizar a lavagem das roupas e do eu, levando alimentos, frutas e líquidos para a atividade de trabalho e lazer. Muitas vezes com aspecto festivo, não ocorre lavagem de roupa com vínculo de remuneração, a roupa é de uso familiar. Quando o convite é feito para uma mulher, outras rapidamente se organizam com filhos pequenos para participar deste momento de reciprocidade e de cooperação. Dona Nete, 39 anos, fala que um carro de boi sumiu dentro da lagoa Maria Angu. É uma história que traz as lembranças dos mais velhos, pois eles que tinham a sabedoria de transmitir esta lenda, que é contada em várias versões por nossos pais, a exemplo do carro caído, do carreiro e a lagoa, do boqueirão. São muitas gerações que já ouviram falar e outras continuam contando, sem tanta expressividade como o caso na lagoa Maria Angu, mas o sentimento invisível conservacionista permanece, os lugares sagrados guardam os mesmos tesouros, a biodiversidade.

Percebemos que durante a pesquisa não houve transações de recursos monetários pela atividade realizada ficando evidente que a cooperação na lavagem de roupas se dá em dádivas realizadas e retribuídas. Portanto, o hábito da colaboração se dá pela constituição de relações afetivas. Segundo Tedesco (1999), a cooperação e a reciprocidade são parceiras das mulheres, existindo um sentimento de cobrança, que não é explícito, sendo regulado em sentimento de confiança, e no crédito futurista.

Lavadeiras do baixo São Francisco sergipano resguardam a tradição de bater roupas na pedra. Quarar roupas no sol sanfranciscano é tradição secular, banhadas pelas águas do velho Chico, em Própria e Brejo Grande, a tradição das lavadeiras é mantida e o ofício aprendido através das relações familiares, especialmente com as avós.

As adolescentes também acompanham suas tutoras, responsáveis pela educação no espaço sagrado (Figura 8), devido à importância do rio em suas vidas. Demonstram que ele é a totalidade, é o responsável por suas alegrias, pois ali brincam e brincar para eles é coisa muito séria; ali aprendem a leitura das águas, dos passarinhos, das plantas, das flores e frutos. Ali, entre banhos e brincadeiras, saboreiam o jenipapo, fruto de certa forma abundante no povoado Cajueiro, conhecimento diversificado, permeado através da organização sociocultural e ambiental com valores simbólicos, construídos por laços de reciprocidade interna.



**Figura 8** - Mulheres jovens, adolescentes e crianças utilizando as águas da bica, águas doces oriundas de uma das nascentes do Rio Poxim-Açu

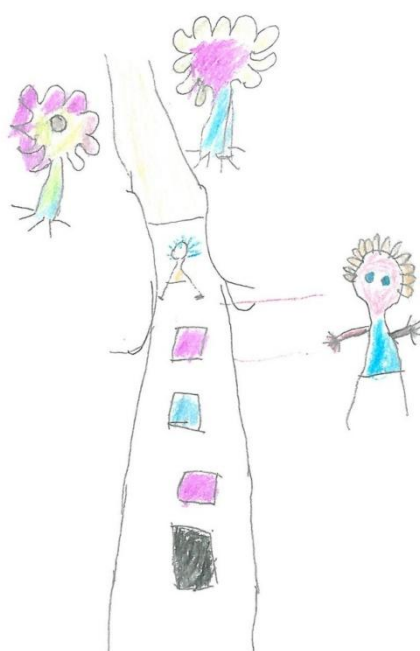
Jovens, adultas e velhas compõem o cenário deste patrimônio natural carregado de bens imateriais e materiais, com um modo de vida característico. A experiência de vida com padrões tradicionais extrativistas faz parte desse espaço; as lavadeiras gostam de ter esse rio como lugar sagrado, para desenvolver suas atividades laborais e de lazer (Figura 9).



**Figura 9** - Lavadeira em atividade laboral na “presa” ou represa do rio Poxim-Açu

As faixas etárias dessas mulheres são de 20 a 33 (jovens), de 33 a 55 (adultas) e entre idades de 55 e 80 anos (melhor idade). Algumas convivem com o rio desde o nascimento, outras chegaram e ali estão gerando e criando filhos e netos do rio. E as práticas tradicionais de lavagem de roupa em rios estabelecem um campo fértil de manifestações culturais possibilitando o entendimento das práticas socioambientais de um povo e sua relação com o meio ambiente, como podem ser retratados nos mapas mentais (Figura 10, 11 e 12). Nesse universo particular, as lavadeiras de roupa de rio, aprendem, reaprendem, convivem com a natureza, pescam peixes e camarão nativo e coletam frutos entre uma lavagem e outra.

DURALICE SANTOS OLIVEIRA  
(51 ANOS)



**Figura 10** - Mapa mental simbolizando as pedras dentro do rio, utilizadas na lavagem das roupas, e a ausência de vegetação em sua margem, representando a degradação do ambiente



**Figura 11** - Mapa mental mostrando o cotidiano das lavadeiras e sua interação com meio ambiente



**Figura 12** - Cotidiano das lavadeiras, mostrando a sua interação com meio ambiente

As lavadeiras são mulheres de fibra, forte como a fibra do licurizeiro, já descrito anteriormente, pertencente a esse espaço, para elas sagrado, a natureza. Viúvas, abandonadas, separadas, largadas, casadas, amancebadas e solteiras. Mulheres que criam netos e filhos, que conduzem e partilham com os homens do grupo a sabedoria de viver, viver com a natureza. Compondo este cenário do colorido das roupas nas pedras, matutam o viver dos filhos que estudam em São Cristóvão, Aracaju e/ou no povoado Feijão, mas é o rio a escola natural da vida, é lá que a linguagem se estabelece, é lá que são registradas em suas memórias a imaterialidade em seu cotidiano, a paisagem é emoldurada pela presença de suas crianças que saltitam na água.

Vivência social também é observada em outras regiões do Brasil, onde essa classe de lavadeiras de rio geralmente é formada por mulheres que não encontraram outra maneira de auxiliar no sustento de suas famílias, devido a pouca ou nenhuma qualificação, ou por serem viúvas e possuírem filhos. Isso as impediam de assumir serviços fora de casa, fazendo-as optar por essa atividade. E havia também as que trabalhavam como empregadas domésticas, normalmente abandonando essa atividade após o casamento, restando o trabalho como lavadeira, que era possível realizar em suas residências como opção para auxiliar na complementação da renda familiar, uma vez que os reduzidos salários dos maridos não eram suficientes para a manutenção da família (PASSAURA, 2007).

A escolaridade dessas mulheres é diversa; algumas são analfabetas, outras letradas, com fundamental, médio incompleto e/ou completo, mas com o desejo de voltar para escola com a perspectiva de fazer parte do programa de Educação Para Jovens e Adultos (PROEJA) na região, até mesmo no IFS - Campus São Cristóvão. Sabedoras do programa Mulheres Mil<sup>3</sup> apresentaram interesse coletivo. Uma das lavadeiras foi educanda do IFS - Campus São Cristóvão, no entanto, devido aos cuidados maternos e com o lar, não pode continuar os estudos, o que significou o momento em que a dura realidade bate de frente com o sonho de uma educação formal e de viver o cotidiano da antiga Escola Agrícola.

A casa é o esteio de todos, porém a mulher em sua maioria é a matriarca, mantendo o sustento da família. Normalmente possuem o auxílio do programa Bolsa Família, fazem faxina e lavam roupas em Aracaju e São Cristóvão, na vila do campus do IFS, nas chácaras do povoado, Cajueiro, trabalham na informalidade no IFS - Campus São Cristóvão, em setores ligados à Coordenação de Pesquisa e Extensão (CGPP), limpando os bovinos após abate, para ganhar as vísceras destes. Também atuam na formalidade, em firmas terceirizadas, como auxiliar de limpeza.

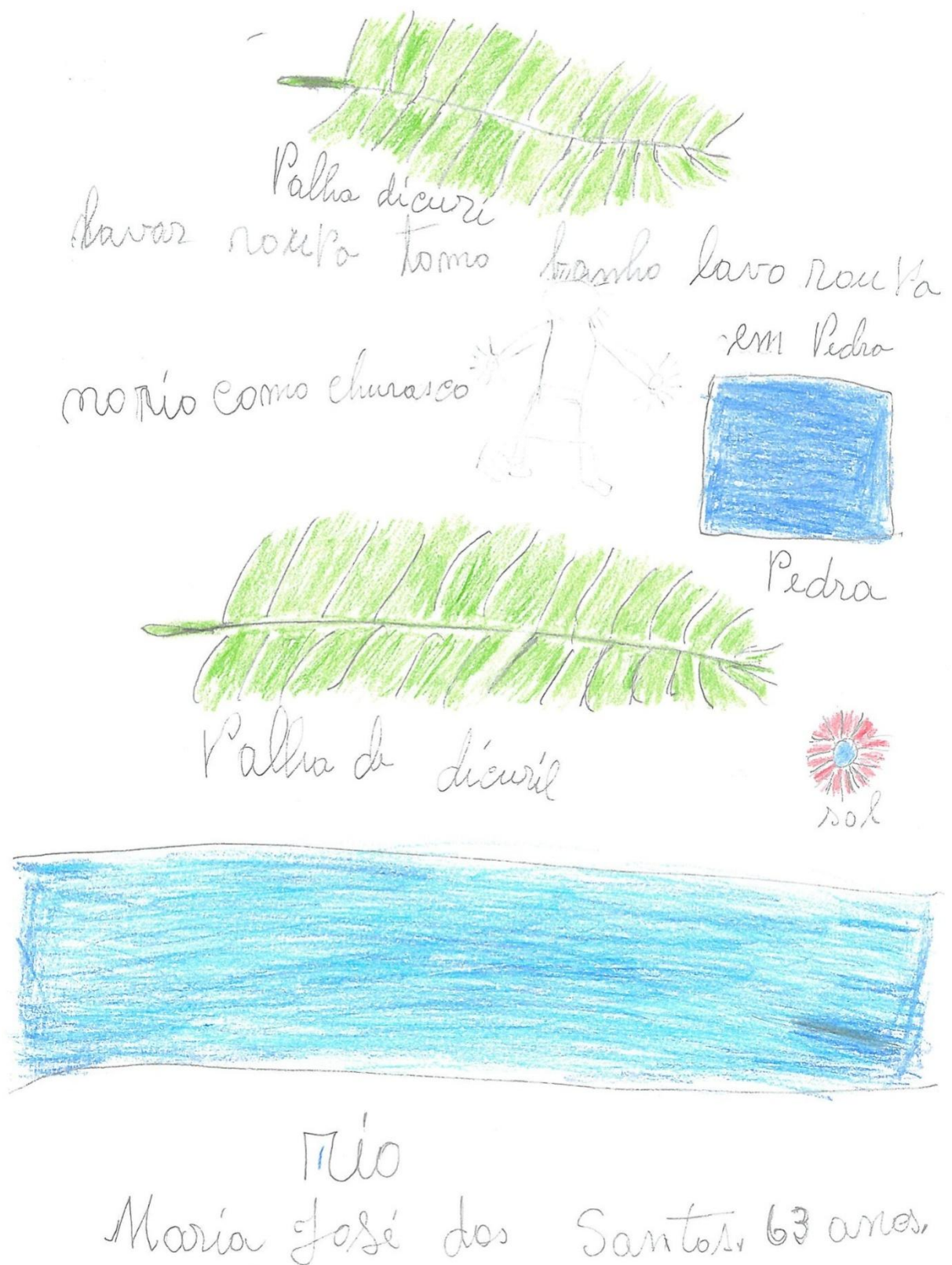
Vendem frutas e verduras produzidas por elas ou pela família, como banana, coco, acerola, goiaba e o que produzirem nos quintais. Também desenvolvem o extrativismo do jenipapo, possuindo majestosamente a sabedoria de manejar a planta e coletar o fruto, que elas presenteiam, vendem em feiras e na sombra de árvores na porta da igreja do povoado, além de utilizar na fabricação do licor, principalmente na época dos festejos juninos, chegando a produzir em torno de 300 litros. Usam a palha da palmeira ouricuri, dicuri ou licuri, para a confecção de vassouras (Figura 13, 14 e 15), que são vendidas na redondeza. Gostam de sair pelo mato afora, colhendo as palhas, e sua produção é de quatro vassouras por semana, de acordo com a procura e as vendas realizadas, observando-se que uma vassoura custa, em média, R\$ 1,50 (um real e cinquenta centavos).

---

<sup>3</sup>Mulheres Mil é um programa do governo que objetivava promover até 2010 a formação profissional e tecnológica de cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões Nordeste e Norte. A meta é garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões.



**Figura 13** - Vassouras, bem material e imaterial, confeccionadas por lavadeira artesã, com palhas da palmeira Ouricuri



**Figura 14** - Mapa mental mostrando a relação que as lavadeiras possuem com a atividade extrativista da palha do licurizeiro



**Figura 15** - Mapa mental representando a vassoura artesanal feita da palha do licuri e sua relação com a natureza

Segundo FONSECA (2005), todas as atividades humanitárias nos levam a conhecer e valorizar os costumes do nosso povo, mediante o condicionamento dos produtos em cestarias, paneiros, caçuás, para transportar caranguejo, embora a atenção esteja totalmente concentrada no trançado. Os trançados do artesanato brasileiro, acima de tudo, têm muita expressividade por representar a comunidade, pois a atividade artesanal é uma necessidade estética e econômica, esta arte de trançar fibras vegetais é legado da nossa população indígena.

O dia para lavar é escolhido de acordo com a necessidade espiritual e material. Duas ou três vezes por semana elas vão ao rio para a lavagem das almas e das roupas, passando o dia inteiro em grupos familiares, de parentesco, em mutirão e cooperação entre a vizinhança. É nas águas morenas do Poxim-Açu que o lazer, o diálogo, o trabalho, os risos, o choro, os cantos, a dança, as paneladas, a religiosidade de matriz africana, as falácias, o extrativismo do jenipapo, a pesca e os mitos e lendas se manifestam.

A lavagem de roupa se dá devido à necessidade, de acordo com o tempo e a saúde. Normalmente, ocorre pela manhã, bem cedo, por conta do sol, muitas vezes escaldante, passando as mulheres o dia todo às margens do rio fazendo fogo e paneladas (almoço coletivo). Gostariam de lavar suas roupas no rio, mesmo se tivessem água encanada, é também considerado um dia de lazer, de banhar, de socialização entre parentes, dia de lavar as dores da alma, usando o espaço para renovar a energia vital, pois lá esquecem os problemas com os maridos e as dificuldades da vida.

A questão da utilização das águas como espaço de socialização também foi observada entre as lavadeiras de Salvador do século XIX, em que os laços de amizade e solidariedade eram traçados também entre as lavadeiras, em que os espaços reservados para a lavagem de roupa também representavam um espaço de descontração e socialização (OLIVEIRA, 2011).

Apesar de a comunidade Cajueiro seguir também a religião católica (Figura 16), as oferendas religiosas de matriz africana são comuns (figura 17) segundo as lavadeiras, porém os praticantes são de outras comunidades que buscam o rio para materialização de práticas



sagradas. Com a exposição da fé no tempo e no espaço, é possível encontrar símbolos materiais como pratos de barro, velas e galinha preta, observando-se que, no período da visita, uma dessas estava sendo devorada pelo cachorro de uma das lavadeiras.



**Figura 16** - Igreja de religião católica São José, do povoado Cajueiro



**Figura 17** - Resquícios de oferendas para entidades de religiões de matriz africana às margens do rio Poxim-Açu

A língua, a arte, a cultura e a religiosidade são manifestadas em seu cotidiano aquático, pois, para Navarro (2011), a língua é uma riqueza cultural tecida com tradições, costumes, visão de mundo e relações humanas que revelam o ser e a alma de um povo. Já para Trigueiros (1977), as peculiaridades da vida de um povo, seus usos e costumes, seus cantos, suas lendas, mitos e abusões e, principalmente, as matrizes de seu linguajar tão vivo e colorido muitas vezes tão distanciado do nosso linguajar, tornando-se fundamental despertar para a manutenção desse riquíssimo bem disperso pelo veio mestre deste grande rio, dos confins de sua nascente à orla do Atlântico.

É possível registrar o impacto ambiental da prática religiosa na paisagem. A presença desses alimentos pode prejudicar a fauna local e o fogo das velas pode causar incêndio na mata. Torna-se necessária a busca por soluções para que a prática religiosa não contribua para o agravamento dos problemas ambientais já presentes na comunidade. É comum observar fumaças na margem do rio, sendo importante um trabalho de sensibilização e conscientização ambiental, sem desrespeitar as práticas culturais instaladas.

Para essas mulheres ribeirinhas, que usam energia vital para suas ações, o dia começa antes do amanhecer, com a arrumação das roupas, no jegue (chamado carinhosamente de delegado batoré), um animal encantador, de estimação, que faz parte dessa história de vida, bem como a compra do lanche e a arrumação da panelada. Logo cedo, antes de o sol escaldante do nordeste brasileiro chegar, todos estão prontos em meio a um alvoroço geral, que se assemelha à alegria contagiante das festas do ciclo do carnaval (a exemplo da alegria dos blocos nas ruas, que faz parte do cortejo nas ruas recheadas de um patrimônio arquitetônico da cidade histórica), do ciclo junino (São José, Santo Antônio, São João e São Pedro, que os grupos folclóricos, as caceteiras de seu Rindú e o samba de coco cortejam na Praça São Francisco, hoje patrimônio da humanidade), ou do ciclo natalino (no qual o reisado de seu Satu e do seu Jorge, juntos com dona Deusa, a dona do baile e suas estrelinhas com o brilho, cores de suas indumentárias e fitas coloridas, materializam a dança de origem ibérica instalada em terras sergipanas desde o período colonial até os nossos dias).

Com a alegria dos brincantes da cidade histórica São Cristóvão, o movimento, o vai e vem, é farto de sorrisos. A carroça adaptada com fundo de geladeira é conduzida pelo delegado batoré, com as vasilhas, roupas e mais roupas, crianças correndo, subindo e descendo na carroça, e a presença fundamental dos cachorros que, segundo dona Dilma, nossa informante-chave, que trabalha no campus em firma terceirizada, são os seus guardiões.

As mulheres retratam suas preocupações com a construção da barragem, o medo de a mesma estourar e morrer todo mundo, além também do medo da violência, pela proximidade do presídio. Outras preocupações detectadas são a ausência de intervenção pedagógica com a comunidade, por parte do IFS- Campus São Cristóvão, o uso e abuso de drogas neste espaço sagrado que vem sofrendo com a presença de práticas profanas, além dos problemas devidos à não ocorrência de políticas públicas para saúde, educação, cultura e segurança socioambiental pelo governo do estado.

O comando da casa, na maioria das vezes, tornam essas mulheres as guardiãs de sua família e do rio. O rio, este é espaço de morada, o seu maior parceiro, pois é nesta paisagem que dividem as mágoas desse cotidiano, nesta busca por sobrevivência no mundo contemporâneo. O rio sempre se fez presente no desenvolvimento humano, socioambiental, econômico e cultural das ribeirinhas lavadeiras de roupa.

Os pontos de lavagens são escolhidos por um grupo, devido à facilidade do alcance da água para a lavagem, e existe um querer e gosto especial por este espaço, pois o uso dessa água natural acontece em diferentes escalas de tempo e espaço, materializando a experiência humana, impregnada de valores simbólicos. Fato semelhante observado entre as lavadeiras do Ceará, que ao chegarem ao rio Acaraú em Sobral procuram um local que consideram bom para a realização de sua atividade laboral, que normalmente é definido pela ocorrência de pouca vegetação e que a água se encontre limpa (SALES, 2011).

Verificamos que o uso das águas do rio em sua atividade laboral e de lazer também é realizado pelas lavadeiras do Ceará, tornando essa atividade uma forma de sair de sua rotina estabelecida no espaço físico da casa, fugir dos problemas domésticos e das preocupações, ter um pouco de prazer, conversar, dar boas risadas, cantar, fofocar, dentre outras coisas (SALES, 2011). Para Neto (2005), apesar das difíceis condições que essas famílias passavam, elas foram capazes de reelaborar o seu cotidiano, reinventando formas de sobrevivência e conseguindo se divertir apesar de todas as dificuldades sofridas.

Dona Valdinete, cujo mapa mental (Figura 18) expressa toda a sua relação com o rio Poxim-Açu, é uma das lavadeiras que têm a magia e a sabedoria de coletar, pescar com as mãos, o camarão nativo. Um, dois, três, até 10 camarões por dia, que ficam entre as pedras, descansando, fugindo e reproduzindo. Esse universo é complementado com a beleza da natureza, como as borboletas, árvores, como o jenipapeiro e os peixes também fazem parte de

seu imaginário, porém são reais e alimentam sua prole, expressando a linguística das águas doces do Poxim-Açu (Figura 19, 20).



**Figura 18** - Mapa representando a interação da lavadeira com o rio Poxim-Açu



**Figura 19** - Mapa mental retratando a interação das lavadeiras com o rio e os produtos oriundos deste que são utilizados para a sua subsistência



**Figura 20** - Mapa mental demonstrando a relação de mulheres com os frutos da mata ciliar do rio Poxim-Açu

A casa percebida como a casa de todos, onde todos moram e são recebidos, onde festejos acontecem (Figura 21), morada do delegado Batoré, local de recepção para a pesquisa, casa que alimenta, casa do corre-corre, casa da alegria, do nascimento, da política local, da esperança, é a casa muito engraçada, esta é a casa que mantém acesa a vontade de viver, a paisagem é composta de seres humanos, animais e vegetais. A casa da relação humanidade-mulheres, concebida de processos culturais, servindo de espaço de produção e reprodução do saber, que mantém vivo o simbolismo da secagem das roupas, lavadas nas águas doces do rio Poxim-Açu, valorado por sua importância nos diferentes elementos do sistema cultural, atendendo às necessidades funcionais de sobrevivência.



**Figura 21** - Mapa mental representando a relação do rio com a casa das lavadeiras

Essas mulheres, que possuem uma realidade difícil, expressam o desejo de aprender ou aprimorar os conhecimentos, para melhorar a qualidade de vida. Elas descrevem a necessidade de terem escola de ensino fundamental na comunidade, a inserção no mundo da informática, a melhoria de suas técnicas de artesanato, teatro, dança, esporte, alimentação tradicional e moderna (bolos, tortas, pé-de-moleque, muquiados, assados, moquecas, caldos, sorvetes, doces, salgados e biscoitos), a produção de licores, aproveitando a produção local, a realização de atividades de corte e costura e crochê. Pensam também em cuidar mais da mata

e do rio, em plantar hortaliças, flores e plantas medicinais, além de criar peixes e galinha caipira, para consumo, venda na feira e atender ao turismo local, em especial, ao religioso.

Os mapas mentais puderam expressar essa gama de sentimentos que vão do entendimento sobre o pertencimento ao rio e às suas margens, cheias de riquezas, à consciência sobre a necessidade de preservá-lo para as próximas gerações. Do entrosamento entre pesquisadora e grupo pesquisado, brotaram as novas possibilidades que podem gerar uma relação mais aproximada com o IFS - Campus São Cristóvão, com ações formativas efetivas e que permitam uma contínua troca de saberes.

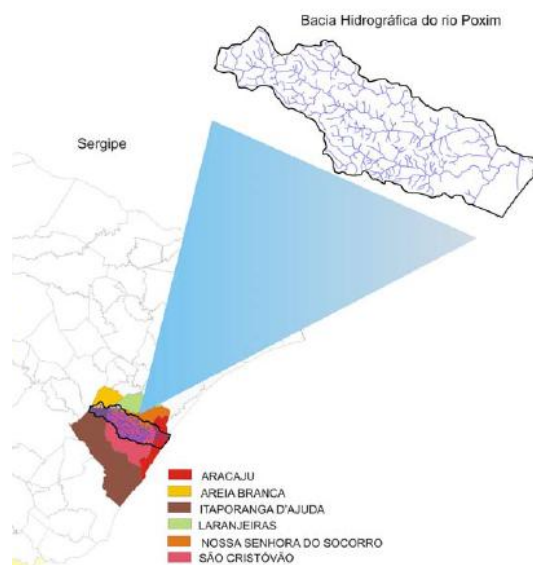
Para as lavadeiras, valores como o prazer, a satisfação em fazer de sua vida uma ação duradoura para si e para a comunidade e ou grupo, alimenta o sentido de toda luta e superação das dificuldades; anima-as a estar em um grupo que sonha tem um por que trabalhar e lutar. Aprendemos com as lavadeiras que o saber passa pela capacidade da socialização do cotidiano da vida e que a reflexão necessita ter alicerce sólido para evoluir enquanto conhecimento (PASSAURA, 2007).

No entanto, apesar da relação de proximidade com o rio do qual retiram sua subsistência, pode-se observar o descaso com o mesmo. A pouca conscientização ambiental do impacto dessa atividade sobre o mesmo não é avaliada, e os resíduos de sabão e o lixo oriundos dessas atividades nas proximidades do rio e em suas águas são um problema real. Fato também observado no Ceará, onde a margem do rio utilizada para a lavagem apresenta resíduos dessa atividade, além de outras fontes de poluentes decorrentes da presença da comunidade na proximidade deste, como o esgoto (SALES, 2011).

Esse cenário mostra a necessidade da realização de ações efetivas de sensibilização, conscientização, preservação e conservação ambiental; o pertencimento precisa ir além da necessidade da população ribeirinha e passar a vislumbrar as necessidades dos recursos naturais dos quais essas comunidades sobrevivem.

#### **4.2 Relatório sobre o nível de degradação do trecho do rio, no entorno do IFS - Campus São Cristóvão**

O rio Poxim-Açu (Figura 22) é de grande importância para a população sergipana, pois é uma das fontes de abastecimento de água doce da cidade de Aracaju, capital do Estado de Sergipe, fazendo parte da bacia do rio Sergipe (SILVA *et al.*, 2004).



**Figura 22** - Bacia hidrográfica do rio Poxim. Fonte: Moreira, 2006

Devido à sua importância, ele é amplamente utilizado e conseqüentemente degradado, a ocupação e uso do solo da bacia deste rio podem ser divididos em 15 categorias: área degradada, área embrejada, área industrial, assoreamento, campos de restinga, corpos d'água, cultivos agrícolas/solos expostos, dunas e areial, manguezal, mata, mata ciliar, povoados e distritos, sede municipal, viveiro/salinas e pastagem (COSTA, 2011).

O trecho estudado na pesquisa pertence ao município de São Cristóvão, cidade que possui a maior quantidade de fragmentos florestais e 59,16% do seu território na bacia hidrográfica do rio (COSTA, 2011).

A região do entorno do IFS - Campus São Cristóvão, que é banhada pelo rio Poxim-Açu, apresenta atualmente os seus recursos bastante comprometidos. Os principais impactos ambientais observados são devidos à intervenção antrópica, e pudemos observar na pesquisa que ocorre a modificação do curso d'água (Figura 23 a e b); criação de trilhas e áreas de lazer (Figura 24), que são feitas de maneira desordenada; presença de resíduos domésticos, dos visitantes (Figura 25), da construção civil e restos utilizados em manifestações religiosas; extrações de areia e argila; e assoreamento devido à retirada da mata ciliar.





**Figura 23** - Modificações do curso d'água do rio Poxim-Açu. a - Para utilização das águas para a lavagem das roupas; b - barragem para captação de água



**Figura 24** - Área desmatada para acesso ao rio Poxim-Açu



**Figura 25** - Entulhos encontrados nas proximidades do rio Poxim-Açu

A população ribeirinha, que tira parte de sua subsistência das águas do rio, também é responsável por danos a este. Pois, apesar da forte ligação com o recurso, existe a alusão de que suas ações não causam danos frente às demais atividades degradantes às quais o rio é submetido. No entanto, eles percebem as mudanças que ocorrem no seu entorno, como a escassez dos recursos naturais utilizados em sua alimentação, artesanato e atividades culturais.

O trabalho realizado evidenciou que se faz necessário o desenvolvimento de atividades educacionais, gerenciamento ambiental e o maior envolvimento do IFS - Campus São Cristóvão com a população ribeirinha, bem como o desenvolvimento de tecnologias capazes de garantir a sustentabilidade da utilização dos recursos naturais oferecidos pelas águas e matas do entorno do rio Poxim-Açu.

O aparente descaso das autoridades associado com a pouca informação da sociedade que mora e utiliza diretamente os recursos do rio são os principais vilões desse cenário. Os remanescentes de Mata Atlântica ao longo do rio sofrem impactos constantes devido às atividades desenvolvidas no seu entorno, por exemplo, com o cultivo de cana-de-açúcar (que é considerada uma fonte ecológica de combustível) e criação de pastagens; no entanto, apesar de esses ambientes serem protegidos por legislação específica, não são observadas ações de proteção (COSTA, 2011).

#### **4.3 O Conhecimento dos Educandos sobre Educação Ambiental e a Importância do Rio para as suas Vidas**

Os estudantes do IFS - Campus São Cristóvão possuem uma forte ligação com as águas e o meio ambiente. Alguns dos educandos (Figura 26) são descendentes indígenas, filhos do Baixo São Francisco Sergipano e Alagoano. Outros pertencem ao próprio município de São Cristóvão, que é a quarta cidade mais antiga do Brasil, uma cidade histórica, rica em arquitetura e águas doces e salgadas. A importância do rio para os educandos vai além da utilização do recurso natural, indo até a representação sociocultural, o simbolismo que este representa num sistema integrado de valores, crenças e regras adquiridos ao longo da sua história de convívio ambiental.



**Figura 26** - Educandos do IFS - Campus São Cristóvão que participaram da pesquisa

Os educandos abordam a importância quanto à utilização da temática do rio Poxim-Açu em seu cotidiano escolar pelos educadores, devido à importância desse recurso para a manutenção da vida e para a escola. Além disso, os mesmos demonstram a curiosidade de conhecer o rio, que, devido às regras do regulamento escolar, possui trânsito proibido, para evitar acidentes com os educandos. A pouca inserção dessa temática no cotidiano escolar nos parece remeter às reflexões sobre a dissociação teoria-prática e o distanciamento da formação técnica da realidade socioambiental, das dimensões culturais e políticas que deveriam envolver o ensino em qualquer nível.

Fala-se na coesão social e na participação democrática; numa educação pluridimensional; na universidade como o lugar da cultura e espaço aberto à participação de todos; num ensino que privilegie a capacidade de analisar, de pensar estrategicamente e de responder criativamente a situações novas. Em contrapartida, o que se vê sendo levado à prática é a dissociação cada vez maior entre a educação para o saber e a educação para o trabalho (entendendo-se a primeira como a que oferece o ensino intelectual, geral, capaz de preparar a elite dirigente e a segunda como a que oferece o trabalho manual, para as classes menos favorecidas); uma dissociação teoria-prática; um desprivilegiamento das manifestações culturais; uma fragmentação do saber; um aligeiramento da formação, enfim, o predomínio da exclusão (SOARES, 2004).

Antes da realização da caminhada transversal pelo rio com os educandos, foi feita uma sensibilização em sala de aula. Para tanto, foram utilizados os poemas “Água e magoas do São Francisco” e “A lagoa” ambos de Carlos Drummond de Andrade e “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, além do “Mito de Narciso”, buscando possibilitar aos educandos uma melhor percepção e avaliação da paisagem que eles iriam vivenciar.

Os educandos fizeram leituras silenciosas e após em coro, seguida de declamação e dramatização. Seguindo a temática, o grupo de teatro “pau pombo” fez alusão à espécie botânica *Tapirira guianensis* (Anacardiaceae), existente nas matas brasileiras e sergipanas. O

“Mito de Narciso” buscou associar o reencontro com a infância, quando os pais e responsáveis dos educandos contavam histórias para acalantar, só que normalmente eram histórias sobre assombrações.

Foi utilizado o símbolo das águas, a rainha e mãe das águas na religião de origem africana e que na religião católica é associada a Nossa Senhora da Conceição, do Carmo, da Piedade, das Dores e do Rosário; possibilitando o reconhecimento e a discussão da diversidade religiosa pelos mesmos. Foram abordados ainda os deuses da mitologia relacionados com a água, bem como todos os rituais que eram realizados na busca de benefícios e em agradecimentos às graças alcançadas. As músicas utilizadas tiveram o intuito de valorizar as raízes culturais e artísticas brasileiras e em especial as das comunidades de origem dos educandos.

Foram utilizados recursos audiovisuais para demonstrar a realidade das comunidades que sofrem com a ausência e a escassez da água, como os filmes da série “Água – vida e alegria no Semiárido”, realizado pela Associação do Semiárido Brasileiro (ASA), com apoio da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) e pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC), composto por uma série de desenhos chamados “Água, vida e alegria no Semiárido”, que utiliza a realidade do Semiárido, tendo as crianças como os personagens principais da série, composta por oito episódios, que abordam os temas: açude e represa; cisterna; uso racional da água; ciclo da água; saúde e higiene; poluição dos rios; passado, presente e futuro; e direito a água potável. Após a visualização da série, os educandos perceberam a necessidade de preservação desse recurso, que muitos consideravam abundante, devido à sua realidade, pois o estado sergipano possui muitos rios e é banhado pelo mar, no entanto, puderam perceber que a qualidade dessas águas é comprometida pelo mau uso desses recursos e o descaso da população.

“Eu estava em dúvida, mas após esse vídeo vi que sou capaz de preservar e ajudar o rio”. Foram as palavras de uma educanda. Mostrando o seu despertar para a realidade vivida por tantas comunidades que sofrem com a ausência e o comprometimento da qualidade da pouca água a que essas pessoas têm acesso.

Com a caminhada, os educandos puderam vivenciar as práticas insustentáveis sofridas ao longo do rio (Figura 27), como a presença de pastagens e resíduos provenientes das comunidades, inclusive do próprio IFS - Campus São Cristóvão, construção civil, extração mineral, desmatamento, assoreamento (Figura 28), além da perfuração de poços artesianos e cisternas que afetam diretamente o lençol freático. Essa situação os levou a analisar a produção das águas no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, como uma ferramenta para a recuperação e minimização dos impactos ambientais que o rio sofre constantemente.



**Figura 27** - Educando em contato com a área degradada do rio Poxim-Açu



**Figura 28** - Lixo visualizado durante a caminhada ao povoado Cajueiro, nas proximidades do Rio Poxim-Açu

Os educandos identificaram, como consequências dos impactos sofridos pelo rio, o aumento das doenças de veiculação hídrica, bem como a redução dos produtos oriundos do processo extrativista nas comunidades ribeirinhas.

Os educandos puderam observar o cotidiano da comunidade ribeirinha, que utiliza as águas e matas para a sua sobrevivência. Na comunidade do Cajueiro, onde a pesquisa foi realizada, os educandos tiveram contato com as pessoas e as histórias das lavadeiras, artesãs, extrativistas, pescadores e agricultores familiares, vivenciando o que muitas vezes só haviam ouvido falar, apesar da pouca distância, mostrando que existem dois mundos que precisam ser unidos, e essa união pode ser enriquecedora para ambos os lados, mas principalmente para o meio ambiente.

“Ao chegarmos ao povoado após uma caminhada de uns 20 minutos, constatamos com certa surpresa a simplicidade do local, o descaso do poder público e com os anos de existência o local pouco evoluiu.”

#### **4.4 Ações de Educação Ambiental Visando Subsidiar Debates e Ações Ecológicas, Juntos aos Ribeirinhos, a partir de Dados e Levantamentos Perceptivos.**

Primeiramente foi realizada a apresentação do projeto de dissertação para a comunidade do Cajueiro, a docentes e discentes do IFS - Campus São Cristóvão, visando à integração e participação destes para a realização do projeto a ser desenvolvido.

Depois, foi realizada uma série de exibições de documentários produzidos pelos educandos, na perspectiva de encontrar parceiros para edição final.

Está sendo organizada uma exposição fotográfica e audiovisual com imagens filmicas adquiridas durante as caminhadas transversais com os educandos, mostrando as percepções dos discentes sobre o rio Poxim-Açu e a população tradicional ribeirinha.

Após a realização da caminhada, em que os educandos puderam vivenciar os problemas sofridos pelo rio e pela população tradicional que sobrevive às margens dele, os mesmos se sentiram impulsionados a participarem da Gincana Cultural, promovida pela reitoria do IFS - Campus São Cristóvão. O foco principal foi a diversidade cultural brasileira. Com a apresentação das manifestações culturais do município de São Cristóvão, os educandos apresentaram o reisado (dança religiosa, de origem portuguesa, bem como a gastronomia local, as queijadas de origem africana). Devido ao significativo desempenho, a gincana conseguiu arrecadar aproximadamente mil quilos de alimento. Os educandos decidiram doar a metade para uma creche local e a outra metade para comunidade do Cajueiro, onde se encontra a população tradicional ribeirinha, as lavadeiras do rio Poxim-Açu (Figura 29).



**Figura 29** - Chegada dos educandos com os alimentos arrecadados na comunidade Cajueiro e distribuição desses alimentos a esta comunidade

Nesse ínterim, ocorreu a promoção da “VI Olimpíada Ambiental”, promovida pelo governo do Estado de Sergipe, por meio da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH), que é considerada o maior evento de Educação Ambiental do Estado, com o tema: “Florestas: o futuro do planeta em nossas mãos”, onde participaram educandos das redes públicas federal, estadual, municipal e da rede privada, totalizando aproximadamente mais de quatro mil estudantes oriundos de 285 instituições sergipanas.

Para a participação dos educandos na “Olimpíada Ambiental” foi realizado uma sensibilização utilizando a temática água doce do rio Poxim-Açu no entorno do IFS - Campus São Cristóvão, buscando a valorização da cultura local, sendo proposta uma pesquisa em grupo sobre a música regional brasileira, manifestada no cotidiano, em festividades folclóricas, festas populares e religiosas, buscando o entendimento da mensagem ambiental nela contida. Dois trabalhos dos educandos foram selecionados: a produção artística de imagem, pelo educando do primeiro ano do curso de agropecuária na categoria fotografia e a criação de frase pela educanda do curso de agroindústria do segundo ano na categoria produção de texto (Figura 30). A criação da música “O rio”, escrita por uma educanda do terceiro ano do curso de agropecuária, na categoria produção de texto, não foi selecionada, porém para nosso grupo de estudo ela tem um valor simbólico para nossa pesquisa. Nossas caminhadas geraram o acervo de aproximadamente 600 imagens, e destas foram selecionadas 112, que foram utilizadas na inscrição dos educandos na olimpíada ambiental.



**Figura 30** - Alunos (vestindo o uniforme do IFS) classificados na V Olimpíada Ambiental.

Fonte: <http://www.ifs.edu.br/images/divcom/2011/Fotos/ambiental%202.jpg>

Ocorreu também a classificação em terceiro lugar na categoria professores para o projeto “A importância da educação ambiental e das práticas transdisciplinares no processo de conservação e preservação do Rio Poxim-Açu, no entorno do Instituto Federal de Sergipe - São Cristóvão”, que foi elaborado a partir deste trabalho de dissertação (Figura 31).



**Figura 31** - Professora do IFS - Campus São Cristóvão, recebendo a premiação pela classificação em 3º lugar na categoria projeto

Ocorreram também reuniões para inserção das lavadeiras no programa “Mulheres Mil”, após a aceitação das beneficiárias e planejamento para participação do IFS - Campus São Cristóvão na chamada pública, cujo projeto foi aprovado e hoje encontra-se em fase de construção do plano de trabalho, de sensibilização da população ribeirinha, lavadeiras de roupa, extrativistas e brincantes das manifestações populares, danças e comidas oriundas da mãe maré. O projeto contará com a participação dos educandos do IF, como bolsistas e monitores. No momento, espera-se o término da greve dos servidores federais para continuar o processo de inserção de 100 mulheres, possivelmente para o curso de alimentos culturais tradicionais, sendo essa a nossa proposta como uma das gestoras deste referido programa, após capacitação realizada em Brasília no mês de maio, do corrente ano.

Tem-se dado continuidade às caminhadas pelo rio Poxim-Açu e Mirim, com as novas turmas das disciplinas de “Arte e Educação” e estudos em sala de aula para desenvolvimento da temática atribuída pela “Olimpíada Ambiental” do ano de 2012, em que participamos do processo promovendo a ampliação do conhecimento dos educandos sobre educação ambiental e fortalecendo a consciência da arte, da cultura e de preservação à natureza.

As ações de educação ambiental visam sensibilizar a comunidade usuária das águas visando o desenvolvimento sustentável, buscando valorizar a arte e a cultura local, tradições, o extrativismo, as práticas alimentares tradicionais (a exemplo dos beijus, do molhado do saroi e do mal casado) e a preservação da paisagem, promovendo assim a manutenção da natureza e da comunidade que dela depende.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste final de trabalho, gostaria de poder tecer algumas considerações sobre o envolvimento da curiosa professora de arte e educação, amante da cultura popular brasileira e da natureza com o tema. Buscamos iniciar a pesquisa enquanto ser do mundo aquático, que questiona sua própria relação com as águas brasileiras. Portanto, desenvolver esta pesquisa em parceria com minha orientadora e os envolvidos significou um retorno à vida acadêmica, pessoal e profissional por meio de uma teia de significados da sua própria visão de mundo.

A realização desse estudo trouxe à tona uma parcela da população que presta um serviço importante, pouco valorizado, lavagem de roupa em margem de rio, porém, que possui a alegria e uma força de viver. Viver dentro das suas raízes culturais e das condições ambientais de onde consegue tirar o sustento de suas famílias. Mulheres ribeirinhas lavadeiras de roupa que encantam as águas do Rio Poxim-Açu no estado de Sergipe.

Nesse mundo afastado da realidade do poder público, se encontra a informalidade dessa comunidade ribeirinha e a formalidade do IFS - Campus São Cristóvão, onde os educandos buscam qualificação para se enquadrar no mercado profissional, mercado esse que deve visar, cada vez mais, a sustentabilidade dos ambientes para a perpetuação e manutenção da vida. Pelo menos essa deveria ser uma das perspectivas a serem alcançadas pelos profissionais formados na área de agropecuária; no entanto, ainda existe uma grande ponte a ser construída entre esses dois mundos - a instituição escolar e a comunidade do seu entorno. Ponte essa cujos alicerces foram fundados com a realização desse projeto, que possibilitou a inclusão dos educandos no universo dos problemas socioambientais sofridos pelo rio, que está tão próximo deles e dessa comunidade.

Pudemos perceber que o desenvolvimento do projeto despertou nos estudantes a vontade de inclusão e de fazer parte das possibilidades que podem ser geradas para a melhoria da qualidade de vida e conservação dos recursos naturais.

O impacto ambiental sob o rio Poxim-Açu é grandioso e as soluções para sua conservação e restauração precisam envolver a população ribeirinha, que utiliza o rio e suas matas em seu cotidiano, as entidades governamentais, a exemplo do corpo técnico que faz parte do IFS - Campus São Cristóvão, e a sociedade em geral, pois só assim, realmente, deixarão de existir simplesmente projetos para existirem ações efetivas, possibilitando melhoria na qualidade de vida de seus usuários.

Consideramos que o objetivo geral proposto, qual seja o de avaliar ações de educação ambiental desenvolvidas em parceria com o corpo discente e docente de nossa instituição federal de ensino tecnológico profissional, pode auxiliar no desenvolvimento de ações conservacionistas e restauradoras, promovendo a construção do conhecimento com uma visão interdisciplinar, sendo plenamente alcançado. As caminhadas, as criações dos mapas mentais por lavadeiras, as conversas, a narração de histórias lendárias, possibilitaram aos estudantes, professores e servidores um maior conhecimento sobre a realidade do entorno do campus, como uma maior interação com a comunidade e a proposição de ações com rodas de conversa, aos cuidados necessários com o ambiente aquático. As lavadeiras e seus filhos demonstraram, em suas falas e em seus desenhos, a importância sobre o seu papel, o cuidado que devem ter com o rio que lhes propicia a vida e o sustento, passaram a ver no IFS - Campus São Cristóvão uma possibilidade real de aprendizado, de troca de saberes, conquistando espaços antes inimagináveis. Hoje as mesmas estão fazendo parte do programa de inclusão no Programa Mulheres Mil, no curso de processamento de alimentos tradicionais, proposta de aliar a educação ao trabalho, objetivando a redução de problemas sociais em comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano. O referido programa está

alinhavado a um contexto e um conjunto de prioridades das políticas públicas e das diretrizes da política externa do governo federal brasileiro.

Os objetivos específicos também foram sendo alcançados ao longo da realização da pesquisa, uma vez que a partir da caracterização da realidade socioambiental e cultural das lavadeiras, principais usuárias do rio Poxim-Açu, juntamente com os estudantes, fomos reconhecendo as peculiaridades, as manifestações, as percepções e, ao mesmo tempo, verificando o nível de degradação daquele trecho do rio, em especial a erosão cultural que ocorre no entorno do IFS - Campus São Cristóvão. As atividades realizadas no interior daquele estabelecimento, com servidores e com as turmas de estudantes selecionadas, nos permitiram verificar quais os conhecimentos que possuíam sobre a Educação Ambiental, bem como a sua visão sobre a importância do rio para a escola, para a comunidade e para as suas próprias vidas. Por sua vez, as percepções realçadas nos mapas mentais, das imagens filmicas e fotográficas que foram artisticamente produzidas, permitiram que pudéssemos, em conjunto, propor atividades de Educação Ambiental, que fujam do convencional e se incorporem à prática pedagógica cotidiana.

Entendemos que a semente foi semeada, e, apesar da finalização da dissertação, continua o envolvimento com a comunidade e a sensibilização dos educandos e da comunidade interna, com novas turmas, novos sujeitos a serem envolvidos nesse processo de sensibilização, conscientização/ação. Esperamos que, com essa pequena gota, seja possível ajudar a alertar e quiçá iniciar novos processos de ação em prol da conservação ambiental que saiam do papel e tornem-se realidade antes que não seja mais possível e que a degradação se faça inexorável, cada vez mais presente em nosso cotidiano.

Sobretudo, importa destacar o quão prazeroso e mágico foi, e é, em nossa vida, buscar entender um rio brasileiro dentre tantos, a força que dele emana e as populações tradicionais que vivem, convivem e sobrevivem a partir da riqueza que ele oferece. Seja o “velho Chico”, com suas histórias, poemas, cantorias, seja o rio Negro, com a língua da civilização amazônica, das 18 línguas faladas, das comidas tradicionais indígenas do rio das águas pretas, ou o rio Vermelho em Japaratuba/SE com as águas de Artur Bispo do Rosário, o rio Sergipe de Zé Peixe, o Vaza-Barris do samba de cuíca, o Paramopama com sua dor, o rio Araguaia do povo Xingu, o rio das Almas, do rio das Velhas, do Poxim-Açu, que perpassa o cotidiano da nossa casa de trabalho, de vida e de transformação. Ver e compreender o rio são sempre um presente e uma renovação, uma dádiva, pois como dizia o grande Guimarães Rosa:

[...] amo os grandes rios, pois são profundos como a alma do homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como os sofrimentos dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes rios: a eternidade. Sim, rio é uma palavra mágica para conjugar a eternidade..

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, F.A. Conformação curricular do Ensino Médio e da Educação Profissional no Brasil contemporâneo. Seropédica: *Edur. RETTA*, v.1, n.1, p.21-39, 2010.
- ARAGÃO, A.G. *Implantação de Área- Piloto para Revegetação Ciliar no Baixo São Francisco Sergipano*, 2006. 43f Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Engenharia Florestal), Universidade Federal de Sergipe em engenharia Florestal, São Cristóvão, 2006.
- AZEVEDO, E. *Alimentos orgânicos: ampliando os conceitos de saúde humana, ambiental e social*. 2.ed. Tubarão: Unisul, 2006.
- BARBOSA, B. *Sistema de uso comum de recursos em comunidades quilombolas no Vale do Rio Capim (PA)*. UFPA / NAEA, 2008.
- BELONI, B.M. Contexto Histórico e Políticas Públicas da Educação Profissional no Século XXI: Apontamentos Introdutórios, In: ENCONTRO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 4, 2009, Campo Mourão. *Anais...* Campo Mourão: 2009. Cd-Rom.
- BOMFIM, A.A. *A trajetória profissional dos egressos do curso técnico em agropecuária da EAF de São Cristóvão – SE*. Dissertação (mestrado em Educação Agrícola) – UFRRJ, Instituto de Agronomia, Seropédica. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.
- BOUSQUET, B. Elements de base pour une politique de conservation des espaces naturels dans le cadre des projets de développement. In: MALDAGUE, M.; MATUKA, K & ROLAND, A (eds), *Environment et gestion des ressources naturelles dans la zone africaine de l’océan Indien: Comores, Madagascar, Maurice, Réunion (France), Seychelles*. Séminaire International Sur la Gestion de L’environnement Tomasina, Madagascar. Paris, Unesco, 1989.
- BRANDÃO, C.R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BRASIL. *Decreto-Lei 7.566*. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 20 jul 2011.
- \_\_\_\_\_. *Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942*. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 20 jul 2011.
- \_\_\_\_\_. *Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e base da educação nacional – LDB. Disponível em: <[www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br)>. Acesso em: 15 jun 2011.
- \_\_\_\_\_. *Diretrizes de funcionamento de uma Escola Agrotécnica Federal*. COAGRI. Ministério da Educação. 1985.

- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias*. v.2. Brasília: MEC, SEB. 2006.
- BRASIL / MEC / SETEC. *Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio – Documento Base*. Brasília, DF, 2007.
- BUARQUE, C. A Dimensão de Gênero no Mundo Rural Brasileiro Contemporâneo, In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL-EQUIDADE DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS TERRITÓRIOS RURAIS. 2004, São Luís, *Anais...* São Luís: 2004.
- CAPRA, F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix LTDA, 2002.
- CARVALHO, C.J.; DINIS, C.Y. *Cartilha Erosion*. Brasília: Editora-Brasília; Universidade de Brasília, FINATEC, 2005.
- CARVALHO, I.C.M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2004.
- CASTRO, M.G. ABRAMOVAY, M. *Gênero e meio ambiente*. São Paulo: Cortez, 2005, 143p.
- CASTELLO, L. Percepção ambiental e identificação de padrões de paisagem urbana como contribuição ao urbanismo. In: BIENAL ARGENTINA DE URBANISMO: AMBIENTE, URBANISMO E DESARROLLO SUSTENTABLE. 3, Luján, *Anais...*Luján: 1994.
- COSTA, L.C.P.; PESSOA, E.V. Levantamento dos Impactos Ambientais no Riacho Centendas. SIMPÓSIO DE ENGENHARIA E AMBIENTAL. 3, Massapê, *Anais...* Massapê: 2006.
- COSTA, C.C. *Subsídios para a proteção dos fragmentos florestais na bacia hidrográfica do rio Poxim – SE*. Dissertação (mestrado em Agroecossistemas) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- COUTINHO, C.N. Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre ideias e formas. Belo Horizonte/MG: Oficina dos Livros, 1990 apud SOARES, A. M. D. Ensino técnico e formação profissional: trajetórias, movimentos, contrapontos e perspectivas. Seropédica: *Edu. RETTA*, v.1, n.1, p.41-59, 2010.
- CUNHA, C.J.; HOLANDA, F.S.R. Relação homem-natureza: a pertencência da ética ambiental em Agroecossistemas no estuário do Baixo São Francisco. *Revista da Fapese*, v.2, n.1, p.113-124, 2006.

- DANTAS, F.A.C. *O sujeito diferenciado: a noção de pessoa indígena no direito brasileiro*. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.
- DAVIDOFF, L.L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: Mcgruwhill, 1983.
- DEL RIO, V. Cidade da Mente, Cidade Real. Percepção Ambiental e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (orgs.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Universidade de São Carlos (SP)/ Studio Nobel, 1996.
- DIAS, S.R. *Gestão de marketing*. São Paulo: Saraiva, 2005. 560p.
- DIEGUES, A.C.S. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- \_\_\_\_\_. AS Áreas Naturais Protegidas, o Turismo e as Populações Tradicionais. In: SERRANO, C.M.T. e BRUHNS, H.T. *Viagens à natureza (Turismo, Cultura e Ambiente)*, Campinas: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Etnoconservação: novos rumos para proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O mito da natureza intocada*. 4 ed. São Paulo, Annablume, 2002.
- FERRARA, L. D.A. As cidades ilegíveis. Percepção ambiental e cidadania. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (org). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Carlos-SP: UFSCar, 1996. p. 3-22.
- FERNANDES, F.C. *O FUNDEB como política pública de financiamento da educação básica. Retratos da Escola*. Brasília, DF, v.3, n.4, p. 23-38, 2009.
- FERNANDEZ, G.A.S.M. Direito internacional tributário ambiental e a adequação da legislação e da doutrina nacional ao princípio do poluidor pagador. In: CASSELA, P.B. *Direito da Integração*. São Paulo: Quartier Latin, 2006.
- FERREIRA, R.A. *et al.* Estudo da vegetação em área de nascente do rio Poxim, Areia Branca - Se. In: SIMPÓSIO DE RECURSOS HÍDRICOS DO NORDESTE, 8, 2006, Gravatá. *Anais...* Gravatá: 2006. Cd-Rom.
- FERREIRA, R.A.; NETTO, A.O.A.; SANTOS, T.I.S.; SANTOS, B.L.; MATOS, E.L.M. Nascentes da sub-bacia hidrográfica do rio Poxim, estado de Sergipe: da degradação à restauração. *Revista Árvore*, v.35, n.2, p.265-277, 2011.
- FERRERO, E.M. *Carta da Terra: relação pela ação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- FONSECA, A.C.M. *Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2005.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- FREITAS, L.C. Ciclo ou série? O que muda quando se altera a forma de organizar os tempos–espaços da escola? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 27, Caxambu, 2004. *Anais...* Caxambu, 2004.
- FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A política de educação profissional no governo lula: um percurso histórico controvertido. *Educação e Sociedade*, v.26, n.92, p.1087-1113, 2005.
- GARCIA, S.R.O. *Trabalho e Crítica*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.
- GOMES, L.J. *Diagnóstico rápido participativo*. Aracaju, 2006.
- GUIMARÃES, M.F.R. *Construção de indicadores ambientais para o estudo da erosão marginal do baixo São Francisco – SE*. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.
- HAMMES, V.S. (Ed.). Julgar, percepção do impacto ambiental. Brasília: *Embrapa Informação Tecnológica: Educação Ambiental para o desenvolvimento sustentável*, v.4, 2002.
- ISMERIM, S.S. *As cheias no Baixo São Francisco: estudo de caso sobre a percepção dos ribeirinhos*. Dissertação. (Mestrado em Agroecossistemas) Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2005.
- JACOBI, P.R. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n.118, p.189-205, 2003.
- JACOBI, P.R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. *Educação & Pesquisa*, v.31, n.2, p. 233-250, 2005.
- KILL, L.H.P. Caatinga: Patrimônio brasileiro ameaçado. Disponível em: <[www.agroline.com.br](http://www.agroline.com.br)>. 2002. 2p. Acesso em: 15 ago 2011.
- KUENZER, A. *Ensino de 2º grau: o trabalho como princípio educativo*. São Paulo: Cortez, 1988. 166p.
- KAWAHARA, L.S.; QUADROS, I. P.; SATO, M. Arte popular e educação ambiental de resistência no pantanal: integrando saberes em diálogo. In: V EPEA - ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 5, 2011, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: 2011. v. 1. p. 1-14.
- LEFF, E. Los nuevos actores del ambientalismo en el medio rural Mexicano. *Ambiente & Sociedade*, Ano I, n.2, p.61 – 75, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Saber Ambiental; sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- LEONEL, M. *A Morte Social dos Rios*. São Paulo: FAPESP, 1998.

- LUCA, A.Q. *Fenologia, potencial germinativo e taxa de cruzamento de uma população de paineira (Chorisia speciosa St. Hil. Bombacaceae) em área ciliar implantada*. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais), 2002 Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP, 87p.
- MACEDO, R.L.G. *Consciência, Percepção e Conservação Ambiental*, Lavras; UFLÇA/FAEPE, 2003.
- MAIA, R.M.A.; SOARES, L.M.S. A Imagem do Rio na Poesia Brasileira do Século XX, *Vértices*, v.6, n.1, jan/abr, 2004.
- MARCONI, M.A. *Antropologia uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1992.
- MAROTI, P.S. *A Percepção Ambiental de Antigos Trabalhadores da Jagunda Jatahy (Região de Ribeirão Preto atual estação ecológica de Jataí): Mudanças Tofofelica ao longo do tempo provocados* www.ufs.br/campusitabaiana. 2007.
- MOURÃO, L. Pertencimento In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA TRANSDISCIPLINARIDADE, 2, 2005, Vitória, *Anais...* Vitória: 2005, CD Rom.
- MINAYO, M.C.S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C.S.; GOMES, S.F.D.R. (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.9-29.
- MOREIRA, F.D. Mapa de localização da sub-bacia hidrográfica do rio Poxim. in: AGUIAR NETO, A.O. *et al. Relatório final: Diagnóstico e avaliação ambiental da sub-bacia hidrográfica do rio Poxim*. Aracaju, 246p. 2006.
- NASCIMENTO, J.C. *Memórias do aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe*. Maceió: Edições Catavento, 2004.
- NETO, F.A.N. *A condição social das lavadeiras em Salvador (1930-1939), quando a História e a Literatura se encontram*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.
- NETTO, A.O.A.; GOMES, C.C.S.; LINS, C.C.V.; BARROS, A.C.; CAMPECHE, L.F.S.M.; BLANCO, F.F. Características químicas e salino-sodicidade dos solos do Perímetro Irrigado Califórnia, SE, Brasil. *Ciência Rural*, v. 37, p. 1640-1645, 2007.
- NOBLICK, L.R. *Palmeiras das caatingas da Bahia e as potencialidades econômicas. Simpósio sobre a Caatinga e sua Exploração Racional*, Brasília, DF, EMBRAPA, p.99-115, 1986.
- \_\_\_\_\_. *The indigenous palms of the State of Bahia, Brazil*. PhD Thesis, University of Illinois, Chicago, 1991.
- OLIVEIRA, J.C. *Alguns conhecimentos sobre alimentação*. São Paulo: Iepé, 2006.

- OLIVEIRA, B.S.L. Resenha mulher negra no oitocentos: trabalho, liberdade e resistência.
- SOARES, C.C.M. Mulher Negra na Bahia no Século XIX. *Revista da ABPN*, v.2, n.5, p. 169-172, 2011.
- PACHECO; SILVA. A.P. Programa EICOS RJ- Departamento de Antropologia Museu Nacional. *Compromissos Epistemológicos do conceito de Percepção Ambiental*, 2004.
- PANNUNZIO, M.A. *Era uma vez um rio*. Rio de Janeiro: Edições José Olímpio, 2004.
- PASSAURA, L. *A intensificação da qualidade de sujeitos nas mulheres da associação das lavadeiras de Lins – SP*. (Dissertação de Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca - SP, 2007.
- PINHEIRO, M.L.S. Conferencia Magna Equidade de Gênero e Políticas Públicas. In. SEMINÁRIO INTERNACIONAL- EQUIDADE DE GÊNERO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS TERRITÓRIOS RURAIS. 2004, São Luiz. *Anais...* São Luiz: 2004.
- PINHO, A.S.T.D.A. *A Heterocidade Fundante de Classes Multisseriadas do Meio Rural; Entre a Persistência do Passado e as Imposições do Paciente*, Salvador, 2004.
- RAMALHO, C.I. *Licuri (Syagrus coronata)*. Disponível em: <http://www.cca.ufpb.br/lavouraxerofila/pdf/licuri.pdf>. Acesso em 15 mai 2009.
- RUSCHEINSKY, A. *Educação Ambiental: abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SALES, A.A.C. Entre águas: memória e cotidiano das lavadeiras do rio Acaraú em Sobral-CE. In: ENECULT, 7, 2011, Salvador. *Anais...* Salvador: 2011. Cd-Rom.
- SANTOS, C.M.A. *Erosão no Baixo São Francisco Sergipana e os Mecanismos de Desestabilização dos Taludes na Margem do Rio*. 2002. Dissertação, (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2002.
- SANTOS, B.S. *La reinvenición del Estado y el estado plurinacional*. Santa Cruz de la Sierra: Alianza Interinstitucional CESNDA-CEJIS-CEDIB, 2007. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/publicacoes/outras/200317/estado\\_plurinacional.pdf](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/outras/200317/estado_plurinacional.pdf)>, acesso: 25 jul 2010.
- SARAIVA, M.G.A.N. *O Rio Como Paisagem, Fundação para Ciência e Tecnologia*, 1999.
- SATO, M. *Educação ambiental*. São Carlos: Rima, 2004.
- SENA, M.G.C. *A educação das crianças: representação de pais e mães das camadas populares*. Dissertação (Mestrado em psicologia) Instituto de Psicologia /USP, São Paulo, 1991.
- \_\_\_\_\_. A Participação das Mulheres e sua Importância nos Segmentos da Cadeia Produtiva. *Revista Bahia Agrícola*, v.5, n.3, Julho, 2003.



SILVA, L. M.; SOUZA, E. H.; ARREBOLA, T. M.; JESUS, T. A. Ocorrência de um surto de hepatite A em três bairros do município de Vitória (ES) e sua relação com a qualidade da água de consumo humano. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 6, p. 2163-2167, 2009.

SILVA L.P.; CONDURU, M.T.; WILSON, E.O. *Biodiversidade*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1997.

SOARES, A.M.D. *Política educacional e configurações dos Currículos de formação de técnicos Em agropecuária, nos anos 90: Regulação ou emancipação?* Tese. (doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Instituto de Agronomia, Seropédica. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Ensino técnico e formação profissional: trajetórias, movimentos, contrapontos e perspectivas. Seropédica: *Edur. RETTA*, v.1, n.1, p.41-59, 2010.

SOARES, A.M.D.; OLIVEIRA, L.M.T.; MENDONÇA, P.; BARBOSA, S.C. Desenvolvimento rural e educação: um olhar sobre um programa municipal de desenvolvimento rural sustentável com base na agroecologia. In: ENCONTRO DA ANPPAS, 2, 2004, Indaiatuba. *Anais...* Indaiatuba: 2004. Cd-Rom.

SOARES, A; L. R. Antecedentes indígenas: pré-história compacta do Rio Grande do Sul. PortoAlegre; Martins Livreiro –Editor , 2005.

SOARES, C.C.M. Mulher Negra na Bahia no Século XIX. *Revista da ABPN*, v.2, n.5, p.169-172, 2011.

SOUZA, J.S. Apresentação do Dossiê: a reforma neoliberal da formação para o trabalho no Brasil. Seropédica: *Edur. RETTA*, v.1, n.1, p.13-20, 2010.

SCOTTO, G. (coord.). (1997). Conflitos ambientais no Brasil – natureza para todos ou somente para alguns? Rio de Janeiro: IBASE.

TEDESCO, J.C. Terra, Trabalho e Família: racionalidade produtiva e ethos camponês. Passo Fundo: EDIUPE, 1999.

TEIXEIRA, P.R. *A Visão da População de Mostardas e Tavares – RS Sobre a Contribuição do Turismo no Parque Nacional da Lagoa do Peixe ao Desenvolvimento Local*. Dissertação (Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul) Caxias do Sul, 2009.

VERGENE, C.; ARAÚJO M.F.; CARVALHO A.F.; SANTIAGO, E.V.R. *Grafiteiros de Ontem: Desvendando os Registros Rupestres*. Pré-Históricos, Max. UFS, Série Didática3. 2005.

VIEIRA, T.C.M. *Quando o vazio do rio espelha o vazio existencial: uma interpretação fenomenológica do sentido de ser ribeirinho*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – UFS, Núcleo de Pós-Graduação e Estudos do Semi-Árido, Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, São Cristóvão Universidade Federal de Sergipe, 2004.

WITTACZIK, L.S. *Educação Profissional no Brasil: Histórico. Atualidades Tecnológicas para Competitividade Industrial*, Florianópolis, vol.1, 2008.

## **7 ANEXOS**

**Anexo A – Inscrição do IF - Campus São Cristóvão na VI Olimpíada Ambiental Sergipe na Rio + 20: Rumo ao desenvolvimento sustentável - Educação ambiental e população tradicional ribeirinha “Águas do rio Poxim Açú Mirim no entorno do IFS - Campus São Cristóvão”**

**VI Olimpíada Ambiental**  
SERGIPE NA RIO + 20: RUMO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

<b>Menu Principal</b>	E-mail: <a href="mailto:cmfrecristovao@gmail.com">cmfrecristovao@gmail.com</a>
:: Início	68 - Escola Municipal Adelina Maria de Santana Souza
:: Regulamento	Razão Social: CNPJ: Registro:
:: Quem Pode Participar	Telefone: Endereço:
:: Como Participar	3631-6546 Praça Sebastião Garcez, 78 - Centro
:: Modalidade	Responsável: Mariza Patrícia Fontes Cruz
:: Categoria	E-mail: <a href="mailto:m.paty.cruz@hotmail.com">m.paty.cruz@hotmail.com</a>
:: Etapas Classificatórias	
:: Comissão Julgadora	
:: Premiação	69 - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe- Campus São Cristóvão
:: Disposições Gerais	Razão Social: CNPJ: Registro:
:: Download - ficha do aluno - entrega do trabalho	Telefone: Endereço:
:: Download - ficha do professor - entrega do trabalho	79 37113050 BR-101, Km 96, Povoado Quissamã, São Cristóvão- Sergipe
<b>I Olimpíadas</b>	Responsável: Alfredo Franco Cabral
	E-mail: <a href="mailto:comunicacaosc@ifs.edu.br">comunicacaosc@ifs.edu.br</a>
<b>II Olimpíadas</b>	
	
<b>III Olimpíadas</b>	

**Anexo B** – Poema do Educando do IF - Campus São Cristóvão, inscrito na VI Olimpíada Ambiental Sergipe na Rio + 20: Rumo ao desenvolvimento sustentável - Educação ambiental e população tradicional ribeirinha “Águas do rio Poxim Açú Mirim no entorno do IFS Campus São Cristóvão”

### **Sentimentos do Poxim Açú Mirim**

Oh rio de águas verdes,  
Como és belo e profundo,  
Quando olhamos para ti,  
Encontramos um novo mundo.

Oh rio de águas verdes,  
Cheio de beleza e esperança,  
Tão meigo e pequeno,  
Que parece uma criança.

Oh rio de águas verdes,  
Sua ponte, não é de concreto, não é de ferro e nem de cimento,  
É a união do povo,  
Que se soma a cada elemento.



Deyvid Andrade  
hackergringo@gmail.com  
Série: 1 Turma: D  
Curso: Manutenção e suporte de informática  
Professora Orientadora: Lindamar Oliveira

Anexo C – Textos dos educandos durante as aulas de preparação para a caminhada transversal

31 • 10 • 11

nome: Julieth Souza - 1º D

"Água, vida e alegria  
no Semiárida"

Comentário:

- O mandacaru é representado como o herói, por ser um símbolo do sertão, ajudando quem precisa e ensinando lições a quem está fazendo coisas erradas, ajudando a conservar a água do nosso planeta, não lavando os animais próximo aos rios, pois podem contaminar a todos, trazendo doenças para a população, as crianças aprendem com ele e encontram um novo amigo.

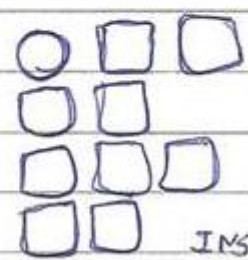
Profª: Lindamar

( / / )  
Lucas MacAllyster B. da Silva IFS-CSC

1:0

Muito bom uma representação de netão atencioso,  
do mandacaru, e que mostra também  
a toda qual a figura principal e que  
mais representa o netão.

Além do mais, melhor ainda, fala  
sobre a preservação da água, e sobre  
doenças que são transmitidas por  
animais quando lavadas em rios,  
e mostra como se comportar  
sobre isso. Vamos nos conscientizar.



INSTITUTO FEDERAL

SERGIPE - Campus São Cristóvão

by: d. macallyster

31/10/11

DXTCESS

## Água "Vida e Aleyria no Seminário"

há história em desenho animado retrata a vida no sertão, as dificuldades com a seca e os problemas com a qualidade da água nos açudes.

Pessoas dão banho em animais causando vermes, colera e problemas com a saúde.

Um mandacari chamado "Caru" ensina as pessoas da região a preservar o açude e a saúde das pessoas da região. Ensinando que para dar banho se pega um balde com água e banhar o animal fora do açude do rio.

Aluno: Huston Carlos Fábio da Silva

Turma: 1º D





## Redação sobre o vídeo

Série: 1º D

Aluna: Andreza Mikelle S Reis

### Realidade do sertão

O vídeo fala sobre as crianças que saíram da escola e foram brincar de bola no campo, quando estavam jogando, de repente apareceu o monstrozinho, surpresas para as crianças.

Quando as estavam jogando, encontraram com uma menina, que estava triste e cansada de tanto carregar baldes de água, então as crianças decidiram ajudá-la e foram com ela ao rio.

Quando lá encontraram a água poluída, e havia um homem sacando seu lixo que ia passar sua sujeira, carapatas para a água que muitas bebem dela. E podia passar doenças como: diarreia, febre, cólera, etc.

Então o vídeo falou sobre a qualidade do sertão que muitos sofrem por não ter água limpa e ter que viver com a água poluída.

1º 20

33 30 33

Quem: Maria Zilda R. Souza  
Tema: 1º 20



### Relatório

Um grupo de crianças que após sair do lado de outro, se divertiu jogando bola, daí recebeu um mandacaru que se chama amendo; deu água em um bisco de água, a caminho do bisco não comestendo nada as benfícios que a água traz, como veria se todas preserva-se o maracário...

Após chegou ao rio se decepcionaram com o curso que viraram "Um bisco de amendo e o amendo foi comestor com o bisco, um entender o intender pelo "e porque" as crianças então explicou que as benfícios do bisco e as benfícios que o bisco possui, mas pensar para a não onde o pessoal usa para beber, limpar, cozinhar, lavar...

Comentário: estava um divertido, mas após ver esse vídeo vi que sou capaz de preservar e ajudar a preservar o rio Sergipe e os demais...

31/10/2014

Mariona Souza

1º D



Um grupo de crianças da região semi-árida aprendem com a ajuda de um mandacaru (planta) a cuidar da água da fonte do seu povoado.

Elas conscientizam as pessoas de sua região de que é importante manter a água limpa para melhorar a saúde da comunidade.

É um bom exemplo de que o companheirismo ajuda a manter boas amizades e também a conscientização ambiental.

Aluna = Flávia de Jesus Santos

Série = 1º

Data = 01/11/11

prof: Lindamar

O filme relata as dificuldades que o sertanejo enfrenta em relação à água.

Ele pegou água em um açude que, além de ser longe de suas casas, está sujeito à poluição pois os próprios moradores de lá, banham seus animais.

O filme traz à tona a importância da informação com o de conhecimento básico nessas localidades.

Devemos seguir esse exemplo pois, apesar de vivermos em uma localidade com muita água, sabemos que ela não é eterna, a não ser que cuidemos dela.

23/01/2012  
Aluno: Jailson Menezes Série = 2º "A"  
Relatório Sobre a Gineana

Nós saímos da escola às 8:00 em direção ao IFS Aracaju quando chegamos lá já chegam as pessoas dançando, pulando, e cantando.

Nós conseguimos arrecadar muitas kg de alimentos para a Gineana foi festa a manhã toda 11:30 retornamos a escola para almoçar 13:30 fomos novamente ao IFS Aracaju ganhamos em muitas requisitas e perdemos em alguns requisitas. Também, foi muito bom mas melhor ainda foi quando ganhamos a Gineana ficamos muito alegres, tentamos invadir a quadra, mais o professor Marcos não deixou depois de uns minutos ele liberou a passagem e quase a galera ~~passou~~ passou por cima dele, depois que ganhamos teve alguns premios e os que concorreram aos premios aceitaram sortia os premios com os outros e no dia do sorteio tinha todas as salas menos a do 2º "A" ficamos muito chateados mais os premios eram deles e nós do 2º "A" não podíamos falar nada.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe - São Cristóvão  
 Juliana Patricia Costa de Sousa 1.º B Agrimensura  
 Prof.ª Lindamar - Arte e Educação

## Relatório sobre a Caminhada Ecológica até o Cajueiro

Na tarde do dia 10 de novembro de 2011 nós alunos do 1.º B saímos às 13h:30m para uma caminhada ecológica até o povoado do Cajueiro nas imediações do IFS-SC, com o objetivo de conhecer o trabalho das lavadeiras do povoado.

No caminho encontramos peculiaridades próprias da vegetação local, como plantas, árvores, insetos e o próprio rio Poço do Peixe que contribui para a divisão do território que faz parte da escola e o terreno que era da escola e foi cedido a Universidade Federal de Sergipe, que após isso tem e mandou construir uma pequena ponte para facilitar o acesso ao terreno para realização de práticas.

Ao chegarmos ao povoado após uma caminhada de uns 20 minutos constatamos com certa surpresa a simplicidade do local como após anos de existência o local pouco evoluiu, pois nem escola própria eles têm. As crianças tem de se deslocar até o Fuzão que é um pouco distante e serve de ajuda para o Exército treinar o seus soldados.

Com conversa com uma moradora local, a professora Lindamar perguntou se as lavadeiras ainda iam lavar roupa no rio, elas responderam que não iam mais com tanta frequência pois a água do rio está cada vez mais suja e a violência também deixa as moradoras com medo, pois a alguns meses um homem foi morto e

**Anexo D – Mapas mentais - Criação das Lavadeiras de roupa do Rio Poxim-Açu do entorno do IFS - Campus São Cristóvão-SE**



Innamata 35 anni



**Anexo E – CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC – 01/2012 Projeto Mulheres Mil**



MINISTÉRIO DA  
SECRETARIA DE  
E TECNOLÓGICA  
Esplanada dos Ministérios,

EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Bloco L, Anexo I, 2º andar, Sala

211

Brasília – DF – CEP: 70.047-900 – Telefone: (61) 2022-8671

CHAMADA PÚBLICA MEC/SETEC – 01/2012 –  
RESULTADO DA PRÉ-SELEÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL MULHERES MIL  
REGIÃO NORDESTE

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Sergipe

- Campus São Cristóvão
- Campus Estância



## Anexo F – Convite para oficina de formação do programa nacional “Mulheres Mil”



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**  
Coordenação Geral de Relações Institucionais e Projetos Especiais

**CONVITE**

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC), por intermédio da Coordenação Geral de Relações Institucionais e Projetos Especiais, tem a honra de convidar a Vossa Senhoria para 1ª Oficina de Formação de Gestores do Programa Mulheres Mil “Metodologia de acesso, Permanência e êxito”, no período de 21 a 25 de maio de 2012.

Data: 21/05/2012  
Horário: 14h  
Local: A definir  
(61) 2022-8670

**STELA MÁRCIA MOREIRA ROSA**  
Coordenadora Nacional Mulheres Mil

**Anexo G** – Certificado de participação da oficina de formação do programa nacional  
“Mulheres Mil”



## PROGRAMAÇÃO DA OFICINA DE FORMAÇÃO DO PROGRAMA NACIONAL MULHERES MIL

- **Sistema de Acesso, Permanência e Êxito**
    - Contextualização e antecedentes
  - **Módulo do Sistema - Acesso**
    - Contextualização, conceitualização e objetivos
    - Implementação do Sistema de Acesso – Estrutura e suporte
    - Elaboração do Plano de Acesso ao Instituto Federal
    - Implementação dos Serviços de Acesso: Processos e Serviço
  - **Metodologia de Avaliação e reconhecimento de Aprendizagem Prévia - ARAP**
    - Concepção e aspectos introdutórios
    - Construção do Mapa da Vida
    - Construção do portfólio de aprendizagem prévia
  - **Rede CERTIFIC - Rede Nacional de Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada**
  - **Plano Educacional e Itinerário Formativo**
    - Identificação dos objetivos acadêmico-escolares e de suas lacunas de conhecimentos
    - Identificação dos objetivos de emprego e renda e das lacunas de conhecimentos
    - Elaboração do relatório de competências e habilidades certificadas e de aprendizagem previamente adquirida
    - Construção do itinerário formativo para as mulheres
    - Construção do Módulo Educacional Central
  - **Construção dos cursos possíveis de integrar o itinerário formativo das mulheres:**
    - Alfabetização
    - Formação Inicial e Continuada
    - Proeja Fundamental
    - Formação Profissional e Tecnológica de Jovens e Adultos - Proeja Técnico – Médio Integrado
    - Cursos de aperfeiçoamento, especialização e atualização
    - Curso de Graduação Tecnológica e licenciaturas
  - **Inserção das mulheres nos cursos estruturados e nos programas já existentes no Instituto Federal de acordo com o seu perfil educacional e do seu itinerário formativo**
  - **Construção da rede de parceiros na viabilização da oferta educacional e no desenvolvimento da trajetória do itinerário formativo**
- **Módulo do Sistema - Permanência e Êxito**
    - Conceitualização e Objetivos
    - Implementação do Sistema de Permanência e Êxito
    - Acesso e Permanência no Mundo do Trabalho
    - Concepção, Conceitualização e Objetivos
    - Estruturação e Integração dos Serviços de Acesso e Permanência no Mundo do Trabalho
  - **Planejamento e Gestão**
    - Princípios, Objetivos
    - Matrizes Gerais para o planejamento
    - Diretrizes, Metas e Ações Prioritárias por Dimensão Estratégica
  - **Modelo de Gestão do Programa**
    - Comitê Nacional
    - Comitê Executivo Nacional
    - Comitê Executivo Local
    - Centro de Referência Mulheres Mil
  - **Termo de Cooperação IF/SETEC**
  - **Plano de Trabalho – IF/SETEC**
  - **Ferramenta para gestão do Programa**
  - **Comunicação e Disseminação da Informação**
    - Concepção, conceitos, objetivos
    - Estratégias/ações
    - Disseminação de informações e sistematização da metodologia
    - Integração das mulheres do Programa
    - Elaboração do Plano de Comunicação e Disseminação da Informação
    - Produção técnica científica referente ao sistema de acesso

## Anexo H – Termo de cooperação do projeto “Mulheres Mil”

SETEC/MEC		TERMO DE COOPERAÇÃO		
<b>DADOS DO ORGAO OU ENTIDADE PROPONENTE</b>				
1 CNPJ <b>13.087.077/0001-92</b>		2 RAZÃO SOCIAL <b>INST. FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SERGIPE-IFS.</b>		
3 ENDEREÇO <b>AV.GENTIL TAVARES DA MOTA, 1166</b>		4 BAIRRO OU DISTRITO <b>GETÚLIO VARGAS</b>		5 MUNICÍPIO <b>ARACAJU</b>
6 UF <b>SE</b>	7 CEP <b>49055-260</b>	8 DDD <b>79</b>	9 TELEFONE <b>3711-3158/3100</b>	10 FAX
11 E-MAIL <b>gabinete.reitoria@ifs.edu.br</b>		12 CÓD. UNID. GESTORA <b>153027</b>		13 CÓD. DA GESTÃO <b>153027</b>
<b>REPRESENTANTE LEGAL DO ORGAO OU ENTIDADE PROPONENTE</b>				
14 CPF		15 NOME DO REPRESENTANTE LEGAL <b>AILTON RIBEIRO DE OLIVEIRA</b>		
16 ENDEREÇO <b>AV.GENTIL TAVARES DA MOTA, 1166</b>		17 BAIRRO OU DISTRITO <b>GETÚLIO VARGAS</b>		18 MUNICÍPIO <b>ARACAJU</b>
19 UF <b>SE</b>	20 CEP <b>49055-260</b>	21 DDD <b>79</b>	22 TELEFONE <b>3711-3158/3100</b>	23 FAX
24 E-MAIL <b>ribeiro_se@yahoo.com.br</b>		25 NÚMERO DA CÉDULA DE IDENTIDADE <b>215250</b>		
26 DATA DA EMISSÃO <b>SSP/SE</b>	27 ÓRGÃO EXPEDIDOR	28 MATRÍCULA	29 CARGO <b>REITOR</b>	
<b>DADOS DO ORGAO OU ENTIDADE CONCEDENTE</b>				
30 CNPJ <b>00.394.445/0532-13</b>		31 RAZÃO SOCIAL <b>SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA</b>		
32 ENDEREÇO <b>ESPLANADA DOS MINISTÉRIO BLOCO L , 4º ANDAR – ED. SEDE</b>		33 BAIRRO OU DISTRITO <b>ASA NORTE</b>		34 MUNICÍPIO <b>BRASILIA</b>
35 UF <b>DF</b>	36 CEP <b>70047-900</b>	37 DDD <b>61</b>	38 TELEFONE <b>2022-8597</b>	39 FAX
40 E-MAIL		41 CÓD. UNID. GESTORA <b>150016</b>		42 CÓD. DA GESTÃO <b>1</b>
<b>REPRESENTANTE LEGAL DO ORGAO OU ENTIDADE CONCEDENTE</b>				
43 CPF		44 NOME DO REPRESENTANTE LEGAL <b>MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA</b>		
45 ENDEREÇO <b>SHIS QI 21 - C.J. 5 - CASA Nº 11 -</b>		46 BAIRRO OU DISTRITO <b>LAGO SUL</b>		47 MUNICÍPIO <b>BRASILIA</b>
48 UF <b>DF</b>	49 CEP <b>71655-250</b>	50 DDD <b>O61</b>	51 TELEFONE <b>2022-8597</b>	52 FAX
53 E-MAIL		54 NÚMERO DA CÉDULA DE IDENTIDADE <b>90,780,875</b>		
55 DATA DA EMISSÃO <b>18/11/1988</b>	56 ÓRGÃO EXPEDIDOR <b>SSP/SP</b>	57 MATRÍCULA	58 CARGO <b>SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA</b>	
<b>59 OBJETO E JUSTIFICATIVA DA DESCENTRALIZAÇÃO DO CREDITO</b>				
<p>O Campus São Cristóvão do IFS, encontra-se situado no Povoado Quissamã, no município de São Cristóvão, 4ª cidade mais antiga do país e que possui um conjunto arquitetônico tombado como patrimônio histórico-cultural da humanidade pela UNESCO, a Praça São Francisco. O Campus localiza-se, portanto, na periferia do município, numa região dominada por pequenos povoados, todos com baixo Índice de Desenvolvimento Humano e com dificuldades que passam por condições de acesso a falta de atendimento do poder público, no que tange a escolas, clínicas de saúde, saneamento básico e segurança alimentar. Grande parcela das famílias que residem nos povoados do entorno da instituição (Pov. Bitá, Pov. Lavadeira, Pov. Cardozo, Pov. Feijão, Pov. Cajueiro, Pov. Quissamã, etc.), sobrevivem com renda <i>per capita</i> familiar que varia de 0,5 a 1 salário mínimo. É comum as mulheres que habitam nestes povoados desempenharem trabalhos que possuem um baixo retorno salarial, sendo os mais recorrentes, lavar roupa e extrativismo animal (pesca de subsistência) e vegetal (extração de frutas nativas para consumo próprio e para produção de doces e licores, destinados a comercialização), além de na sede do município, onde existem alguns rios, desempenharem tarefas acessórias as dos homens na pesca de peixes, mariscos e camarões. Desta forma, observando-se tal realidade, o Campus São Cristóvão almeja qualificar profissionalmente <b>50 (cinquenta) mulheres que vivem nos povoados do entorno da instituição</b> e, mais <b>50 (cinquenta) da sede do município</b>, na <b>área de processamento de frutas e de pescado</b>, aproveitando-se das atividades já desempenhadas por elas e da experiência do Campus nestas áreas, visto já haver um Curso Técnico de Nível Médio em Agroindústria que trabalha com tais qualificações, funcionando a mais de 10 anos, reconhecido em nosso estado. Cabe ressaltar, ainda, que o Campus está localizado em região privilegiada no que diz respeito aos recursos naturais, visto que possui um resquício de Mata Atlântica, que conta com várias frutíferas nativas e, ainda, o Rio Poxim-açu, que abastece uma pequena parcela da região metropolitana, sendo que parte do seu curso dá-se por dentro da área da instituição. Isto posto, o Campus São Cristóvão se habilita como mais um pólo do Programa Mulheres Mil, qualificando profissionalmente e perspectivando a melhoria da qualidade de vida de mulheres são-cristovenses.</p>				
61 PROGRAMA DE TRABALHO <b>12.363.1062.6380.0001</b>	62 AÇÃO <b>6380</b>	63 DESCRIÇÃO DA AÇÃO CONSTANTE DA LOA <b>Auxílio financeiro ao estudante</b>		64 NATUREZA DA DESPESA <b>33390.18</b>
		<b>Equipamentos e material permanente</b>		<b>34490.52</b>
		<b>TOTAL</b>		<b>100,000.00</b>
<p>O Campus São Cristóvão se compromete a disponibilizar todos os equipamentos e utensílios necessários para o bom andamento e execução das aulas, além de garantir a reprodução de materiais didáticos, condução para as aulas, alimentação (quando necessário), uniformes, cadernos e demais materiais escolares, dentre outros objetos que garantam o desenvolvimento das aulas e assegurem às estudantes condições favoráveis de aprendizagem.</p>				
<b>67 CRONOGRAMA DE DESEMBOLSO (EM R\$ 1,00)</b>				
68 Nº DA PARCELA	69 AÇÃO	70 MÊS DA LIBERAÇÃO	71 VALOR	72 PERÍODO DE EXECUÇÃO
	<b>6380</b>	<b>Jul-12</b>	<b>R\$ 100,000.00</b>	<b>agosto/2012 a julho/2013.</b>
<b>74 ASSINATURAS</b>				
LOCAL E DATA				
_____ ASSINATURA DO PROPONENTE			_____ ASSINATURA DO CONCEDENTE	